

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS JOVENS DO GRUPO  
MARIA ESPERANÇA SOBRE A EDUCAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO  
DAS ANTIGAS ALUNAS DOROTÉIAS**

**DÉBIA SUÊNIA DA SILVA SOUSA**

**JOÃO PESSOA – PB  
SETEMBRO - 2006**

DÉBIA SUÊNIA DA SILVA SOUSA

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS JOVENS DO GRUPO MARIA  
ESPERANÇA SOBRE A EDUCAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO DAS ANTIGAS  
ALUNAS DOROTÉIAS

Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Educação da  
Universidade Federal da Paraíba como  
exigência parcial para obtenção do  
título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto de Amorim Cardoso

JOÃO PESSOA – PB  
SETEMBRO - 2006

DÉBIA SUÊNIA DA SILVA SOUSA

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS JOVENS DO GRUPO MARIA  
ESPERANÇA SOBRE A EDUCAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO DAS ANTIGAS  
ALUNAS DOROTÉIAS

Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Educação da  
Universidade Federal da Paraíba como  
exigência parcial para obtenção do  
título de Mestre em Educação.

Aprovada em 27/setembro/2006.

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Carlos Augusto de Amorim Cardoso (CE-UFPB - Orientador)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Sheva Maia da Nóbrega (UFPE)

---

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado (UFPB)

A

Ferreira e Josina, orgulhos paternos, eternos companheiros na estrada da vida e primeiros responsáveis pela minha educação.

## RECONHECIMENTOS

A Deus, que sempre está comigo.

Ao orientador institucional prof. Dr. Carlos Augusto de Amorim Cardoso.

À prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sheva Maia da Nóbrega que, apesar de ter se envolvido com este trabalho, já em sua etapa final, assumiu o compromisso de ajudar na continuidade e finalização do mesmo. A essa ajuda, tenho o meu profundo reconhecimento pela sua contribuição significativa, expressa na disponibilidade, na sua competência, seriedade, incentivo e no que pode ser considerado como processo de co-orientação, a partir do momento do exame de qualificação deste trabalho.

Ao prof. Dr. Raimundo Barroso Cordeiro Júnior, pelas sugestões, por ocasião do exame de qualificação.

Às jovens do Grupo Maria Esperança, pela disponibilidade com que participaram deste trabalho, dando-lhe realmente significado. Sem as jovens, as reflexões aqui produzidas não teriam sido possíveis.

À Associação das Antigas Alunas Dorotéia, no nome de Mercês Holanda, membro da referida associação, que sempre mostrou presteza em colocar à minha disposição as informações sobre o Grupo Maria Esperança.

A papai que, apesar de calado, foi um dos grandes incentivadores para que esse trabalho se concretizasse, sempre confiando em mim.

À mãe que, mesmo sendo uma pessoa com pouca escolarização, com o seu jeito próprio de perceber o mundo, foi uma das colunas na construção deste trabalho, principalmente através do seu esforço material.

À prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Lúcia da Nunes, tia e amiga, com (e)terna gratidão, pela sua presença incentivadora em minha vida de estudante; pela acolhida e apoio material, sendo de importância fundamental para a realização concreta deste trabalho; bem como, pela paciência e dedicação com que fez a correção da Língua Portuguesa.

Aos demais familiares que sempre torceram por mim.

À prof<sup>ª</sup>. Nádia Jane de Sousa, pela oportunidade do trabalho em extensão universitária, que me possibilitou os primeiros contatos com as jovens do Grupo Maria Esperança.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, Antonio Carlos, Charliton Machado, Edineide Jezine, Emília Prestes, Iraquitã, Socorro Xavier e Wilson Aragão, pelas discussões em sala de aula.

Aos colegas da 24<sup>a</sup> turma do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, em especial aos colegas da linha de Pesquisa Educação e Movimentos Sociais, Lucicléa, Nelsânia, Isaac e a nossa colega doutoranda Rita Curvelo, pessoas com quem contei durante esse processo.

Às professoras Fátima Elias e Elionita Almeida, amigas, de presença incentivadora em minha vida acadêmica.

Ao Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação, Linguagens e Práticas Sociais (GIEPELPS), primeiro contato com a pesquisa acadêmica.

A todas as pessoas com as quais tive contato durante a construção deste trabalho que, de um jeito ou de outro, também deram sua contribuição.

Como processo de conhecimento, formação política, manifestação ética, procura da boniteza, capacitação científica e técnica, a educação é prática indispensável aos seres humanos e deles específica na História como movimento como luta. A História como possibilidade não prescinde da controvérsia, dos conflitos que, em si mesmos, já engendrariam a necessidade de educação.

(Paulo Freire).

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo de estudo conhecer as representações sociais que as jovens do Grupo Maria Esperança têm sobre a educação na Associação das Antigas Alunas Dorotéias. O Grupo Maria Esperança existe desde 1997, como parte das ações assistenciais da Associação das Antigas Alunas Dorotéias (AAAD). Essa associação existe na cidade de Cajazeiras, Paraíba, há mais de três décadas, quando começou o desenvolvimento de seu trabalho voltado para o social, na luta por uma creche para abrigar as crianças do Bairro dos Remédios. O trabalho educacional desenvolvido com as jovens do Grupo Maria Esperança na AAAD não parte só das ex-alunas; a associação abre espaço para quem se interessar em contribuir com o processo educacional em formação, destacando-se os seminaristas e a Universidade Federal de Campina Grande, através da extensão universitária. Trata de compreender e analisar as representações sociais que as jovens do Grupo Maria Esperança têm sobre a educação na AAAD, tomando por base a Teoria das Representações Sociais, principalmente os estudos desenvolvidos por Serge Moscovici e Denise Jodelet. Sendo assim, debate o conceito de representação social, suas funções e seus processos de elaboração, no que diz respeito à sua aplicação na educação. Utiliza como aporte metodológico o método qualitativo e quantitativo, aplicando a técnica de Análise Fatorial de Correspondência (AFC), aliada aos Testes de Associação Livre de Palavras (TALP) e às entrevistas. Na tentativa de compreender as representações das jovens do Grupo Maria Esperança sobre a educação na AAAD, verifica que a educação é representada com uma importância significativa na vida dessas jovens, conforme lhes possibilita uma nova leitura de mundo despertando-as para construir novas identidades, para buscar a cidadania e a inclusão social.

Palavras-chave: Representação social. Educação. Cidadania.



## ABSTRACT

This work has as study objective to know the social representations that the youths of the Grupo Maria Esperança have about the education in the Associação das Antigas Alunas Dorotéias. Grupo Maria Esperança exists since 1997, as part of the assistance actions of the Associação das Antigas Alunas Dorotéias (AAAD). That association, exists in the city of Cajazeiras, Paraíba, since more than three decades, when began the development of your work gone back to the social, in the struggle for a creche to shelter the children of the Bairro dos Remédios. The educational work developed with the youths of the Grupo Maria Esperança in AAAD doesn't start only of the former-students; the association opens space for whom to be interested in contributing with the educational process in formation, standing out the seminarists and the Universidade Federal de Campina Grande, through the academical extension. It were understood and analyzed the social representations that the youths of the Grupo Maria Esperança have about the education in AAAD, taking for base the Social Representations Theory, mainly the studies developed by Serge Moscovici and Denise Jodelet. Being like this, we made an effort in debating the concept of social representation, your functions and your elaboration processes, in what concerns to its application in the education. We used as methodological contribution the qualitative and quantitative method, applying the Correspondence Factorial Analysis(AFC), technique, allied to words free association tests and interviews. In the attempt of understanding the youths representation of the Grupo Maria Esperança about education in AAAD, we verified that the education is represented with a significant importance in the life of those young ones, as it makes possible them a new world reading waking up them to build new identities, to look for the citizenship and the social inclusion.

**Keywords:** social representation. Education. citizenship.

## LISTA DE SIGLAS

AAAD – Associação das Antigas Alunas Dorotéias.

ABE - Associação Brasileira de Educação

AFC – Análise Fatorial de Correspondência.

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base.

CFP – Centro de Formação de Professores.

CPF – Contribuição ao fator.

FAFIC - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras.

FUNDAC – Fundação de Desenvolvimento da Criança e do Adolescente.

GIEPELPS – Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação, (Linguagens e Práticas Sociais).

MCP – Movimento de Cultura Popular

MEC – Ministério da Cultura e Educação.

PPGE – Programa de Pós-graduação em Educação.

PROBEX – Programa de bolsa de Extensão

TALP – Teste de Associação Livre de Palavras.

TdL - Teologia da Libertação.

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – Mostra de bordados das Jovens do Grupo Maria Esperança 1999.....	33
FOTOGRAFIA 2 – Praça do Xamegão - 2003.....	35
FOTOGRAFIA 3 - Apresentação das jovens do Grupo Maria Esperança – Xamegão.....	36
FOTOGRAFIA 4 – Vista parcial da cidade de Cajazeiras - 2003.....	38
FOTOGRAFIA 5 – Colégio Diocesano Padre Rolim – 2003 .....	39
FOTOGRAFIA 6 - Centro de Formação de Professores CFP/UFCG – 2003.....	40
FOTOGRAFIA 7 – Avenida Antonio Félix – Bairro dos Remédios – 2006.....	41
FOTOGRAFIA 8 – Jovens do Grupo Maria Esperança em atividades sistematizada de estudo de temas – AAAD – 2002.....	91
FOTOGRAFIA 9 – Jovens do Grupo Maria Esperança - mostra de trabalhos manuais AAAD – 2006.....	94
FOTOGRAFIA 10 – Jovens do Grupo Maria Esperança fazendo bordados –2004.....	98
FOTOGRAFIA 11 – Jovens do Grupo Maria Esperança em atividade dançante –2006..	103

## LISTA DE QUADROS E GRÁFICO

QUADRO 1 – Identificação das jovens do Grupo do Maria Esperança.....	65
QUADRO 2 - Sujeitos contrastes/Sociedade cajazeirense.....	66
QUADRO 3 – Sujeitos contrastes/Jovens do Bairro dos Remédios.....	67
QUADRO 4 - Codificação das variáveis fixas (colunas).....	73
GRÁFICO - Representação gráfica dos fatores 1 e 2 .....	75
QUADRO 5 – Legenda da representação gráfica dos fatores 1 e 2 .....	75
QUADRO 6 – Estímulos e frequências relativas correspondentes.....	79

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I - O OBJETO DO CONHECIMENTO: A ASSOCIAÇÃO DAS ANTIGAS ALUNAS DOROTÉIAS E AS JOVENS DO GRUPO MARIA ESPERANÇA .....	23
1.1 A Associação das Antigas Alunas Dorotéias e os movimentos sociais: tecendo pertinências.....	24
1.2 As jovens do Grupo Maria Esperança: modos e mecanismo de exclusão social.....	28
1.3 A Associação das Antigas Alunas Dorotéias: espaço de construção de um saber?.....	31
1.4 As jovens do Grupo Maria Esperança: a demarcação do espaço urbano.....	38
CAPÍTULO II - A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	43
2.1 Abordagem teórica da pesquisa: a Teoria das Representações Sociais.....	44
2.2 Conceituando Representação Social.....	47
2.3. O processo de elaboração e funcionamento das representações sociais.....	54
CAPÍTULO III - METODOLOGIA DO ESTUDO.....	60
3.1 Processos metodológicos.....	61
3.2 Sujeitos e local da pesquisa.....	62
3.3 Teste de Associação Livre de Palavras.....	63
3.4 As entrevistas.....	68
3.5 Análise quantitativa dos dados.....	70

CAPÍTULO IV - AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS JOVENS DO GRUPO MARIA ESPERANÇA SOBRE A EDUCAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DAS ANTIGAS ALUNAS DOROTÉIAS.....	72
4.1 Interpretação dos dados.....	73
4.2 A maneira de entender as representações no gráfico.....	80
4.3 Algumas conjeturas sobre a educação.....	82
4.4 As representações do Grupo Maria Esperança.....	86
4.5 As representações sobre ser residente do Bairro dos Remédios.....	104
4.6 As representações sobre a sociedade cajazeirense.....	108
4.7 As representações sobre si mesmo.....	110
CONCLUSÃO.....	113
REFERÊNCIAS.....	117
ANEXO A – Teste de Associação Livre de Palavras.....	122
ANEXO B – Tri-Deux Version 1.2 .....	124

## INTRODUÇÃO

Este estudo, *As Representações Sociais das Jovens do Grupo Maria Esperança sobre a Educação na Associação das Antigas Alunas Dorotéias*, está vinculado à linha de pesquisa *Educação e Movimentos Sociais*, do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - Campus de João Pessoa. O mesmo tem como objeto de estudo **saber quais são as representações sociais que as jovens do grupo Maria Esperança têm sobre a educação constituída no espaço da Associação das Antigas Alunas Dorotéias.**

A constituição deste estudo se deu pela vivência passada de moradora da periferia, bem como pela sedução do cotidiano dos jovens que vivem na periferia, seus movimentos culturais e educacionais, como também pela nossa própria experiência de educadora.

O grupo Maria Esperança existe desde 1997, como parte das ações assistencialistas da Associação das Antigas Alunas Dorotéias (AAAD). A Associação das Antigas Alunas Dorotéias, por sua vez, subsiste na cidade de Cajazeiras, Paraíba, há mais de três décadas. As ações assistencialistas de perspectiva social da AAAD se desenvolveram inicialmente na luta por uma creche para abrigar as crianças do Bairro dos Remédios e, posteriormente, na perspectiva de inclusão social, com o surgimento do Grupo Maria Esperança.

Atualmente, além do *Grupo Maria Esperança*, na AAAD encontra-se o *Grupo Esperança*, que é a continuidade daquele. As jovens começam a participar do Grupo Maria Esperança no início da adolescência e quando chegam ao começo da fase adulta ingressam no Grupo Esperança.

A associação diz-se de cunho filantrópico e voluntário. Assim, abre espaço para outros membros da sociedade cajazeirense que desejem trabalhar com os grupos que ali existem. Em termos de segmentos sociais, além das próprias ex-alunas Dorotéias, encontra-se a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), representada por professores, alunos bolsistas do Programa de Bolsa de Extensão (PROBEX), e os seminaristas, mas é sabido que outros sujeitos da referida sociedade também participam ou já participaram dos trabalhos desenvolvidos na AAAD.

No Brasil, as idéias debatidas sobre os assuntos educacionais abrangem vários aspectos da vida cotidiana dos mais variados níveis sociais. Dentre esses aspectos, destacam-se o caráter sócio-cultural da construção da identidade dos educandos, a perspectiva de ingresso no mundo do

trabalho, a própria inclusão e ascensão social. O fato é que muitos jovens almejam atingir tais aspectos pelo viés da formação educacional escolar, isso por terem a representação de que:

O sujeito escolarizado é cercado por sinais que o distinguem do não escolarizado. Ele é geralmente considerado bem sucedido profissionalmente, possui maior poder de consumo, além de gozar de certo prestígio diante de seu grupo; sabe expressar-se com fluência, desenvolve argumentos bem estruturados, e muitas vezes é procurado pelos outros de seu grupo por ser considerado como o que detém saber; acaba virando a referência entre os seus. Somado aos seus atributos intelectuais, ele diferencia-se também por seus atributos comportamentais e atitudinais, é visto como bem educado, *“aquele que sabe entrar e sair dos lugares sem fazer vergonha”*. (LINS; SANTIAGO, 2003. p.402).

Contudo, a literatura educacional dá conta da questão do fracasso escolar:

Os dados estatísticos do Ministério da Educação e do Desporto-MEC demonstram que a reprovação na 1ª série mantém-se desde 1980 em mais de 50%, e que são reservados aos alunos evadidos e repetentes em torno de 57% das matrículas no 1º grau. (LINS; SANTIAGO, 2003. p.391).

Esses dados nos levam ao questionamento: por que tantos jovens freqüentam a escola e não se encontram satisfeitos com o cotidiano do processo educacional que vivenciam, por isso buscam outros espaços de construção do conhecimento? É seguindo o pensamento de tal indagação que percebemos a inquietação das organizações que não integram o Estado nem estão diretamente ligadas ao Governo atuando no campo educacional, principalmente com os sujeitos que se encontram desfavorecidos socialmente.

Poderíamos citar várias lacunas que impedem a escola de desenvolver um processo educacional de proposição do crescimento integral dos educandos. Dentre as falhas do sistema escolar, no que concerne ao processo de aprendizagem dos educandos numa perspectiva de construção do conhecimento para a “vida”, primeiro acreditamos que a ação pedagógica educativa escolar não é entendida como uma ação política, objetivando mudar as relações de “injustiça” presentes na vida da comunidade escolar e reduzir as desigualdades sociais. Depois,



entendemos que, na maioria das vezes, a ação pedagógica não é planejada levando em conta a realidade dos educandos, ou seja, as relações de valores em que estão inseridos.

Ainda nessa perspectiva, percebemos que na maioria das vezes a escola trata os educandos como uma página em branco, esquecendo que os mesmos têm conhecimentos e experiências acumuladas, ou seja, uma história pessoal e coletiva e um conhecimento sobre a realidade do mundo do qual fazem parte. Ademais, o sistema escolar em sua organização estrutural e curricular, quase sempre, tolhe nos educadores a expectativa de que eles também são fontes de conhecimento acumulado, como conseqüência dificulta o acesso dos educandos a conteúdos a que, por razões sócio-econômicas-culturais, dificilmente têm acesso. Da mesma forma, reforça situações de desigualdade de aprendizagem, como também contribui para o fracasso escolar.

Também diríamos que no processo de ensino-aprendizagem sempre estão em questão as relações de poder, muitas das quais respaldadas em relações sociais. Com isso, queremos dizer que na decorrência prática desse processo, quase sempre as diferenças de classe, de raça, etárias e sexuais, não são consideradas, mas, geralmente são caladas.

Por fim, destacamos o processo de avaliação escolar como sendo um dos grandes propiciadores do fracasso e da insatisfação escolar dos educandos. Justificamos esta afirmação pelo fato de o sistema escolar e o sistema acadêmico educacional, na maioria das vezes, não considerarem que a avaliação tem que estar a serviço de algum objetivo, nesse caso o objetivo básico deve ser a formação integral do educando. A verdade é que, no decurso prático dos espaços educacionais, esse processo ainda vem acontecendo como um instrumento que o professor usa para se impor junto aos alunos, para forjar a disciplina e para praticar sua autoridade e, conseqüentemente, servir como um modelo de enquadramento das condutas cognitivas e sociais dos educandos.

No caso do nosso estudo, todas essas questões que impedem a educação escolar de ser entendida efetivamente como uma educação de qualidade estão inseridas nas representações sociais que as *Jovens do Grupo Maria Esperança* têm da educação escolar, às vezes de maneira explícita, noutras subentendidas, como posteriormente podemos constatar no conteúdo dos seus discursos. Não é que as jovens do Grupo Maria Esperança desconsiderem a escola, mas a maneira como a mesma tem se apresentado não está sendo capaz de ajudá-las nas questões cotidianas de suas vidas.

## **Precedentes pessoais**

[...] assim como seus informantes, o pesquisador é um animal social. Tem um papel a desempenhar, e as demandas de sua própria personalidade devem ser satisfeitas em alguma medida para que ele possa atuar com sucesso.  
(WHYTE, 2005, p.283)

Temos as nossas origens ligadas à periferia. Talvez esse fato nos tenha despertado o interesse em trabalhar com jovens residentes nesse espaço físico-social, desde a época da graduação e continuado no mestrado.

Mesmo morando na periferia, pertencendo a uma família de origem pobre, com pai e mãe que tiveram pouquíssima formação escolar, foi-nos passado um grande incentivo à valorização da escola como um meio de ascensão cultural e social. Apesar de, em nossa família, até aquele momento só tínhamos uma pessoa que estava enveredando pelo lado do estudo, uma tia que até hoje é um exemplo de conquista para nós, através do constante ato de estudar.

Assim, desde cedo, nos primeiros anos da vida educacional institucionalizada, fomos sentindo a necessidade de ter bom êxito escolar, principalmente porque estudávamos em um colégio, à época, considerado o melhor da cidade de Catolé do Rocha e da região circunvizinha (com bolsa, pois nosso pai era assalariado e nossa mãe trabalhava em cooperativa e não tinham condições de custear nossos estudos), convivendo com outras crianças pertencentes a classes sociais mais privilegiadas da cidade, sofrendo preconceitos em relação à classe social na qual estávamos inseridas e ao local em que residíamos. Quando havia trabalho em equipe sempre tínhamos que ir para a casa das colegas, se não quiséssemos ficar sem realizar a atividade proposta. A discriminação acontecia não por sermos negra e sim por morarmos no bairro da Várzea, periferia da já referida cidade. Um bairro cuja maioria dos seus habitantes é constituída, ainda hoje, por indivíduos desempregados, assalariados, empregadas domésticas e trabalhadores rurais.

Nessa perspectiva, enquanto trabalhávamos com o Grupo Maria Esperança nos foi possível ficar ciente do fato de que as jovens que estudavam em instituições escolares da rede privada também passavam por situações de exclusão parecidas com a nossa. Essa constatação justifica a

exposição do parágrafo acima. Isso porque, entendemos que as conversações, as observações que fazíamos de suas fisionomias, de seus gestos enquanto narravam as suas experiências em relação a sentirem-se excluídas no ambiente escolar onde estudam, são fatos que assumem uma espécie de forte narrativa constituinte, provavelmente, de uma relação como uma nova concepção das relações sociais e do encontro com o outro.

Essa coleta de informações sobre o sentimento das jovens em questão desassossega o nosso olhar de pesquisadora, ainda mais que o sentimento das jovens nos remete à nossa história de vida. As memórias de nossa vida, aqui relatadas, aparecem comprovando um dos aspectos da nossa forma de percepção do cotidiano em comum com alguns aspectos que também se configuram na leitura do cotidiano das jovens do Grupo Maria Esperança, sujeitos centrais desta pesquisa. Com esta compreensão, esperamos que a abordagem à questão das memórias possa ser tomada no sentido posto por Morais (2003.p. 09): “Porque são memórias, implicam em construção, desconstrução, exclusão, inclusão, recuos, avanços, tensão, medo de se expor para, finalmente, selecionar o que se permite emergir das lembranças julgadas perdidas no tempo”.

## **A vida acadêmica e profissional**

Em 1999 ingressamos no curso de graduação em Pedagogia na atual Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - Campus de Cajazeiras- Paraíba, antigo Campus V da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Enquanto fazíamos esse curso, fomos aprimorando nossos conhecimentos sobre as práticas educacionais. Paralelamente às tarefas cotidianas que o curso de graduação suscitava, lecionávamos em escolas particulares e públicas da cidade e percebíamos que o sistema escolar que temos ainda trata com indiferença o educando da periferia, estigmatizando-o com conceitos pré-formados. A escola, em geral, desconsidera as desigualdades de acesso aos conhecimentos científicos, concedendo privilégio aos que estão imersos nos seus padrões culturais e excluindo das mais variadas maneiras os educandos oriundos das camadas populares que não conseguem chegar à compreensão da valorização do acesso à escolarização como uma forte perspectiva de ascensão social.

A nossa participação no Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação, - Linguagens e Práticas Sociais - (GIEPELPS) também foi de grande importância para as nossas reflexões sobre a problemática educacional brasileira. O GIEPELPS foi formado em janeiro de 2001, estabelecendo-se como um desdobramento do “Curso Básico sobre Representações Sociais”, realizado em outubro de 2000 no Centro de Formação de Professores (CFP) - Campus de Cajazeiras da UFCG. O GIEPELPS é um grupo constituído por professores dos cursos de graduação do CFP, bem como professores de outras instituições de ensino, além de estudantes e funcionários do CFP. Na época de nossa participação, desenvolviam-se estudos sobre a teoria das representações sociais com o objetivo de abrir novas e fecundas possibilidades de abordagem às pesquisas e ao ensino, consolidando a interdisciplinaridade. Durante o percurso no GIEPELPS, participamos da fundação do grupo, como também da elaboração do projeto e do desenvolvimento da pesquisa intitulada “As Representações Sociais dos estudantes do Centro de Formação de Professores acerca da formação acadêmica”. O destaque dado à participação no GIEPELPS, como um elemento importante nos caminhos de constituição desta pesquisa, diz respeito ao entendimento das representações sociais como uma teoria capaz de apreender a interpretação que os indivíduos têm do mundo, considerando a subjetividade e o seu imaginário como elementos constitutivos de suas representações.

Ademais, dividia o nosso tempo com as atividades que o projeto de extensão universitária “Educando com Arte” requeria. Foi como bolsista desse projeto que entramos em contato com o conhecimento sistematizado em volta da insatisfação e exclusão escolar dos jovens do sexo masculino ligados à Fundação de Desenvolvimento da Criança e do Adolescente (FUNDAC) e do sexo feminino, ligadas à Associação das Antigas Alunas Dorotéias (AAAD), oriundos, ambos, dos bairros periféricos da cidade de Cajazeiras.

Assim pensando, estas memórias, numa relação com os fatos do presente, refletem pontos de vistas da questão de muitos jovens freqüentarem regularmente a escola pública e privada formal, mas não estarem satisfeitos com o cotidiano vivenciado no espaço educacional institucionalizado.

## **A elaboração do estudo**

Tendo em conta a nossa experiência como co-partícipe do processo educacional que vem se desenvolvendo na Associação das Antigas Alunas Dorotéias, ficamos mais à vontade para levantar algumas questões, no que concerne ao significado dessa experiência educacional para as jovens do grupo Maria Esperança. Compreendemos que as questões a seguir são significativas para esse estudo de caso, bem como para levantar novos questionamentos para o grupo Maria Esperança, para a AAAD, para a sociedade cajazeirense, enfim, para ampliarmos o debate na área da educação dos movimentos sociais.

O que tem levado as jovens do Maria Esperança a quererem participar do grupo?

Que opiniões as jovens têm sobre a educação constituída, a partir do envolvimento com o grupo e a educação que lhes vem através da instituição escolar?

Fazer parte desse grupo tem alterado o seu comportamento cotidiano, seja em casa, na escola e na rua e como o interpretam?

A educação compreendida na Associação das Antigas Alunas Dorotéias vem estimulando nas jovens do Grupo Maria Esperança iniciativas de intensidade reivindicativa para alcançarem um lugar na sociedade que lhes permita o exercício cabal dos seus direitos de cidadania?

Sabendo que o grupo Maria Esperança foi criado com o intuito de integrar as jovens do Bairro dos Remédios na sociedade cajazeirense, ainda nos interessa saber :

- ✓ O que as jovens do Grupo Maria Esperança pensam de si próprias?
- ✓ O que essas jovens pensam da sociedade cajazeirense?
- ✓ O que a sociedade cajazeirense pensa de si mesmo?
- ✓ O que a sociedade cajazeirense pensa da Associação das Antigas Alunas Dorotéias – Grupo Maria Esperança?

Esses questionamentos são a tentativa de esmiuçar a questão central do estudo: conhecer as representações sociais das jovens do Grupo Maria Esperança em relação à educação na Associação das Antigas Alunas Dorotéias.

Em sua estrutura, essa dissertação está dividida por capítulos, seguidos das considerações finais, das referências e dos anexos.

Na abertura da dissertação, temos o capítulo I, intitulado *O objeto do conhecimento: A Associação das Antigas Alunas Dorotéias e as jovens do Grupo Maria Esperança*, onde se examina a formação do Grupo Maria Esperança no interior da AAAD, como forma principal de inclusão social. Sua exposição organiza-se em quatro momentos contínuos. No primeiro momento, *A Associação das Antigas Alunas Dorotéias e os movimentos sociais: tecendo pertinências*, expomos a AAAD como uma instituição não governamental caracterizada como um movimento social. No segundo momento, a idéia de exclusão social manifestada sob o subtítulo *As jovens do Grupo Maria Esperança: modos e mecanismo de exclusão social*, no qual explicitamos que apesar da exclusão social como conceito só vir à tona no século XX, no cotidiano das sociedades a mesma já existia, para tanto tomamos como exemplo a exclusão referente à posição das mulheres nas sociedades greco-romanas, haja vista que estamos falando no sexo feminino. Não que a questão da exclusão social não aconteça em relação ao sexo masculino em dadas situações. No terceiro momento, evidenciamos o cotidiano das jovens do Grupo Maria Esperança na AAAD, na perspectiva de tal associação ser um espaço de formação de um saber. Nesse sentido, as considerações feitas nessa parte denominada pela seguinte indagação *A Associação das Antigas Alunas Dorotéias: espaço de construção de um saber?*, levam à proposição de que a AAAD é realmente um espaço de construção de um saber, e que tal saber pode ser sintetizado: 1) na prioridade ao trabalho com temas que efetivamente fazem parte da vida real das jovens em questão; 2) no destaque ao estudo religioso; 3) na abordagem à perspectiva do trabalho como um dos meios de inclusão dessas jovens na sociedade. Por fim, no quarto momento, *As jovens do Grupo Maria Esperança: a demarcação do espaço urbano*, temos uma breve apresentação da demarcação do espaço urbano em que as jovens em destaque estão inseridas, no intento de também compreender a cidade como um ponto de referência de suas representações sociais acerca da educação na AAAD.

*A Teoria das Representações Sociais* é o capítulo II, que nos remete à abordagem teórica da pesquisa, estando organizado em três partes. Na primeira parte, *Abordagem teórica da pesquisa: a Teoria das Representações Sociais*, inicialmente apresentamos uma breve discussão sobre a inserção da temática da educação no campo dos estudos em representações sociais, bem como tratamos do surgimento da Teoria das Representações Sociais como uma nova forma sociológica de compreensão da Psicologia Social. Sob o subtítulo *Conceituando Representação Social*, organizamos a segunda parte desse capítulo, em que nos respaldamos na elaboração do

conceito inicial proposto por Moscovici (2003) e de Jodelet (1998), a sua principal propagadora, porém não deixamos de aludir às considerações de outros teóricos quem vêm contribuindo para o alargamento das discussões no campo de trabalho dessa teoria, particularmente aqui no Brasil, tais como, Nóbrega (2003), Sá (1998), Madeira (2003), dentre outros. A terceira parte do capítulo, *O processo de elaboração e funcionamento das representações sociais*, diz respeito ao entendimento da estrutura de elaboração do funcionamento das representações, requerendo o conhecimento de como, para que e por que as representações sociais são criadas.

No capítulo III, tratamos da *Metodologia do estudo*, oferecendo inicialmente os *Processos metodológicos*, no qual enunciamos a ligação entre a teoria e a metodologia. Em seguida, expomos os *Sujeitos e o local da pesquisa*, especificando como se caracterizam o universo e o lócus da pesquisa, adentrando no processo de como se deu a coleta dos dados. Dando continuidade, explicitamos os instrumentos utilizados nas nossas análises, sejam eles: *o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP)*, as *entrevistas* e a *análise quantitativa dos dados*. Finalizamos esse capítulo com o subtítulo *Análise quantitativa dos dados*, quando são feitas as explicações mais estatísticas sobre o método da Análise Fatorial de Correspondência (AFC).

*As Representações Sociais das jovens do Grupo Maria Esperança sobre a educação na Associação das Antigas Alunas Dorotéias* é o IV e último capítulo. Nesse momento, colocamos em evidência a: *interpretação dos dados; a maneira de entender as representações no gráfico; algumas conjeturas sobre a educação; as representações do Grupo Maria Esperança; as representações sobre ser residente do Bairro dos Remédios; as representações sobre a sociedade cajazeirense; as representações sobre si mesmo*. Esse é o capítulo, em que fazemos a análise dos dados obtidos na pesquisa, a partir das representações organizadas no gráfico, bem como das entrevistas realizadas com as jovens do Grupo. Encontramos na última parte deste estudo a *Conclusão* como reunião de todas as análises feitas, no percurso do trabalho, seguidas das *Referências* e dos *Anexos*.

## CAPÍTULO I

### **1 O OBJETO DO CONHECIMENTO: A ASSOCIAÇÃO DAS ANTIGAS ALUNAS DOROTÉIAS E AS JOVENS DO GRUPO MARIA ESPERANÇA**

Este capítulo traz mais informações sobre a Associação das Antigas Alunas Dorotéias, abordando-a na perspectiva dos movimentos sociais e nas suas ações coletivas. Também fazemos menção aos princípios da Teologia da Libertação no processo de formação do grupo, à questão da exclusão social e, particularmente, apontaremos os mecanismos e modos de exclusão a que as jovens em questão estão submetidas. Ainda, tratamos da AAAD como um local de construção de um saber para as jovens do grupo Maria Esperança. Por fim, dissertamos sobre as particularidades pertencentes a tais jovens, em relação à importância de se conhecer a demarcação do espaço urbano como elemento que constitui as suas representações sociais.



## 1.1 A Associação das Antigas Alunas Dorotéias e os movimentos sociais: tecendo pertinências

Podemos dizer que a Associação das Antigas Alunas Dorotéias se encontra no setor das organizações não governamentais que se caracterizam por serem criadas e conservadas na referência ao sentimento voluntário, que dá prosperidade às experiências de caridade, filantropia e de amor à humanidade.

A Associação das Antigas Alunas Dorotéias busca, por intermédio das ex-alunas Dorotéias, ajudar as jovens do Bairro dos Remédios, localizado na periferia da cidade de Cajazeiras, a se incluírem na sociedade local através de um projeto de amparo social, pois as mesmas se encontravam à margem do convívio social, da já referida cidade, por se caracterizarem como adolescentes:

[...] pobres, mal educadas, chamadoras de nomes feios, debochadas, agressivas, as que ofendem, xingam, que cobram, mas não são ouvidas, desacunhadas, que não esperam nada da vida, que apanham, que batem, que sofrem todos os tipos de agressão dos adultos... , que é produto do meio onde convivem. (LIVRO ATA, 1997. p. 01).

Grosso modo, tais características são determinantes para o surgimento do *Grupo Maria Esperança*, constituído por jovens na faixa etária de 11 a 18 anos, um universo de 40 jovens. A maioria delas está no grupo desde o início de sua formação. Em grande parte, as jovens do grupo são naturais do município de Cajazeiras, principalmente da zona urbana, mas também temos jovens oriundas da zona rural e até de outros municípios circunvizinhos.

O grupo surgiu a partir da questão da inclusão social. perpassando o interesse da AAAD, da Igreja e das jovens do Bairro dos Remédios (Grupo Maria Esperança). Dito de outra forma, a partir da união entre os *novos movimentos sociais, as novas maneiras de ser Igreja e os novos atores políticos sociais*.

Nessa perspectiva, entende-se a Associação das Antigas Alunas Dorotéias como uma entidade de movimento social de inclusão, que tem sua formação fundamentada em bases

religiosas da Igreja Católica e as jovens do Bairro dos Remédios, jovens do Grupo Maria Esperança, em processo de formação.

A união entre Movimentos Sociais e Igreja, a contar da década de 1970, em combate à política do regime militar, segue a direção da Teologia da Libertação (TdL) nas práticas de padres, de freiras, de ex-alunas de colégios de freiras progressistas em proximidade com setores organizados ou em começo de organização popular e nas novas formulações de Comunidades Eclesiais de Base – as CEB's. Por conseguinte, no conjunto de preceitos tomados a partir desse encontro que trata de experiências sobremodo contestadoras, esboçadas na tentativa de abrir novos caminhos: clubes de mães que se pospuseram formadores de movimentos feministas políticos, associações de moradores se estabeleceram como movimentos de bairros que reivindicavam muito mais que água e esgoto, pois sua luta alcançava as estruturas sociais e a demanda política, entre muitos outros.

Destacamos que um dos pressupostos básicos da Teoria da Libertação diz respeito à preferência aos pobres, nesse sentido, articula fé com realidade social. Se fizermos uma comparação entre tal pressuposto e o discurso das integrantes da AAAD, contido no Livro Ata do grupo Maria Esperança perceberemos uma nítida influência da TdL:

Num mundo como este, quem não estiver experimentando aspiração de mudanças é porque sente-se satisfatoriamente instalado entre privilegiados com muitas regalias, quem não estiver com desejo de entrar num mundo mais cristão, onde vigore o amor e a fraternidade é porque está garantido pela segurança financeira. (LIVRO DE ATA, 1997. p. 01).

Ainda nessa perspectiva, a AAAD, em suas ações coletivas com o grupo Maria Esperança, procura argumentar, conforme registro no Livro Ata do referido grupo, uma preocupação no sentido de superação da condição de oprimidos em que as jovens se encontram, buscando situá-las no cenário macro das desigualdades sociais. Vejamos o trecho a seguir que se mostra oportuno para evidenciar essa afirmação:

O drama social do país é maior que a capacidade governamental de gerar respostas. A melhor maneira de enfrentar os problemas é ir à luta. Claro que não basta ajudar os outros e deixar de pressionar os governantes. A questão é que só reclamar não basta. É preciso fazer. Iniciado o nosso trabalho, já é possível encontrar transformações que contribuem para atenuar os efeitos da desigualdade e abrem novas esperanças. Ninguém se engane que a filantropia isolada pode diminuir ou eliminar a pobreza, mas ajuda a diminuir o sofrimento

de muitos. Se perguntarem qual é a razão que nos leva a empregar o nosso tempo ligado a essas meninas diremos: a solidariedade que dá sentido a vida não só das beneficiadas, mas também dos que estendem a mão. (LIVRO DE ATA, 1997. p. 03).

Se quisermos encontrar aspectos da filosofia da TdL, verificaremos que as ações da AAAD partem do princípio da presença de Deus, através da solidariedade, como um caminho, uma fonte onde as esperanças se renovam e as utopias se revigoram. Mas as questões da doutrina teológica por si só não bastam, são necessárias posturas críticas sobre os desdobramentos das políticas sociais, econômicas e educacionais do país. Ainda dentro dessa concepção, podemos considerar que a TdL, após a queda do muro de Berlim, a queda do socialismo, e com a apologia à globalização neoliberal, necessita encontrar novas e emergentes motivações para a sua perspectiva temática fundamental, a libertação, que nos dias atuais,

[...] ultrapassa uma leitura sócio-estrutural da realidade para valorizar as culturas (etnias), respondendo ao despertar da consciência negra, aos reclamos dos povos indígenas, da mulher e de certas minorias marginalizadas. Tem-se mais clareza de que a cultura explica a profundidade e a perpetuidade da opressão e procura-se uma cultura da solidariedade, da partilha, do respeito às diferenças, da colaboração a partir das vítimas da história. (LIBÂNIO, 1999. s/p)

Sob essa ótica, a AAAD pode ser caracterizada como uma entidade de movimento social, uma vez que no espaço dessa associação as jovens do grupo Maria Esperança junto com algumas ex-alunas Dorotéias se encontram semanalmente para discutir questões pertinentes às dificuldades do dia-a-dia e para desenvolver atividades de trabalhos manuais, danças, cânticos, dentre outras, na perspectiva de construir novas relações de comunicação e inclusão social.

Nesse sentido, percebemos a busca pela inclusão das jovens do Maria Esperança na sociedade cajazeirense intrinsecamente ligada à construção de uma identidade coletiva de caráter comum, gerada a partir das ações coletivas desenvolvidas no espaço da AAAD. Ações coletivas, aqui, devem ser compreendidas como a atuação coordenada entre as jovens do Maria Esperança e os membros da AAAD tendo origem num reconhecimento consciente de interesses comuns, no caso, a inclusão social das referidas jovens. Poderíamos dar um exemplo dessa noção de

consciência quando no Livro Ata do grupo Maria Esperança (1997, p. 03) encontramos a seguinte declaração: “Nossa alegria é descobrir que elas começaram a aceitar a idéia da inclusão na sociedade! Está em jogo a conseqüência de nossas ações que duram mais que a nossa vida”. Sob essa ótica, as ações coletivas que são desenvolvidas na AAAD podem ser entendidas como resposta à questão da exclusão social a que as jovens do grupo Maria Esperança estão submetidas.

Seguindo essa lógica de pensamento, é correto dizer que acontecimentos históricos, sócio-econômicos e culturais são determinantes no processo que origina os movimentos sociais e suas ações coletivas. Tomando o final da década de 70 e a década de 80 do século XX em âmbito mundial, de uma maneira geral, veremos que as ações coletivas são caracterizadas pelas lutas populares contra ditaduras, pela propensão associativa nas comunidades, pelos embates nacionalistas e religiosos no Oriente Médio, dentre outros fatos.

Essa breve apresentação sobre as ações coletivas possibilita-nos a percepção de que tais ações têm como explicação para ser a dinâmica das relações intergrupais, a construção das identidades coletivas e o processo de injustiça social.

É fundamental entender que caracterizarmos a AAAD como uma entidade de movimento social de inclusão diz respeito à compreensão dos movimentos sociais, ao longo do seu percurso, capazes de gerarem espaços novos, próprios para a expressão de suas pretensões por meio de uma linguagem autêntica revelada no cotidiano de suas lutas.

No que se refere a essa questão, a própria dinâmica que os movimentos sociais trazem em suas práticas não permite que suas construções teóricas tornem-se estáticas.

Nesse sentido, concordamos com Freire quando diz:

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. (1996. p. 34).

Dentro dessa concepção, podemos dizer que ao classificar organizações como movimentos sociais é fundamental buscar categorias de análises clássicas e contemporâneas, tentando considerar as construções que vão surgindo no cotidiano das novas demandas dos movimentos sociais atuais. Uma vez que, tanto a questão da exclusão social como outras necessidades discutidas nos movimentos sociais urbanos são frutos das mudanças ocorridas na modernidade, onde cada vez mais, “os fenômenos urbanos surpreendem por sua enormidade; sua complexidade ultrapassa os meios do conhecimento e os instrumentos da ação da prática”.(LEFEBVRE, 1999. p. 51).Sabemos que se tratando da cidade de Cajazeiras a enormidade dos fenômenos urbanos não chegam a ser tão complexos como nas grandes cidades, como por exemplo a imensa São Paulo.

## **1.2 As jovens do grupo Maria Esperança: modos e mecanismo de exclusão social**

Ser excluído do processo social pode ser decorrente de vários fatores: étnicos, culturais, econômicos, ideológicos, etc. Mas para que dissertemos sobre exclusão social de modo apropriado, faremos uma breve contextualização da construção do seu conceito ao longo da história.

O conceito de exclusão social só vem aparecer, a partir da década de setenta do século XX. Porém, desde o tempo das sociedades greco-romanas podemos identificar a questão da exclusão social. Em tais sociedades, não resta dúvida de que a mulher é objeto de exclusão social, haja vista que a sua condição de sexo não lhe possibilitava nenhuma chance de tomar decisões nos âmbitos institucionais. Salvo no caso das mulheres que exerciam as funções de sacerdote e assim, de forma indireta, chegavam a exercer “uma certa decisão de poder” junto aos espaços institucionais.

A não ser nesse caso, as mulheres não se distinguiam dos escravos e dos estrangeiros, no que se refere ao poder de participar das decisões administrativas das cidades. Assim, mulheres, escravos e estrangeiros eram considerados indivíduos incapazes de julgarem apropriadamente a realidade na qual se encontravam inseridos, seja no aspecto administrativo das cidades, seja na

estruturação do aspecto individual da alma. Como entendimento dessa concepção vinda da história do pensamento da humanidade, em *A República*, Platão, entendia a mulher como a imagem dos homens superiores e inferiores. No Livro V, temos claramente o exemplo dessa concepção:

É preciso, de acordo com o que estabelecemos, que os homens superiores se encontrem com as mulheres superiores o maior número de vezes possível, e inversamente, os inferiores com os inferiores, e que se crie a descendência daqueles, e a destes não, se queremos que o rebanho se eleve às alturas, e que tudo isso se faça na ignorância de todos, exceto dos próprios chefes, a fim de a grei dos guardiões estar, tanto quanto possível isenta de dissensões. (PLATÃO, 2004. p. 154-155).

A questão da exclusão social é um fenômeno multidimensional, multifacetado, com a possibilidade de assumir diferentes modos e, seja como for, atingir de várias maneiras as sociedades atuais. Nesse sentido, observa-se que a exclusão está ligada aos aspectos macrossociais relativos ao mercado de trabalho, às condições de moradia, aos direitos humanos e sociais, aos bens e serviços públicos. Seguindo essa ótica, temos condições de enumerar várias categorias de excluídos.

No caso do Grupo Maria Esperança, compreendemos inicialmente a exclusão vinculada à divisão marcante entre pobres e ricos, centro e periferia. Sabemos que o sistema de proposições na discussão entre centro/periferia, pobres/ricos é bem complexo e que o nível das sociedades é quem define essa distinção. Entendemos que o maior antagonismo se assenta entre as economias de consumo de alto padrão de vida e as economias de pobreza e de falta de crescimento do emprego. No entanto, em relação a esse estudo, o debate pode ser entendido para além da questão econômica, como o conjunto de problemas que são discutidos com as jovens do grupo no espaço da AAAD, sendo eles: prostituição juvenil, drogas, preconceitos, gravidez na adolescência, violência, alcoolismo, identidade social, dentre outras questões que fazem parte intrinsecamente dos elementos determinadores da vida dessas jovens, das jovens da “periferia social”<sup>1</sup>. Não que os jovens do centro da cidade não se deparem com tais problemas. Porém, em Cajazeiras, é sabido que os mesmos acontecem principalmente nos bairros da periferia.

---

<sup>1</sup> Termo usado por: TAKEUTI, Norma Missae. *No outro lado do espelho: a fatura social e as pulsões juvenis*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

Assim, entendemos a exclusão social para além da visão mais perceptível do aspecto da pobreza, da questão econômica, mas também no nível de compreensão dos indivíduos em sua posição na estrutura social, na sua pertença de classe. Enfim, as suas relações de comunicação social, principalmente as maneiras de participar e comunicar as práticas de poder. Para o exemplo disso, tomemos o fato de que nem todas as jovens que fazem parte do grupo têm as mesmas condições financeiras. Existem garotas que até estudam em um dos melhores colégios da rede privada da cidade, com os gastos custeados pelos próprios pais. Mas por residirem em um bairro onde a pobreza é mais perceptível, sofrem preconceitos e sentem dificuldades de inserir-se na sociedade. Nessas condições, o local de residência é entendido como exclusão social de moradia. Surge então um estigma particular: vemos a pobreza assumindo um aspecto simbólico e um intenso aspecto subjetivo. Levando em conta tais aspectos, torna-se íntima a relação mútua entre pobreza real e pobreza subjetiva.

Dentro dessa visão, não há dúvida que a exclusão

[...]é gerada nos meandros do econômico, do político e do social, tendo desdobramentos específicos nos campos da cultura, da educação, do trabalho, das políticas sociais, da etnia da identidade e de vários outros setores e dimensões da vida humana. (SOARES DA SILVA; BARBOZA, 2005. s/p).

Se a exclusão social atinge diversos setores e aspectos da vida humana, ela está intrinsecamente ligada ao campo psico-social. Sendo assim, a sua possível superação envolve a consolidação da relação dinâmica entre esses campos em ação social de força reivindicativa por um lugar na sociedade que permita aos indivíduos a atividade completa dos direitos de cidadania.

Quando pensamos na exclusão social como sendo de ordem psico-social, consideramos que as sociedades precisam livrar-se das situações de marginalidade por intermédio da capacidade criadora desses dois campos de estudo. De forma que as sociedades consigam despertar nos indivíduos que as compõe uma perspectiva de vida que possibilite, através de sua ação, ingressar em um determinado padrão de vida humana.

Estamos convencidos de que, nesse sentido, mais importa a promoção de uma sociedade ativa e justa em crescimento social do que a propagação da igualdade de condições para todos os membros da sociedade na passividade. Pois, como canta Maria Rita (2005): “paz sem voz não é paz é medo”.

### **1.3 A Associação das Antigas Alunas Dorotéias: espaço de construção de um saber?**

No espaço da AAAD, as jovens do grupo Maria Esperança vêm tendo a possibilidade de discutirem sobre vários problemas que fazem parte do seu cotidiano. Por exemplo, destacamos a agressão que sofriam na interação do ambiente familiar quando do início de formação do grupo, dentre outras situações, como o fato de no Bairro dos Remédios muitas garotas ainda no início de suas juventudes tornarem-se mães. Mães quando se encontravam numa fase de transição em que não eram mais crianças, mas também ainda não eram adultas.

Em relação ao espaço da AAAD como um local de prática educativa permeada por momentos de diálogos, no qual os conhecimentos experienciais das jovens são problematizados em torno da realidade em que os mesmos ocorrem, vejamos o seguinte comentário:

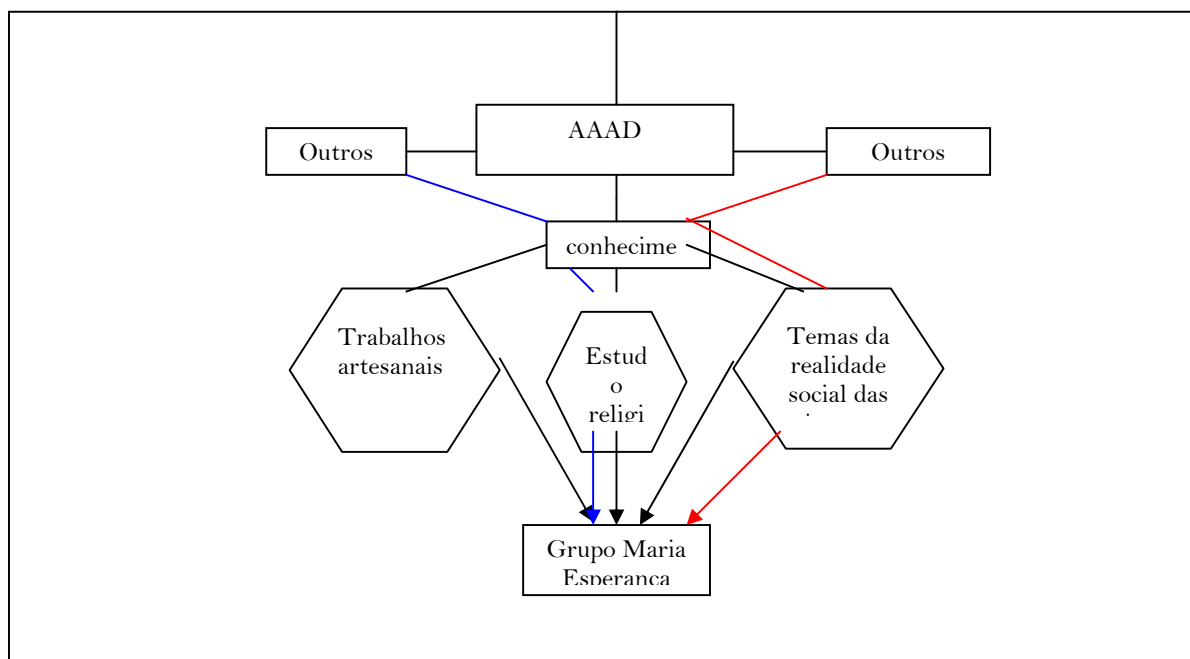
Durante as reuniões lembramos que ter filho implica numa maternidade responsável. Percebemos que o índice de mães solteiras caiu, no início tínhamos 6 mães adolescentes, agora parece os nossos diálogos estão surtindo efeito. (LIVRO DE ATA, 1997. p. 04).

Essa informação nos remete a refletir sobre a importância desse “diálogo problematizado” nas práticas educativas do grupo Maria Esperança. Sendo uma forma permanente de prática educativa, o diálogo problematizador poderá fazer com que as jovens possam perceber, explicar e, quiçá, transformar a realidade em que se encontram inseridas.

Assim, entendemos a prática educativa, seja no espaço da educação formal ou não formal, como uma troca de conhecimentos e de transformação, no qual os sujeitos envolvidos no processo são ambos portadores de um saber. Ademais, concordamos com o pressuposto freireano da educação que considera a prática educativa sob a ótica de um processo social imbuído de saberes e compromissos.



## As relações e interligações entre as instituições que participam do processo educacional do Grupo Maria Esperança – desde 1997 a 2006<sup>2</sup>



- > Associação das Antigas Alunas Dorotéias  
—————> Seminaristas\*  
—————> Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras\*

\*Presenças ocasionais

Proseguindo na busca de reconhecer a AAAD como um espaço de construção de um saber, evidenciamos que em 1998 a prática educativa desenvolvida no grupo articulava-se às necessidades presentes na realidade social das jovens do Maria Esperança, através do estudo de temas tais como: conflitos familiares, sexo, drogas, prostituição, alcoolismo, dentre outros. E o início da prática de atividades artesanais como: bijuterias, bordado, crochê, trabalhos com retalho, confecção de bonecas de pano, flores de papel, reciclagem de jornais, e o estudo da Bíblia.

Importa frisar que os ensinamentos religiosos fazem parte do dia-a-dia do grupo e são levados ao conhecimento das jovens tanto pelas ex-alunas Dorotéias como por seminaristas. O

---

<sup>2</sup> Durante esse período a AAAD tem sido a base de apoio e a intermediária entre o Grupo Maria Esperança e as demais instituições que têm se envolvido com o processo educacional do mesmo.

estudo religioso é realizado através da discussão de textos que muitas vezes as jovens fazem a releitura dos mesmos por intermédio de encenações teatrais, bem como por palestras proferidas pelos seminaristas. Ainda no ano de 1998, aconteceu a primeira eleição para formação de um Conselho do grupo. Até os dias atuais, o Maria Esperança mantém o seu Conselho escolhido através do voto anual.

Em sua trajetória, o Maria Esperança vem sendo acompanhado por mulheres da sociedade cajazeirense que, mesmo não fazendo parte da AAAD, procuram de alguma forma contribuir com o grupo.

No ano de 2001, o Maria Esperança conseguiu através de um “projeto” apresentado ao “Juizado das Penas Alternativas”, sediado na Comarca de Cajazeiras, recursos para montar uma cozinha simples e equipada para o desenvolvimento de cursos de culinária com o objetivo de possibilitar às jovens do grupo terem uma alternativa de trabalho e contribuir na renda familiar.

Com essa expectativa das jovens do Maria Esperança qualificarem-se para o mercado do trabalho, podemos dizer que a Associação das Antigas Alunas Dorotéias está conseguindo ampliar a sua compreensão de uma educação que intenta concorrer para o processo de inclusão social das referidas jovens, perpassando a correlação entre educação e trabalho na prática educativa do grupo.

Tendo em voga a perspectiva da categoria trabalho como um elemento precípua na formação do homem enquanto ser histórico, a relação entre trabalho-educação se encontra intrinsecamente fundamentada numa concepção que afirma:

É sabido que a educação praticamente coincide com a própria existência humana. Em outros termos, as origens da educação se confundem com as origens do próprio homem. À medida em que determinado ser natural se destaca da natureza e é obrigado, para existir, a produzir sua própria vida é que ele se constitui propriamente enquanto homem. [...] Portanto, o homem, para continuar existindo, precisa estar continuamente produzindo sua existência através do trabalho. Isto faz com que a vida do homem seja determinada pelo modo como se produz sua existência. (SAVIANI, 1994. p. 148).

Vemos a relação entre trabalho e educação na prática educativa com o Maria Esperança enquanto possibilidade de luta contra a realidade social.

Nos anos de 2001 a 2002, participou das atividades desenvolvidas com o Maria Esperança, uma equipe do CFP – UFCG, formada por uma professora e duas (2) alunas bolsistas do projeto

Educando com Arte, vinculada ao Programa de Bolsa de Extensão - PROBEX. O projeto Educando com Arte apresentava uma concepção pedagógica que visava trabalhar a partir do momento atual das jovens em questão. Nesse sentido, as atividades desenvolvidas com o grupo permeavam a tríplice contribuição teórica: 1 - da concepção libertadora de educação, ancorada nas idéias freirianas; 2 - da proposta construtivista-interacionista de educação, apoiada nas construções teóricas de Vygostsky, de Fosnot, de Gómez; 3 - dos estudos científicos da linguagem, tomando como referência as abordagens teóricas de Geraldí, de Sercundes, de Penna, dentre outros<sup>3</sup>.

A equipe do Educando com Arte desenvolvia atividades utilizando várias formas de linguagens, tais como: folhetos de cordel, poesias, músicas populares. A questão de gênero também foi discutida através da temática que enfocava as profissões das mulheres, seus direitos no presente e no passado e as profissões dos homens. Também se trabalhava a expressão corporal através da dança.

Foi por intermédio da dança que as jovens do Maria Esperança tiveram a oportunidade de participar dos festejos juninos numa das maiores festas populares da cidade de Cajazeiras, que acontece na praça do “Xamegão”.

No Xamegão, acontece no mês de junho, desde o início da década de noventa do século XX, uma festa dançante popular que atrai pessoas de toda aquela região sertaneja. A praça do Xamegão é ornamentada com temas juninos, fogueiras, bandeirolas, barracas com comidas e bebidas típicas.

O Xamegão é um lugar que as pessoas da cidade de Cajazeiras freqüentam durante o período junino, embora, exista uma divisão de classe durante a realização da festa. Falo da segmentação latente que ocorre no momento da apresentação das atrações musicais: próximo ao palco se encontram, geralmente, com maior freqüência, os sujeitos provenientes dos bairros da periferia, os com poucas condições econômicas. Para melhor fazer essa diferença divide-se a quadra do Xamegão em duas áreas: a dos ricos e a “Asa”. O termo Asa é usado na sociedade cajazeirense para identificar as pessoas com pouca escolarização, mal educadas, pobres, marginais, drogados etc.

---

<sup>3</sup> As informações aqui apresentadas acerca da concepção teórica do projeto Educando com Arte tiveram como principal fonte o texto “Educando através da Arte”, autoria de Nádia Jane de Sousa, Rejaneide Barbosa de Lima e Lídia de Oliveira Dantas Camilo, apresentado ao II Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Belo Horizonte, 12 a 15 de setembro de 2004.

Diante do exposto, pode-se considerar que foi uma evolução no ano de 2002 as jovens em questão apresentaram-se no Xamegão como nos demonstra a fotografia que segue, dançando a música “Fuá na casa de Cabral” do grupo musical Mestre Ambrosio.

A coreografia para essa apresentação foi criada por elas mesmas, mostrando sua capacidade de criação e de expressão. O que demonstra que essas jovens só precisam de espaços que lhes propiciem práticas educativas, que lhes despertem os sentidos criativos e possam afirmar-se como indivíduos que, mesmo participando do processo de massificação crescente da sociedade, são capazes de recriar os padrões culturais dominantes. O indivíduo que faz parte desse processo de recriação tem a possibilidade de ver a cultura como uma facilitadora do processo educacional

Continuando essa luta organizada, em 2002, o grupo Maria Esperança começa a participar das discussões locais sobre as políticas públicas acerca do atendimento à criança e à juventude. Essa nova experimentação representa o reconhecimento da necessidade da construção de uma posição crítica em relação à sua realidade de mundo. E nesse momento, os saberes ancorados na vivência com o grupo são importantes para a interação dessas jovens com a comunidade dos Remédios, como para a interação com o meio social.

Em 2003, o Programa de Políticas Públicas e Ação Social da Diocese de Cajazeiras inicia suas atividades com o grupo tendo como proposta o desenvolvimento de oficinas no campo do conhecimento das relações sociais, e de como as mesmas são construídas na família e na sociedade<sup>4</sup>.

Enfim, consideramos que a AAAD, diante dos elementos expostos acima pode ser considerada enquanto um espaço de construção de um saber, e que esse saber pode ser sintetizado em três diretrizes: 1) prioriza os conhecimentos que vêm do estudo dos temas que fazem parte da realidade social das jovens; 2) relevância para o conhecimento religioso; 3) destaque para a categoria trabalho enquanto um dos preceitos educativos, que poderá incluir as jovens na sociedade.

Ademais, podemos dizer que a AAAD é um espaço de construção de um saber edificado através de ações coletivas que ocorrem na dinâmica da interação social das ex-alunas Dorotéias com os seminaristas e com os demais membros da sociedade que estejam dispostos a

---

<sup>4</sup> A maioria das informações aqui apresentadas em relação à trajetória do “Maria Esperança” teve como fonte principal o Livro de Ata do grupo.

contribuírem com o grupo Maria Esperança. Reiteramos, que ações coletivas são entendidas como o processo pelo qual os sujeitos, enquanto coletividade, atuam em seu cotidiano.

#### **1.4 As jovens do Grupo Maria Esperança: a demarcação do espaço urbano.**

Entendemos que as ações coletivas desenvolvidas com o grupo Maria Esperança são um importante referencial de percepção e entendimento das representações sociais que as jovens do referido grupo possuem acerca da educação construída no espaço da AAAD

A nossa proposta foi abordar as representações sociais das jovens do Maria Esperança a respeito da educação que vem sendo constituída no grupo. Para tanto, consideramos importante caracterizá-las e o contexto em que se dá a materialização dos elementos constitutivos de suas representações.

A cidade de Cajazeiras – PB é o espaço urbano onde se desenvolveu a pesquisa.

Cajazeiras faz parte do alto-sertão paraibano e está localizada aproximadamente a 480km da capital do estado, João Pessoa.

A cidade surgiu na localidade chamada “Fazenda de Cajazeiras” de propriedade de Vital Rolim e Ana de Albuquerque. A evolução da cidade deu-se em torno da criação da “Casa Escola” em 1843 pelo padre Inácio de Sousa Rolim, posteriormente nomeada de Colégio de Padre Rolim e depois chamado Colégio Diocesano Padre Rolim<sup>5</sup>.

Daí por diante, junto com o desenvolvimento do colégio, que passa a ser um pólo aglutinador no sertão nordestino no campo do conhecimento institucionalizado e cultural, Cajazeiras vai se desenvolvendo. Conhecida como *a cidade que ensinou a Paraíba a ler*, deve essa expressão à sua trajetória histórico-educacional. Cajazeiras tornou-se um grande centro educacional no oeste do sertão da Paraíba, reúne escolas da educação básica, ensino profissionalizante e ensino superior<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Agora no ano de 2006 o referido Colégio parou de funcionar enquanto instituição de ensino secundarista. Seu espaço geográfico serve como sede para a atual Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras (FAFIC), que outrora tinha se vinculado a Universidade Federal da Paraíba.

<sup>6</sup> As informações apresentadas aqui sobre o surgimento da cidade de Cajazeiras ligado à sua história educacional são baseadas na obra LIVRO DO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS (1984).e também do site de Alex Moura, disponível em: <http://www.alexmoura.cjb.net>.

Em 1970, Cajazeiras é contemplada com a sua primeira escola de estudos superiores, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras (FAFIC), integrando-se à Universidade Federal da Paraíba em 1980, na qual é criado o Centro de Formação de Professores (CFP). Nos dias atuais, esse centro, destinado a desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão para a formação de professores que poderão atuar nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, está ligado institucionalmente à Universidade Federal de Campina Grande e conta com os cursos de licenciatura em Pedagogia, Letras, Geografia, História, Ciências, além do curso de Enfermagem em nível superior e técnico, acolhendo os estudantes do sertão nordestino, ou seja, das cidades adjacentes pertencentes aos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco e Piauí.

Pensando o movimento da cidade de Cajazeiras conhecida no sertão paraibano com um considerável potencial educacional, importa salientar que existe uma política de incentivo à escolarização dos seus habitantes. Nesse sentido, as jovens do Maria Esperança participam todas do processo de educação formal, inseridas no Ensino Fundamental e Médio. Frequentam a escola em todos os turnos, ou seja, nos horários da manhã, tarde e noite, de acordo com as suas disponibilidades. A maioria das jovens está envolvida no processo de educação formal da rede pública, com raríssimas exceções na rede privada.

Em relação ao Bairro dos Remédios, no tocante a sua demarcação de espaço, encontra-se localizado na zona sul da cidade de Cajazeiras, sendo a principal via de entrada e saída da cidade para o estado do Ceará, através do logradouro público Avenida Antonio Felix, como podemos observar na fotografia que segue:

As ruas do Bairro dos Remédios variam quanto à extensão, umas são bastante estreitas, enquanto outras são muito largas, como a avenida de principal acesso ao bairro. As casas em sua maioria são modestas, existindo ainda uma certa quantidade de casas de taipa e casarões. Algumas casas que são de taipa estão localizadas em um local que fica mais aterrado, chamado pelos moradores de “Arapuca”. Pelo que observamos, a Arapuca é onde se concentram os maiores indicadores de pobreza daquele bairro. As ruas da Arapuca têm pouca infra-estrutura de saneamento básico, não são calçadas e os esgotos são todos a céu aberto. A situação das ruas do Bairro dos Remédios faz aparecer o estilo de vida dos seus moradores. Embora existam no outro

---

lado do bairro, na divisa de sua avenida principal, belíssimas casas situadas à margem da avenida principal, ou por trás dela, habitados por comerciantes que vêm prosperando nos negócios.

Assim, as Jovens do Maria Esperança, mesmo que não habitem esse lado do bairro, não deixam de contemplar as imagens do que mais lhes falta. Nessa “ficção oferecida ao olhar” (CERTEAU, 1995. p. 42), essas jovens se deparam cotidianamente com um mundo de “sonhos de contemplação imaginal impregnada da beleza do que lhes é ausente” (ALMEIDA, 2002. p. 15).

É perceptível que existe uma divisão entre os moradores dos Remédios quanto aos que residem na Arapuca e os outros. Como a maioria das entrevistas foi realizada na casa das jovens, foi possível fazer essa observação com mais precisão. Quando se indagava a algum morador do bairro onde era a casa de determinada jovem, escutávamos a resposta com um tom talvez de superioridade: - É lá na Arapuca!

A tentação em descobrir o porquê daquele tom na voz ao se referir a Arapuca foi inevitável. Muitas hipóteses vieram a nossa mente: será que é por que a estrutura de suas ruas denuncia a pobreza? Será que é por que existem mais pessoas desocupadas sentadas nas calçadas? Será que é por que existem mais botequins? O fato é que ao trabalhar com as jovens do grupo Maria Esperança, quando éramos bolsistas do PROBEX, nunca as vi ter nenhum tipo de preconceito com a localidade da Arapuca. O sentimento de igualdade vivenciado entre as jovens do Maria Esperança foi construído no dia-a-dia das práticas educativas realizadas no grupo, fazendo com que as jovens em questão não estabeleçam distinções umas das outras e construam juntas uma identidade coletiva.

## CAPÍTULO II

### 2 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Este capítulo trata da abordagem teórica da pesquisa, no qual fazemos uma breve apresentação da nossa temática dentro dos estudos em representações sociais para, em seguida, mostrar um conciso histórico da teoria das representações sociais, focalizando a partir dos estudos de Moscovici (2003) e Jodelet (1998). Assim, apresentamos o surgimento e o conceito de representação social, seus processos de elaboração e seu funcionamento. Importa frisar que, também fazemos menção às contribuições teóricas de estudiosos brasileiros, tais como, Nóbrega (2003), Sá (1998), Madeira (2003) que, como Jodelet, são propagadores da teoria moscovicianiana.



## 2.1 Abordagem teórica da pesquisa: a Teoria das Representações Sociais

Nossa concepção teórica aspira pôr em foco, por meio do ponto de vista das jovens do grupo Maria Esperança, as representações sociais que essas têm sobre a educação que é desenvolvida na Associação das Antigas Alunas Dorotéias.

Diante do exposto, fica evidente que nos dispomos a falar sobre representações sociais e educação.

A visão de educação fora do espaço institucional escolar não gera uma maneira *nova de educação*, porém aponta singularidade à mesma, pela necessidade de reconhecer o fato de muitos jovens freqüentarem a escola assiduamente e, por não estarem satisfeitos com o cotidiano do processo educacional proposto, buscarem outros espaços de construção do conhecimento. Talvez, esse fato ocorra porque o sistema escolar que temos ainda não consiga alcançar o entendimento e a prática da educação como

[...] o processo pelo qual, em diferentes contextos histórico-estruturais e com finalidades, níveis, formas e graus de sistematização diversos, a cultura e o conhecimento são continuamente, transmitidos e (re) construídos, envolvendo a totalidade do sujeito em suas relações com o(s) outro(s). (MADEIRA, 2003. p. 115).

A fim de identificar a nossa área de estudo no campo da Teoria das Representações Sociais, percebemos que a produção empírica brasileira nesse campo de estudo pode ser elencada em sete áreas gerais que agrupam os problemas mais estudados nessa esfera do conhecimento, sejam elas: 1 – Ciência; 2 – Saúde (e seu contrapeso, a doença); 3 – Desenvolvimento; 4 – Educação; 5 – Trabalho; 6 – Comunidade e exclusão social, (SÁ, 1998).

Mediante as temáticas acima citadas, percebe-se que a área de estudo por nós escolhida já vem sendo privilegiada com certa relevância no campo das representações sociais. Ressaltamos, que: “a rigor, os temas relacionados à educação, em sentido amplo, são quase co-extensivos da própria vida cotidiana, onde é amplamente mobilizado o conhecimento das representações sociais”.(SÁ, 1998. p. 19). Ademais, a educação é compreendida como um

[...] processo de construção pessoal e social das representações dos indivíduos e grupos. Ela é a relação interpessoal e grupal do ensinar e aprender, na interação de um processo histórico, contextualizado em um espaço e um tempo. (MADEIRA; ALLOUFA, 1996. p.15).

Mencionada a inserção da nossa temática no campo dos estudos em representações sociais, agora explicitaremos a origem e o conceito dessa teoria, assinalando-a na perspectiva do objeto em estudo.

No final da década de 50 do século XX, a Teoria das Representações Sociais surge na Europa, na Escola Francesa de Psicologia Social e Sociologia. Essa nova forma sociológica de Psicologia Social desponta no momento em que os paradigmas da ciência clássica estavam sendo questionados, no dizer de Carvalho (2003), quando:

A determinação causal, por exemplo, já fora destituída desde a dialética hegeliana, que desfez o primado das causas sobre as consequências, bem como a unilateralidade da razão ou da experiência. Também o essencialismo estava superado, [...]. Superados também estavam racionalismo e naturalismo, a partir do pressuposto de que homem e mundo se constroem mutuamente, no jogo de forças sociais. [...] Quanto ao pressuposto clássico da ordem universal objetiva, também fica superado pela redefinição do estatuto epistemológico do senso-comum, do qual foi reconhecida legitimidade. (p. 161-162).

Pode-se dizer que essa nova teoria teve sua construção marcada pelo contraste existente “[...] entre uma tradição de pesquisa europeia e uma americana na Psicologia Social moderna”. (FARR, 1995. p. 31).

A Psicologia Social americana comprometida com o movimento filosófico da ciência positivista, no qual, destacam-se os estudos de Allport (1924), que estabelece uma fulgente interrupção entre o passado e presente, se contrapondo à Psicologia Social europeia, da perspectiva moscoviciana. “Para Moscovici o futuro era problemático; o passado era, ao menos em parte, uma idade de ouro” (FARR, 1995. p. 34).

Foi nessa nítida discrepância no auge da Psicologia Social moderna que Serge Moscovici, em seu livro *A Psicanálise, sua imagem e seu público* (1961)<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Livro baseado na tese de doutorado de Serge Moscovici que trata da discussão inédita das Representações Sociais.

[...] introduz a teoria das representações sociais, tomando como objeto de pesquisa a apropriação da psicanálise pelo grande público francês dos anos 50, o qual difunde esse saber científico inédito, transformando-o numa forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado enquanto “saber prático do senso comum”. (NÓBREGA, 2003. p.55).

Em meio aos novos valores que foram surgindo no final das décadas de 1950 e início de 1960, Moscovici identifica falhas na teoria durkheimiana das representações coletivas e a reconstrói negando-lhe o caráter coercitivo, mecanicista e de autonomia coletiva regida por leis que coíbem a autonomia individual.

É, no entanto, com base na interação indivisível do individual e do social que Moscovici inicia a elaboração da Teoria das Representações Sociais, na qual a relação sociedade-indivíduo é analisada dentro de uma dialética que considera o “senso comum” como mais um dos campos de representações dessa relação. As representações sociais estão constantemente renovando o senso comum. “Ele descobre a estruturação e a natureza particulares a esse saber, restituindo, desse modo, o status legítimo à produção do conhecimento das massas”.(NÓBREGA, 2003. p. 58). Destacamos, aqui, sobretudo, que as representações sociais que Moscovici se dedica a estudar são as representações:

[...] de nossa sociedade atual, de nosso solo político, científico, humano, que nem sempre têm tempo suficiente para se sedimentar completamente para se tornar em tradições imutáveis. E sua importância continua a crescer, em proporção direta com a heterogeneidade e flutuação dos sistemas unificadores – as ciências, religiões e ideologias oficiais – e com as mudanças que elas devem sofrer para penetrar a vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum. (MOSCOVICI, 2003. p. 48).

Em outras palavras, a Teoria das Representações Sociais, na perspectiva moscoviciana, apresenta-se com o caráter dialético de reconstruir continuamente o senso-comum, no qual as ideologias vão se transformando e se re-transformando nas relações coexistentes entre indivíduo e sociedade.

## **2.2 Conceituando Representação Social**

O nosso aporte teórico parte da elaboração do conceito primeiro que Moscovici propôs, mesmo sabendo que “[...] há outros usos do termo, que podem ser vistos como uma derivação da noção genérica de representação para o campo do pensamento social”.(SÁ, 1998. p. 61).

As representações sociais encontram-se inseridas no campo dos estudos que abordam o “senso comum”, tais como: as Ciências Sociais, a Psicologia Cognitiva e a Psicologia Social. Porém, Moscovici dá um destaque especial a essa última ciência, reconhecendo que na “era da representação”, a Psicologia Social tem como fundamental atividade: “estudar tais representações, suas propriedades, suas origens e seu impacto. Nenhuma outra disciplina dedica-se a essa tarefa e nenhuma está tão equipada para isso.” (MOSCOVICI, 2003. p. 41). Percebemos que é clara a idéia de Moscovici quanto a esse moderno campo de estudos, na expectativa de dar um novo conceito à Psicologia Social.

E, já na percepção do conceito, penetrando no campo de sua elaboração, Moscovici nos diz que as representações sociais são: “como estruturas dinâmicas, operando em um conjunto de relações e de comportamentos que surgem e desaparecem junto com as representações.” (Ibid. p. 47). Ademais,

[...] as Representações Sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa.(MOSCOVICI, 2003. p. 46).

Dentre os teóricos que vêm fazendo alusão à Teoria das Representações Sociais, a partir dos estudos de Moscovici, Denise Jodelet é considerada como umas das propagadoras dessa teoria e conseguiu tornar sistemático um conceito de representações sociais que vem sendo aceito por grande parte dos estudiosos das mais variadas correntes.

Segundo Jodelet, as representações sociais

[...] designam uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos gerativos e funcionais socialmente marcados. De modo mais amplo, designa uma forma de pensamento social. (1984. p. 09).

Podemos compreender as representações sociais como uma forma de pensamento prático, objetivando orientar a comunicação, a compreensão do real e a dominação deste, sendo que nesse cenário o indivíduo é entendido como ator social que constrói sua teoria do senso-comum, em função da necessidade de interagir com o mundo, atribuindo-lhe significados, interpretações, opiniões que mediam a comunicação.

A visão de que as representações sociais informam a realidade, possibilitando aos sujeitos dar-lhes um significado de acordo com os conhecimentos de mundo que cada indivíduo ou grupo social possui, remete-nos à perspectiva de que tais representações pudessem ser uma relação de semelhança subtendida entre o sentido próprio e o figurado de uma determinada situação, isso por que os indivíduos, e o que existe no Universo, estão colocados no sentido de se adequarem a uma realidade preestabelecida por convenções.

Com efeito, Moscovici diz

[...] essas convenções nos possibilitam conhecer o que representa o quê [...]; elas nos ajudam a resolver o problema geral de saber quando interpretar uma mensagem como significante em relação a outras e quando vê-la como um acontecimento fortuito ou casual. (2003. p. 34).

As convenções são criadas para as pessoas e os objetos se fazerem aceitos em determinadas situações da vida cotidiana. Quanto às convenções e o seu “poder” influenciador na prática das relações entre indivíduo-sociedade, Moscovici afirma que

[...] podemos, através de um determinado esforço, tornar-nos conscientes do aspecto convencional da realidade e então escapar de algumas exigências que ela impõe em nossas percepções e pensamentos. Mas nós não podemos imaginar que podemos libertar-nos sempre de todas as convenções, ou que possamos eliminar todos os preconceitos. (Ibid. p. 34).

Declaramos, então, que as representações sociais, enquanto fenômeno de massa ou não, são, por natureza, elaboradas no processo histórico da humanidade, por isso elas se edificam através das tradições culturais, no cotidiano das práticas sociais interagindo nas mais variadas formas de comunicação existentes na relação indivíduo-sociedade, como também na própria imaginação de

cada indivíduo. Os fenômenos de representação social são, “por natureza, difusos, fugidios, multifacetados, em constante movimento e presentes em inúmeras instâncias da interação social.” (SÁ, 1998. p. 21). Nesse sentido, as representações sociais são “elaboradas no âmbito dos fenômenos comunicacionais que repercutem sobre as interações e mudanças sociais”. (NÓBREGA, 2003. p. 58).

Ainda penetrando na essência do conceito das representações sociais, assimilado por Moscovici, compreende-se que: “De fato representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes”. (2003. p. 62).

Dessa forma entendido, pode-se dizer que as representações sociais não conseguem ter sustentação se forem criadas isoladamente,

[...] uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. (MOSCOVICI, 2003. p. 41).

No sentido de que as representações sociais pressupõem a interação entre duas pessoas ou entre grupos, Nóbrega (2003, p. 62) acentua que “uma representação social não pode ser compreendida enquanto processo cognitivo individual, já que é produzida no intercâmbio das relações e comunicações sociais”.

Nessa perspectiva, as representações sociais podem ser entendidas como um saber que é elaborado, através de características específicas construídas historicamente na relação sociedade-indivíduo e, nesse aspecto, não se apresentam em oposição ao conhecimento científico, nem tampouco quanto à validade de um ou de outro conhecimento. A esse respeito reporta-se Nóbrega, que nos revela, a partir da tabela a seguir as oposições quanto às características (diferenças internas) no modo de elaboração particular de cada conhecimento. É importante frisar que o conceito de função empregado pela autora não diz respeito ao uso que a corrente de pensamento funcionalista faz do termo.

TIPO DE SABER	MODO DE ELABORAÇÃO	FUNÇÃO
	<b>NÍVEIS:</b> <b>1/ Cognitivo:</b> Símbolos Imagens	1/Formação de Condutas; 2/Orientação na Comunicação;

REPRESENTAÇÃO SOCIAL	<b>2/Formação das RS</b> Objetivação Ancoragem <b>3/Edificações das Condutas:</b> Opiniões (difusão) Atitudes (propagação) Esteriótipos (propaganda)	3/Identitária; 4/Justificadora.
CIÊNCIA	Hipóteses; Observação/experimentação; Validação/comprovação; Previsão; Aplicação.	1/Atingir a verdade 2/Dominar a natureza

Fonte: Nóbrega (2003. p. 60).

Podemos dizer que as representações sociais assentam-se no campo de abalo entre o que é significativo e o significado, ajudando-nos a reconhecer o que realmente é importante em uma determinada realidade. Assim entendido, a representação social em qualquer ocasião é uma figura. Nesse sentido, figura não é para ser confundida com imitação/reprodução de algo, mas sim como algo que foi gerado a partir de uma significação. A natureza dessa significação está exatamente, ao mesmo tempo, relacionada à objetividade e à subjetividade. É, portanto, um processo onde o conceito e o objeto de percepção incorporam-se na sua natureza imaginante.

Sob essa ótica, a representação social aparece como um conhecimento que se caracteriza, também, pelas condições subjetivas/objetivas, culturais, sócio-econômicas, além de depender da hierarquia social em que os indivíduos ou grupos sociais estão incluídos. Logo, a representação social é o processo inter-relacional entre o objeto e o sujeito. Assim, verdadeiramente, segundo Moscovici (1976, p. 63 apud NÓBREGA, 2003. p. 62),

[...] a estrutura de cada representação nos aparece desdobrada, ela tem duas faces tão pouco dissociáveis quanto o são a frente e o verso de uma folha de papel: a face figurativa e a face simbólica. Escrevemos que:

$$\text{Representação} = \frac{\text{figura}}{\text{significação}}$$

entendendo por isto que ela faz compreender para toda figura um sentido e a todo sentido uma figura.

Nesse sentido, as representações sociais dizem respeito à construção cognitiva do objeto enquanto processo originado na troca das relações e comunicações sociais.

Como já foi mencionado anteriormente, Jodelet (1984) conseguiu sistematizar um conceito de representações sociais que se tornou aceito por grande parte dos estudiosos das mais variadas correntes. Posteriormente, em 1988, a autora reelabora a sua concepção sobre representações sociais, que é legitimada pela comunidade científica como categoria nos diversos campos das ciências sociais e humanas, podendo ser apreendido como

[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, tendo uma intenção prática e concorrendo à construção de uma realidade comum a um conjunto social.(JODELET,1989, p. 36 apud NÓBREGA, 2003. p. 63).

No conceito de Jodelet é perceptível que as representações sociais, a rigor, em qualquer ocasião, estão relacionadas às experiências práticas individuais ou coletivas dos sujeitos. Ademais, são caracterizadas por ser um pensamento partilhado no convívio em sociedade, por ter uma funcionalidade prática. Sob o aspecto dos seus elementos formativos, podem ser assim elencados: ambiente, noções, comunicação, valores, imagens, atitudes, história, práticas, estereótipos, experiência, etc.

Nesse sentido, Jodelet (1988) nos aponta cinco caracteres fundamentais da representação que se sobressaem no processo do ato de representar:

[...] ela é sempre representação de um objeto;  
ela tem um caráter imaginante e a propriedade de tornar intercambiável o sensível e a idéia, o percebido e o conceito;  
ela tem um caráter simbólico e significante;  
ela tem um caráter construtivo;  
ela tem um caráter autônomo e criativo. (p. 360-365).

Na verdade, as representações sociais têm uma forma própria, constituem uma fusão de elementos culturais, sociais, econômicos, objetivos e subjetivos diferentes, ou até antagônicos,



em um só elemento, continuando perceptíveis alguns sinais originários, dessa forma, recuperam a condição de respeitabilidade do processo mental onde se concentram os pensamentos populares.

Sob essa ótica, a relação entre senso comum e ciência estaria saindo do que convencionalmente estabelecem os filósofos deixando de ser um conhecimento que no campo da hierarquia fica em segundo plano, para ser um conhecimento construído no senso comum sobre alguma coisa.

Nessa perspectiva, representar deve ser entendido como algo que está em movimento constante, no qual os conhecimentos internos e externos dos indivíduos e grupos interagem seguindo o processo de evolução da sociedade. Nesse processo consideram-se as representações atreladas às percepções e atitudes compartilhadas pelos indivíduos e pelos grupos. Nesse sentido, Moscovici assevera que:

Representar significa, uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo. É, portanto, muito importante que isso se dê de forma comunicativa e difusa, pois não há outros meios, com exceção do discurso e dos sentidos que ele contém, pelos os quais as pessoas e os grupos sejam capazes de se orientar e se adaptar as tais coisas. Conseqüentemente, o status dos fenômenos da representação social é o de um status simbólico: estabelecendo um vínculo, construindo uma imagem, evocando, dizendo e fazendo com que se fale partilhando um significado através de algumas proposições transmissíveis e, no melhor dos casos, sintetizando em um clichê que se torna um emblema. (2003. p. 216).

As representações, assim entendidas, são uma forma de saber do senso comum. Porém, torna-se ciência conforme vão abstraindo o conhecimento do senso comum e transformando-o em teoria. Isso porque vivemos na sociedade da era da tecnologia e do conhecimento científico, na qual, cada vez mais esses conhecimentos estão se tornando populares e, ao ocorrer essa popularização, o senso comum vai sendo criado e recriado, na medida em que vamos construindo nossas opiniões sobre determinadas coisas. “O senso comum não circula mais de baixo para cima, mas de cima para baixo; ele não é mais o ponto de partida mas o ponto de chegada” (MOSCOVICI, 2003. p. 95).

Devemos sublinhar que as representações podem ser observadas em quase todos os espaços e esferas da sociedade. Dessa forma, “[...] o que acontece dentro de uma sociedade tornou-se uma

pré-ocupação importante, muito mais do que simplesmente saber como ela cria e transforma a atmosfera”. (MOSCOVICI, 2003. p. 99). E, as relações e comunicações sociais da vida cotidiana das cidades são absolutamente estabelecidas pelas representações sociais. Dito de outra maneira, “[...] o pensamento é uma atmosfera social e cultural, pois nada está mais grávido de idéias, do que uma cidade”. (Ibid. p. 98).

Considerar essas asserções, no sentido de apreender as representações sociais das *jovens do Grupo Maria Esperança*, significa que as mesmas participam do processo educacional escolar e, conforme o padrão de evolução da sociedade, o seu nível participativo nos diversos âmbitos da vida em sociedade é demarcado.

As representações sociais das *jovens do Grupo Maria Esperança* sobre a educação constituída no espaço da Associação das Antigas Alunas Dorotéias importam máxima fusão com o conhecimento psíquico e o concreto-real da vida dessas jovens que reveladas verbalmente por intermédio de seus pensamentos, de acordo com o nível de seus sentidos, sentimentos e de suas linguagens, transformadas em representações sociais, possibilita-nos penetrar no universo de suas representações.

Compreendemos, em conformidade com a concepção difundida por HJELMSLEV(1968 apud CHAUI, 1995.p. 137), que a linguagem é

[...] o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade, e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base mais profunda da sociedade humana.

Nessa consideração, as representações sociais são cadeias de pensamento moderadas pela linguagem. Sendo assim,

[...] a dimensão da linguagem que está em jogo, quando se lhe associa a representação social, é aquela que viabiliza a construção, pelo sujeito e pelos grupos, do sentido de cada um dos objetos do seu entorno, refletindo sua própria condição psicossocial e histórica, como parte de uma totalidade social. (MADEIRA, 2003. p. 126).

Inclusive, no aspecto de percepção das representações sociais como processos interativos no campo psicossocial, Madeira assegura que elas dizem respeito

[...] às relações dos indivíduos entre si, com os outros consigo próprios e com o objeto, sintetizando necessidades e demandas das diversas ordens. Não se constituem como conjuntos fechados e distintos, mas como processos articulados à experiência do viver dos sujeitos concretos, enquanto “saber-do-viver”. (2003. p. 127).

Sob essa ótica, as representações serão demarcadas pelas suas relações sociais, balizadas por suas necessidades e interesses em relação à *Educação* e, mediante as suas representações a respeito da mesma, fazê-las conhecidas.

### **2.3. O processo de elaboração e funcionamento das representações sociais**

Para entender a estrutura de elaboração e funcionamento das representações sociais, faz-se necessário uma reflexão progressiva, ou seja, necessita-se apreender o processo pelo qual as mesmas são geradas.

Por que criamos as representações sociais?

Nós as criamos porque “[...] a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade”.(MOSCOVICI, 2003. p.54). Esse conceito pode nos levar à reflexão de que criamos as representações para nos sentirmos protegidos, familiarizados na dinâmica das relações que o nosso cotidiano venha nos possibilitar.

Nesse sentido, Moscovici diz que:

Aceitar e compreender o que é familiar, crescer acostumado a isso e construir um hábito a partir disso, é uma coisa; mas é outra coisa completamente

diferente preferir isso como um padrão de referência e medir tudo o que acontece e tudo o que é percebido, em relação a isso. (2003. p. 55)

Quando criamos padrões de representações no “cotidiano da vida” como uma escala fixa de referência para determinar os acontecimentos que nos são perceptíveis, corremos o risco de sermos praticantes de vários tipos de preconceitos e de exclusões. Agimos de maneira que os fatos, as pessoas que não alcançam o nosso padrão usual de vida sejam banidas ou ignoradas do nosso convívio. Isso porque, o que não é familiar geralmente nos deixa perdidos, ao defrontarmos com o inesperado podemos ficar sem ação, ou podemos agir de maneira diferente do que acontece quando se trata de algo que se encontra dentro do padrão de nossas referências.

Esse processo acontece pelo fato de que:

Todas as coisas, tópicos ou pessoas banidas ou remotas, todos os que foram exilados de nosso universo possuem sempre características imaginárias; e preocupam e incomodam exatamente porque estão aqui, sem estar aqui; eles são percebidos, sem ser percebidos; sua irrealidade se torna aparente quando nós estamos em sua presença; quando sua realidade é imposta sobre nós - é como se nos encontrássemos face a face com um fantasma ou com um personagem fictício na vida real. (MOSCOVICI, 2003, p. 56).

Contudo, mesmo que determinadas pessoas, ou fatos passem a fazer parte do nosso universo, no qual tenhamos a capacidade de identificar o “novo”, o “não-familiar” como sendo possível de ser compartilhado no dia-a-dia de nossas relações, as representações que esse novo, esse não-familiar, nos causa estão quase relacionadas com as representações que nos são familiares. Então, para que, palavras, lugares, pessoas, idéias, tornem-se familiares ou próximas de nós, do que nos é comum, precisamos dar-lhes uma nova roupagem, “[...] pôr em funcionamento os dois mecanismos de um processo de pensamento baseado na memória e em conclusões passadas”. (MOSCOVICI, 2003. p. 60). Esses dois processos são denominados por Moscovici de ancoragem e objetivação.

Enquanto processo que gera representações sociais, a ancoragem é identificada como “[...] um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada”. (MOSCOVICI, 2003,p. 61).

A ancoragem está relacionada com o ato de classificar, agrupar, dar nome a algo que é estranho, ameaçador, inclassificável, nos fazendo capazes de imaginar, de representar esse algo. Essa observação corrobora-se em Moscovici, quando ele diz que:

No momento em que nós podemos falar sobre algo, avaliá-lo e então, comunicá-lo – mesmo vagamente, como quando nós dizemos de alguém que ele é “inibido” – então nós podemos representar o não usual em nosso mundo familiar, reproduzi-lo como uma réplica de modelo familiar. (2003. p. 62).

Desse modo, a representação se constitui a partir de algo já pensado, das categorias e paradigmas armazenados em nossa memória, pois só assim a representação terá sentido, significado, nos permitindo acolher esse novo ou velho conhecimento reelaborado como processo de funcionamento do entendimento das nossas atuações e de nossas idéias no envolvimento com o mundo do qual fazemos parte.

Podemos dizer que o movimento pelo qual o conhecimento novo se enraíza atrelado ao conhecimento passado, armazenado na memória do indivíduo, acontece esboçando-se em três (3) fases que dão constituição ao processo de ancoragem: a atribuição de sentido, a instrumentalização do saber e o enraizamento no sistema do pensamento.

Contudo, faz-se necessário ressaltar que o processo de ancoragem do indivíduo, ao desencadear um sistema de classificação e nomeação das coisas, não está simplesmente desenvolvendo um processo de graduação e rotulação do que não lhe é familiar. Na verdade, trata-se de “[...] facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade formar opiniões”. (MOSCOVICI, 2003. p. 70).

Pelo processo da ancoragem, percebemos que as “[...] representações preexistentes são de certo modo modificadas e aquelas entidades que devem ser representadas são mudadas ainda mais, de tal modo que adquirem uma nova existência”. (MOSCOVICI, 2003. 70).

A objetivação configurada como processo que gera as representações sociais consiste no mecanismo pelo qual o indivíduo torna a absorver um contingente de imagens, abstrações, significações e as materializam, ou seja, trata-se de um processo de estruturação formal do conhecimento pelo indivíduo. (JODELET, 1984). Corroborando com esse pensamento, Moscovici diz que a

Objetivação une a idéia de não-familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então diante de nossos olhos, física e acessível. (2003. p.71).

O processo de objetivação acontece com o desenvolvimento de três níveis: a construção seletiva; a formação de um núcleo figurativo e a naturalização.

O primeiro nível, a construção seletiva e descontextualização, pode ser entendido como o meio pelo qual os indivíduos e grupos, baseados em critérios culturais, políticos e religiosos, se apossam das informações, das comunicações e dos saberes produzidos na sociedade sobre determinado objeto. Assim, a construção seletiva varia de acordo com a realidade social dos sujeitos.

A formação de um núcleo figurativo, também denominado de “esquematização estruturante”, está vinculada ao processo psíquico interno pelo qual o indivíduo procura tornar as imagens elementos da realidade de acordo com referências que estão armazenadas em sua memória. E para isso:

A defasagem entre a representação e o que ela representa é preenchida, as peculiaridades da réplica do conceito tornam-se peculiaridades dos fenômenos, ou do ambiente ao qual eles se referem, tornam-se a referência real do conceito. (MOSCOVICI, 2003. p. 714).

O terceiro nível, que decorre da formação do núcleo figurativo, a naturalização, define-se como o processo pelo qual o indivíduo torna concretos os elementos das ciências, do pensamento, em elementos de sua realidade de senso comum. Ao transformar, naturalizar as abstrações para a sua realidade, os indivíduos deixam a base de suas representações plenas cristalizadas, protegidas de qualquer fenômeno que possa fragilizá-las.

Em síntese, pode-se dizer que, enquanto processos, a ancoragem e a objetivação referem-se à geração e ao funcionamento das representações sociais num movimento de interdependência entre a atividade psicológica e suas condições sociais de exercício. Ou seja:

A ancoragem e a objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. (MOSCOVICI, 2003, p. 78).

O estudo proposto por Moscovici em 1961 elenca duas (2) funções básicas das representações sociais: “formação de condutas e orientação das comunicações sociais”. Nos anos noventa, conforme Nóbrega (1996), Abric (1994) indica mais duas funções para as representações sociais: a função “identitária” e a função “justificadora”. A identitária relaciona-se com a defesa da imagem do grupo, garantindo-lhe a sua característica específica; e a função justificadora concentra-se no processo pelo qual os indivíduos conservam os elementos comportamentais que diferenciam o grupo em suas relações sociais.

Contudo, no campo de estudos da Teoria das Representações Sociais, as funções elencadas por Moscovici ainda são as que têm despertado maior interesse dos estudiosos dessa área de conhecimento, o que não quer dizer que as funções identificadas por Abric não tenham o seu valor.

As funções indicadas por Moscovici, formação de condutas e orientação nas comunicações sociais, estão imbricadas no sentido de que existe um entrelaçamento no modo como o que se contém nas comunicações é apreendido para nós e a forma como expomos esse conteúdo aos outros (FARR, 1977 apud MOSCOVICI, 2003). Ou seja, o caráter que o indivíduo ou grupo concerne ao conteúdo das comunicações se faz em relação às suas representações próprias, e este caráter por sua vez se estabelece conforme a comunicação existente entre os sujeitos de uma determinada sociedade.

Nesse sentido, é concebido como função da representação social o encaminhamento da formação de conduta dos indivíduos, uma vez que é ela quem estrutura e justifica os modelos de comportamentos das relações sociais e a orientação das comunicações entre os indivíduos e grupos, no qual a linguagem se configura como um importante mediador dessas relações.

Neste capítulo sobre a Teoria das Representações Sociais, tomamos com principal aporte teórico as considerações feitas por Serge Moscovici a respeito da consolidação do conhecimento do senso comum como “ciência tornada comum”.

Na perspectiva do saber produzido pelo senso comum é que este trabalho se fundamenta, tendo como objetivo conhecer os pensamentos estruturados pelas *jovens do Maria Esperança* sobre a educação na AAAD.



## CAPÍTULO III

### 3 METODOLOGIA DO ESTUDO

Neste capítulo, abordamos a metodologia empregada em nossas verificações em relação aos processos, aos sujeitos e ao local da pesquisa. Nessa perspectiva, explicitamos os métodos e os recursos, em termos de instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa exploratória: o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), a Análise Fatorial de Correspondência (AFC) a partir do software *Tri-Deux-Mots* (versão 2.2), (CIBOIS, 1998) e as entrevistas, cujas informações nelas reunidas foram interpretadas através da relação entre as manifestações aparecidas nas respostas dos indivíduos entrevistados e as respostas obtidas no teste de associação livre.

### 3.1 Processos metodológicos

A nossa proposta metodológica funda-se na perspectiva de que não se pode dispensar a conexão entre o produto e o processo de elaboração das representações sociais das jovens participantes desta pesquisa, isto é, o pensamento elaborado e estruturado de suas relações cotidianas no envolvimento com o Grupo Maria Esperança.

Portanto, queremos dizer que o caminho trilhado nesta pesquisa foi determinado desde o processo de elaboração do objeto a ser estudado, em termos de como os aspectos que formam o conjunto do trabalho necessitam ser observados e analisados. Nessa perspectiva, entendemos que a metodologia se faz presente em todos os momentos e particularidades do estudo. Sendo assim,

[...] ao registrar o seu percurso metodológico, você estará evidenciando a sua postura epistemológica enquanto pesquisador, ou seja, você deixará pistas de como está concebendo a relação sujeito-objeto do conhecimento. (GONSALVES, 2001.p. 61)

Sob essa ótica, procuramos fazer uma articulação metodológica entre o fenômeno estudado e a teoria. Assim, nos reportamos a uma metodologia que melhor pudesse considerar as nossas intenções no tratamento do nosso objeto de estudo. Nesse sentido, o nosso percurso metodológico encaminhou-se na direção de métodos que têm relação com o campo das representações sociais. Representações estas que deverão ser estruturadas e depois reveladas pelas jovens do Grupo Maria Esperança sobre a educação na Associação das Antigas Alunas Dorotéias.

Importa destacar que a Teoria das Representações Sociais não adota nenhum método específico. Isto não significa que “[...] todos os métodos servem para a pesquisa das representações independente de seu enquadramento teórico-conceitual.” (SÁ,1998. p. 80).

No caso do nosso estudo, utilizamos como método de análise da pesquisa procedimentos qualitativos e quantitativos, de uma maneira que os dois métodos não se encontrem necessariamente isolados um do outro, ou ainda distintos, no momento de sua aplicabilidade. Na verdade, ao utilizarmos a técnica de Análise Fatorial de Correspondência (AFC), estamos tornando explícito que o método quantitativo teve relevância no trabalho e que o mesmo teve uma interpretação significativa no conjunto da pesquisa.

### **3.2 Sujeitos e local da pesquisa**

Nossa pesquisa foi realizada na cidade de Cajazeiras (PB), Brasil, na qual tivemos como sujeitos centrais as jovens do Grupo Maria Esperança assistidas pela Associação das Antigas Alunas Dorotéias, desde o ano de 1997. Mas também participam desse estudo indivíduos da sociedade cajazeirense tanto do sexo masculino como do sexo feminino, além de sujeitos do sexo masculino residentes no Bairro dos Remédios. Esses dois últimos grupos são entendidos nesse estudo como sujeitos contrastes e sua inclusão na pesquisa é justificada pelo fato de querermos fazer um confronto sobre o que as jovens do Grupo Maria Esperança pensam sobre si mesmas, o que elas pensam dos outros e o que os outros pensam delas.

A amostragem para esse trabalho foi no total de 100 sujeitos pesquisados.

Elegemos como critério para escolha da amostra dos sujeitos centrais do estudo as jovens que participam do processo educacional desenvolvido na AAAD, desde o início de formação do Grupo Maria Esperança, bem com as integrantes mais recentes. Já para os jovens do Bairro dos Remédios escolhemos os indivíduos do sexo masculino que já moram no bairro há algum tempo. Para os demais, o critério é ser indivíduo do sexo masculino ou feminino não residente no Bairro dos Remédios.

Pelo fato de já ter trabalhado com as jovens do Maria Esperança em outro momento, mais precisamente quando éramos bolsistas do PROBEX, nosso acesso ao campo de trabalho aconteceu de maneira acolhedora, facilitando as condições concretas para a realização da pesquisa empírica.

Como instrumento utilizamos a entrevista semi-estruturada e o Teste de Associação Livre de Palavras

### 3.3 Teste de Associação Livre de Palavras

O Teste de Associação Livre de Palavras foi aplicado com 100 sujeitos, assim distribuídos: 25 jovens integrantes do grupo Maria Esperança, sendo que dos 25 testes, 10 foram com as jovens que já tinham participado das entrevistas; 25 jovens do sexo masculino residentes no Bairro dos Remédios e 50 indivíduos do sexo masculino e feminino, entendidos como parte da sociedade cajazeirense.

Aplicamos o Teste de Associação Livre de Palavras no período de 25 de fevereiro a 05 de março de 2006. Com as jovens do Grupo Maria Esperança, os testes foram aplicados na AAAD, com os jovens do Bairro dos Remédios aplicamos os testes em suas residências e com os sujeitos da sociedade cajazeirense que não são residentes do Bairro dos Remédios, os testes foram aplicados nas principais ruas do comércio da cidade de Cajazeiras, a saber: Av. Presidente João Pessoa, Calçada da rua Tenente Sabino, Praça Coronel Matos, onde acontece a feira livre nos dias de sábado, Praça Nossa Senhora de Fátima. A nossa escolha justificava-se por ser notável a circulação de pessoas provenientes de todos os lugares da cidade diariamente por tais ruas.

Quando aplicamos o teste, primeiro, tivemos o cuidado de exemplificar aos sujeitos que as respostas deveriam ser dadas apenas com palavras e não com frases ou discursos. Como os testes foram realizados na época carnavalesca, o exemplo que utilizamos para apresentar aos sujeitos o instrumento de coleta de dados foi: “se eu lhe digo carnaval o que lhe vem à mente”, a partir de tal exemplo conseguimos aplicar os testes sem problemas.

Importa frisar que os testes só foram feitos com os sujeitos que se dispuseram a participar, ou seja, quando solicitávamos alguém e encontrávamos resistência, não insistíamos. Registramos que tanto com os sujeitos centrais como com os contrastes, iniciamos e paramos a aplicação do teste várias vezes, uma vez que determinados sujeitos não queriam continuar; alguns diziam que era muito difícil falar assim na hora, sem ter tempo de pensar; outros diziam que estavam ficando com dor de cabeça, que se fosse para falar mais de uma palavra e se pudesse levar para casa para responder era mais fácil. Além de justificativas evasivas para não continuarem respondendo aos estímulos.

A solicitação aos sujeitos de um posicionamento imediato referente a estímulos específicos é a estratégia do Teste de Associação Livre de Palavras. Pelo registro acima, podemos ver que alguns dos sujeitos que desistiram de participar dos testes, sentir-se-iam mais à vontade para

respondê-los se pudessem elaborar o pensamento sobre o estímulo proposto. A maneira como os mesmos são aplicados, a priori, não exige dos sujeitos uma construção sistemática do pensamento. No entanto, enquanto aplicávamos os testes sem distinção de categoria de sujeitos participantes do estudo, percebemos que após terminarem de responder a cada estímulo, os sujeitos reclamavam que teriam mais coisas para falar sobre os mesmos.

Todavia, a aplicação dos testes de associação livre de palavras, em termos de tratamento estatístico, é de grande relevância neste estudo, pois: “[...] a associação livre permite a atualização de elementos implícitos ou latentes que seriam perdidos ou mascarados nas produções discursivas.” (ABRIC, 1994 apud SÁ, 1998. p. 91).

Como aplicamos os mesmos estímulos a saber: *ser residente do Bairro dos Remédios; sociedade cajazeirense; Associação das Antigas Alunas Dorotéias/Grupo Maria Esperança; si mesmo*, tanto para os sujeitos centrais como para os sujeitos contrastes, entendemos que, se ao responderem tais estímulos fosse possível descrevê-los, as respostas não seriam as mesmas que encontraremos no capítulo seguinte, expressa no gráfico alcançado através da Análise Fatorial de Correspondência. Essa perspectiva firma-se no fato de que, em se falando de temáticas do campo das representações, as técnicas projetivas de associação ou evocação livre de palavras são consideradas como práticas de:

Caráter espontâneo – portanto menos controlado – e a dimensão projetiva dessa produção deveriam portanto permitir o acesso, muito mais fácil e rapidamente do que em uma entrevista, aos elementos que constituem o universo semântico do termo ou do objeto estudado. (ABRIC, 1994 apud SÁ, 1998. p. 91).

Os dados referentes à aplicação dos testes foram computados através do método *Tri-Deux-Mots*. Porém, antes de colocarmos os dados nesse software, fizemos um dicionário de palavras com as respostas que obtivemos dos sujeitos por meio dos quatro estímulos propostos.

Como resposta ao programa, obtivemos um total de 2145 palavras (respostas), das quais, 445 palavras eram diferentes. Obtivemos também como resposta 60 palavras que se repetiram no mínimo 10 vezes.

No quadro -1, temos a quantidade referente aos 25 sujeitos centrais da pesquisa, de acordo com as variáveis fixadas por nós, tais como *sexo, naturalidade, escolaridade, tempo de participação no grupo, idades*; que servem para identificá-los neste trabalho.

**QUADRO 1 – IDENTIFICAÇÃO DAS JOVENS DO GRUPO MARIA ESPERANÇA**

<b>IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS</b>	<b>TESTE DE ASSOCIAÇÃO (25 ENTREVISTADOS)</b>	<b>Nº DE PESSOAS</b>
SEXO	FEMININO	25
NATURALIDADE	CAJAZEIRAS/ PB	21
	PETROLINA/PE	04
ESCOLARIDADE	CURSANDO O ENSINO FUNDAMNETAL I	05
	CURSANDO O ENSINO FUNDAMENTAL II	09
	CURSANDO O ENSINO MÉDIO	11
TEMPO DE PARTICIPAÇÃO NO GRUPO	1 A 5 ANOS	17
	6 A 10 ANOS	08
IDADES	0 A 14 ANOS	12
	15 A 20 ANOS	13

Também consideramos importante explicitar a identificação dos sujeitos contrastes da pesquisa. No quadro 2, destacamos os sujeitos da sociedade cajazeirense, segundo as variáveis: *sexo, escolaridade, profissão/ocupação, idades*, por nós determinadas para a identificação dos mesmos.

**QUADRO 2 – SUJEITOS CONTRASTES/ SOCIEDADE CAJAZEIRENSE**

<b>IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS</b>	<b>TESTE DE ASSOCIAÇÃO (50 ENTREVISTADOS)</b>	<b>Nº DE PESSOAS</b>
SEXO	MASCULINO	27
	FEMININO	23
ESCOLARIDADE	SUPERIOR	21
	ENSINO FUNDAMENTAL/NÍVEL 2	26
	ENSINO FUNDAMENTAL/NÍVEL 1	03
PROFISSÃO/OCUPAÇÃO	APENAS ESTUDA	11
	VENDEDOR (A)	06
	COMERCIANTE	05
	PROFESSOR (A)	07
	BANCÁRIO (A)/ ESTAGIÁRIO EM BANCOS	05
	AUTÔNOMOS	04
	ADVOGADOS/OFFICIAL DE JUSTIÇA	03
	ENFERMEIRAS	02
	ARTISTAS (CÊNICOS E PLÁSTICOS)	02
	OUTROS (RADIALISTA, ENGENHEIRO AGRÔNOMO, APOSENTADA, DONA DE CASA E MOTORISTA)	05
IDADES	0 A 20 ANOS	06
	21 A 30 ANOS	10
	31 A 40 ANOS	16
	41 ANOS ACIMA	18

No quadro 3, damos seqüência à identificação dos sujeitos contrastes da pesquisa.

**QUADRO 3 – SUJEITOS CONTRASTES/ JOVENS DO BAIRRO DOS REMÉDIOS**

<b>IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS</b>	<b>TESTE DE ASSOCIAÇÃO (25 ENTREVISTADOS)</b>	<b>Nº DE PESSOAS</b>
SEXO	MASCULINO	25
ESCOLARIDADE	SUPERIOR	01
	ENSINO FUNDAMENTAL/NÍVEL 2 INCOMPLETO	06
	CURSANDO O ENSINO FUNDAMENTAL/NÍVEL 2	08
	ENSINO FUNDAMENTAL/NÍVEL I INCOMPLETO	04
	ANALFABETO OU SEMI-ANALFABETO	06
PROFISSÃO/OCUPAÇÃO	ESTUDANTE	07
	AGRICULTOR	08
	FAZ BICOS <sup>8</sup>	04
	MOTORISTA/MOTO TAXISTA	02
	CHAPEADO <sup>9</sup>	03
	PROFESSOR	01
IDADES	0 A 20 ANOS	11
	21 A 30 ANOS	14

<sup>8</sup> Faz bicos – termo utilizado para identificar os sujeitos que não participam do mundo formal do trabalho e que fazem de tudo um pouco: consertos elétricos, mandados, limpa de matos de quintais, limpeza de caixas d'água e caixas de esgotos, etc para conseguir algum dinheiro e assim ajudar nas despesas da casa; muitas vezes sobrevivem do que ganham fazendo bicos.

<sup>9</sup> Chapeado – termo utilizado para identificar os indivíduos que ganham a vida carregando e descarregando mercadorias de caminhões.



### 3.4 As Entrevistas

As entrevistas também foram utilizadas como processo de investigação. Optamos pelo modelo de entrevista semi-estruturada, modelo escolhido por essa modalidade de coleta de dados permitir ao sujeito participante do estudo uma flexibilidade ao buscar responder as questões apresentadas. Assim, as entrevistas são importantes como material de sustentação para o Teste de Associação Livre de Palavras.

As entrevistas foram realizadas em dois momentos distintos: no início e no final da pesquisa. Primeiro, em julho de 2005, com 10 jovens e, posteriormente, em março de 2006 quando foram realizadas mais 4 entrevistas. Ao todo realizamos 14 entrevistas, gravadas individualmente com autorização das entrevistadas, realizadas ora na AAAD, ora na casa das jovens, com segurança de anonimato, uma vez que a maioria queria manter a ocultação dos seus nomes.

Importa frisar que, ao retornar ao campo de pesquisa empírica encontramos certa resistência quanto à aplicação de novas entrevistas. As jovens não estavam mais querendo ser entrevistadas novamente. Das 10 que tinham sido entrevistadas anteriormente, apenas 4 aceitaram realizar nova entrevista. Tentamos com outras jovens do grupo, mas sem sucesso. Como iríamos realizar o Teste de Associação Livre de Palavras? A maioria das jovens dizia: - Ou a entrevista ou o teste!

As entrevistas realizadas no início do estudo, como as realizadas por último partiram das questões: Como você vê a educação com o grupo Maria Esperança?, ou Como você se vê, a partir da educação no Maria Esperança ? Assim, deixamos que as nossas interlocutoras, tanto no primeiro momento como no segundo, falassem da educação no “Grupo”, a partir das frases geradoras, supracitadas, de maneira espontânea.

Mesmo assim, tínhamos preparado uma lista formal de indagações, centrada em três eixos, com o propósito de orientar as nossas possíveis intervenções, na eventualidade dos temas de nosso interesse não se manifestarem naturalmente, pois a completa liberdade poderia tornar a busca investigativa impossível.

A demarcação da postura não diretiva numa determinada questão apresentada, é posição assumida por Thiollent (1982). Nesse sentido, articulamos em linguagem compreensível a todas, de modo a não utilizar expressamente termos de cunho científico, três eixos que se apresentaram desta forma:

- 1) O que levou você a querer participar do Grupo Maria Esperança?
- 2) Que opinião você tem sobre a educação constituída, a partir do envolvimento com o grupo e a educação que lhe vem através da instituição escolar?
- 3) Fazer parte desse grupo tem alterado o seu comportamento cotidiano, seja em casa, na escola e na rua?

As jovens foram colocadas à vontade para falar do cotidiano de suas vidas, mediadas pela experiência educacional do Grupo Maria Esperança, mas nem por isso as primeiras entrevistas, nem as últimas tiveram uma duração que ultrapassou vinte a vinte cinco minutos de duração. Contudo, podemos dizer que a técnica de entrevista semi-estruturada, tendendo para os caminhos de uma conversação, funcionou, pois durante a realização das mesmas observamos que existiu naturalidade por parte das nossas interlocutoras ao se expressarem.

Sendo assim, percebemos que o conteúdo da fala das entrevistadas que participaram do primeiro e do segundo momento se repetia e que se tivéssemos conseguido entrevistar um maior número de jovens, o produto final de suas representações acerca da educação na AAAD pouco se alteraria. Mesmo sabendo que :

Se o nosso acesso ao objeto da pesquisa se dá apenas através do discurso dos participantes, talvez seja realmente impossível saber se suas falas são realmente indícios de representações ou se foram produzidas em função de estímulos ou estados psicológicos momentâneos. (SÁ, 1998. p. 49-48).

Além das entrevistas, utilizamos como fonte para a construção deste estudo o Livro de Ata do Grupo Maria Esperança<sup>10</sup>, como também fotografias das jovens em atividades culturais, artesanais e do cenário urbano no qual as mesmas estão inseridas. A utilização das fotografias como fonte de pesquisa se dá pelo entendimento de que elas, também, têm a capacidade de retratar aspectos da vida cotidiana das sociedades.

Nesse sentido, dirigimo-nos a Sá (1998) interpretando Jodelet (1986), quando diz que ao buscarmos construir o nosso objeto de estudo se faz necessário desenvolvermos uma

---

<sup>10</sup> Os fatos contidos no Livro de Ata do Grupo Maria Esperança são redigidos por Mercês Holanda, ex-aluna Dorotéia, fundadora do Grupo junto com algumas jovens do Bairro dos Remédios. Mas depois de redigido é feita uma leitura para que em seguida as jovens assinem a Ata.

“investigação da correspondência entre o pensamento social – ou seja, as representações - e as práticas sociais da população estudada.” (SÁ, 1998. p. 49).

Assim, podemos dizer que o conjunto final das representações das jovens do Grupo Maria Esperança sobre a educação desenvolvida com as mesmas na AAAD não é perfeito, nem tampouco estável, mas sim conjeturas que se aproximam da realidade para dado momento.

### 3.5 Análise quantitativa dos dados

A análise quantitativa dos dados foi feita através da técnica de Análise Fatorial de Correspondência (AFC), técnica que é mais comumente usada pelos estudiosos franceses.

Essa técnica de AFC é desenvolvida por meio do método *Tri-Deux-Mots*, no qual as formas representacionais que os indivíduos estruturam sobre determinado objeto são postas em correspondência com as relações de atração e rejeição relativas aos estímulos oferecidos pelo pesquisador.

A AFC permite-nos visualizar graficamente por meio de uma classificação decrescente como se estrutura a representação social dos sujeitos. Isto quer dizer que os elementos mais centrais são destacados em relação a outras modulações existentes no âmbito representacional.

A rigor, na técnica de AFC, são analisadas as contribuições de cada modalidade referente à organização do fator, ou seja, o que se designa **contribuição ao fator** (CPF). O somatório de todas as modalidades que contribuem ao fator é igual a 1.000. Para entendermos a CPF, é indispensável o conhecimento da média que depende do número de modalidades constitutivas de cada fator. Nos nossos resultados, as modalidades equivalem às palavras (total = 60) evocadas como respostas aos estímulos. Dessa forma, pegamos o somatório das modalidades que é igual a 1.000 e dividimos por 60 ( $1.000/60$ ), encontrando 16,6 como a média resultante. Depois, pegamos essa média resultante e multiplicamos por dois ( $16,6 \cdot 2 = 33,2$ ), para encontrarmos uma contribuição de cada modalidade na construção dos fatores, observando para a análise dos resultados o valor superior ao produto dessa multiplicação.

Com relação às variáveis fixas (ser residente do Bairro dos Remédios, sexo e pertencer ou não ao Grupo Maria Esperança), procedemos da mesma forma, isto é, a totalidade de modalidades (1.000) foi dividida pelo número das respostas que contribuíram à construção do fator (1.000/6), no qual a média obtida foi 16,6, em seguida multiplicamos esse resultado por 2 para alcançarmos resultados mais fidedignos no que diz respeito às análises.

## **CAPÍTULO IV**

### **4- AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS JOVENS DO GRUPO MARIA ESPERANÇA SOBRE A EDUCAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO DAS ANTIGAS ALUNAS DOROTÉIAS**

Neste capítulo, trabalhamos os elementos predominantes na constituição das representações sociais que as jovens do Grupo Maria Esperança têm expressado com referência à educação que vivenciam na AAAD. Para tanto, explicitamos a interpretação dos dados através da representação gráfica dos resultados obtidos com o Teste de Associação Livre de Palavras e com as entrevistas. Assim sendo, iniciamos a nossa análise do estudo propriamente dita, tratando de apontar através dos dados estatísticos o que as jovens pensam de si próprias e o que os outros pensam delas. Em seguida, analisamos os dados numa articulação quanti-qualitativa, ou seja, examinamos as representações organizadas no gráfico, empenhando-nos em fazer sua relação com o conteúdo do discurso das entrevistas das jovens pesquisadas.

## 4.1 Interpretação dos dados

No que concerne aos dados estatísticos e às entrevistas realizadas, podemos dizer que as nossas análises efetivamente começam aqui. De um modo geral, analisamos as representações reveladas no gráfico, mas também buscamos com toda minúcia o conteúdo dos discursos das jovens entrevistadas.

No final fazemos uma complementação de análises no que diz respeito às prováveis explicações a que chegamos, já que tanto as respostas obtidas no gráfico quanto as das entrevistas tendem a uma aproximação em relação às representações sociais do Grupo Maria Esperança sobre a educação na AAAD.

De acordo com a técnica estatística (AFC), são realizadas correlações (positiva e negativa) evocadas pelos dois grupos (residentes no Bairro dos Remédios e sociedade cajazeirense) constituintes da amostra, em razão das respostas características de determinado grupo de sujeitos que se encontram reunidos pela identidade de respostas e características comuns aos mesmos. Nos resultados evidenciaram-se oposições entre os residentes no Bairro dos Remédios e sociedade cajazeirense no fator 1, com características diferenciadas entre eles. Em estatística, as respostas (variáveis de opinião) são denominadas de modalidade de contribuição à construção dos fatores ou eixos que constituem o plano fatorial. Portanto, resultaram dos dados o somatório de todas as palavras evocadas ( $\Sigma = 2145$ ) pelo conjunto de sujeitos ( $n=100$ ) que compõem o total da amostra do estudo, relativa a cada estímulo indutor (ser residente do Bairro dos Remédios, sociedade cajazeirense, Grupo Maria Esperança e si mesmo) em função da frequência e importância relativa às variáveis fixas para identificação dos sujeitos ou grupos (bairro, sexo e Grupo Maria Esperança) representam a configuração do gráfico, conforme ilustra o quadro abaixo e gráfico, a seguir.

Quadro 4 - Codificação das Variáveis Fixas (colunas)

BAIRRO	SEXO	GRUPO MARIA ESPERANÇA
(1) Residente	(1) Masculino	(1) Sim
(2) Sociedade	(2) Feminino	(2) Não

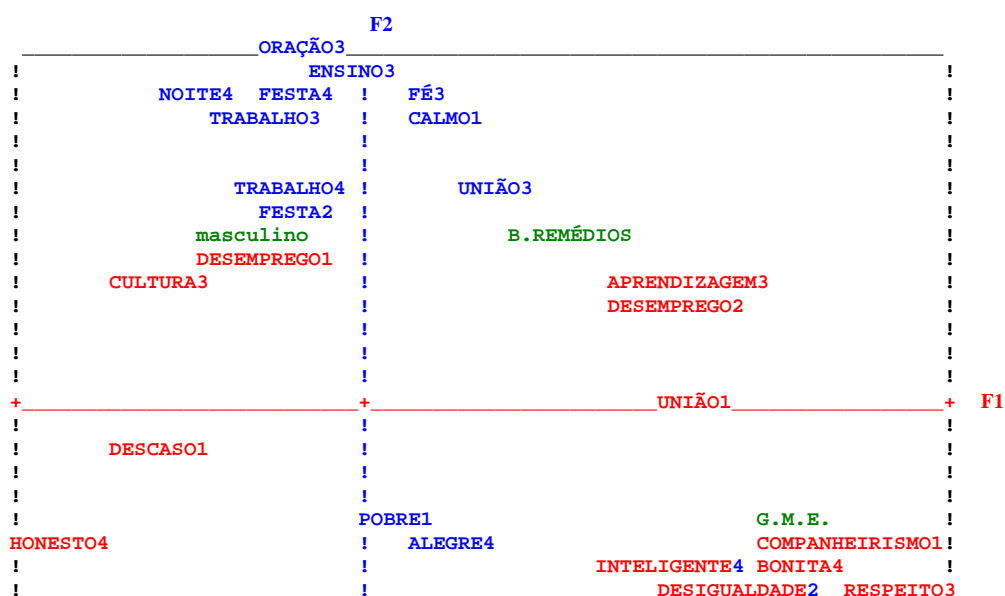
cajazeirense		
--------------	--	--

Enquanto procedimento metodológico, o AFC consiste em diferenciar os vínculos estabelecidos entre as características (variáveis sócio-demográficas) dos indivíduos que constituem um grupo e suas respostas a uma determinada questão.

Esta técnica (AFC) destaca os vínculos de (aproximação e de oposição ou distanciamento) existentes entre as representações das pessoas entrevistadas e suas qualidades enquanto membros de um grupo com características próprias e diferenciadas uns dos outros. Portanto, destacam-se no gráfico grupos diferenciados quanto ao conteúdo das representações e quanto à estrutura das mesmas, evidenciadas pelas pessoas que se colocam em situações simetricamente opostas em função das variáveis bairro, sexo e Grupo Maria Esperança.

No gráfico seguinte encontram-se os resultados da pesquisa, conforme a Análise Fatorial de Correspondência, revelando uma nítida oposição entre o Grupo Maria Esperança e a sociedade cajazeirense, no Fator 1(plano fatorial 1), os valores próprios de cada grupo, suas defesas identitárias, relações de exclusão, etc. Assim temos que:

### REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS FATORES 1 e 2 (F1 e F2)



!	HIOCRITA2	CAJAZEIRENSE	!	feminino	!
!	MEDO1	CARIDOSO4	!	AMOR4	!
ACOLHEDORA2	DETERMINADO4	!			!
!			!		!
!	CULTURA2	DESCONHECE3	!	SOLIDARIEDADE3	!
!	PROSTITUIÇÃO1		!	RELIGIÃO2	!
!	DESEDUCADOS1		!		!

#### QUADRO 5 – LEGENDA DA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS FATORES 1 E 2

VARIÁVEIS FIXAS	VARIÁVEIS DE OPINIÕES	PLANO FATORIAL
COLUNAS	ESTÍMULOS INDUTORES	
1-BAIRRO (1) Remédios (2) Cajazeirense 2-SEXO (1) Masculino (2) Feminino 3-GRUPO ESPERANÇA (1) Sim (2) Não	MARIA (1) Ser residente do bairro dos Remédios. (2) Sociedade cajazeirense. (3) Grupo Maria Esperança. (4) Si mesmo	<b>Fator 1 (F1)</b> = cor vermelha, eixo horizontal positivo (à direita), e negativo (à esquerda). <b>Fator 2 (F2)</b> = cor azul, eixo vertical positivo (superior) e negativo (inferior).

O Fator F1 (F1 vermelho) explica 56.3% da variância total das modalidades (palavras respostas) processadas. O Fator 2 (F2 azul) explica 42.5% perfazendo um total de 98.8% da variância total, valor considerado satisfatório para a interpretação dos resultados. O espaço fatorial, constituído dos primeiros fatores (F1 e F2), é delimitado pelas respostas aos quatro estímulos indutores (1= ser residente do Bairro dos Remédios, 2 = sociedade cajazeirense, 3 = Grupo Maria Esperança e 4 = si mesmo).

O fator ou eixo 1 é considerado o mais importante por conter as informações de maior valor estatístico sobre o objeto da pesquisa. Os resultados apresentam a seguinte configuração da estrutura do campo representacional, com as representações sociais que as jovens do grupo Maria Esperança têm sobre a educação constituída no espaço da Associação das Antigas Alunas Dorotéias como objeto de estudo.

No lado positivo fator 1 (eixo horizontal à direita de cor vermelha), um conteúdo representacional de valoração positiva em relação a *ser residente do Bairro dos Remédios* (estímulo 1) é considerado pelo Grupo Maria Esperança como sendo um local de *união e companheirismo*. Graficamente localizado do lado oposto encontram-se atribuições da sociedade



cajazeirense que compreende o referido bairro negativamente como um local de: *medo*, *prostituição e de deseducados*. Porém, não poderíamos deixar de registrar que essa representação negativa diz respeito não só a pontos de vista preconceituosos e discriminatórios; ao confirmar que o bairro dos Remédios é um local de *descaso e desemprego*, a representação está sendo associada a questões administrativas públicas, o que ficou codificado com a presença de *esgotos*, e que embora não tenha se sobressaído no plano fatorial, encontra-se num percentual de 29% referente à ausência de estrutura ambiental.

Ainda no eixo 1 lado positivo, as jovens em questão manifestam as representações relativas ao *Grupo Maria Esperança (estímulo 3)* com uma conotação positiva como sendo um lugar de *aprendizagem*, de *respeito* e de *solidariedade*, enquanto a sociedade cajazeirense, no mesmo eixo, à esquerda, vê o Grupo Maria Esperança numa relação ambígua, ora como algo que *desconhece*, ora como um lugar de *cultura*.

Observando ainda o mesmo eixo fator 1 (eixo horizontal à direita, lado positivo) constata-se que quanto ao estímulo *sociedade cajazeirense (estímulo 2)* as jovens consideram como um lugar de *desigualdade* e de *desemprego*. Porém, quando analisamos o grupo do lado contrário das jovens, ainda no mesmo eixo, a respeito do mesmo estímulo, percebe-se que esse grupo (sociedade cajazeirense) confirma que essa sociedade é *hipócrita* e *acolhedora*, evitando, assim, qualquer forma de verbalização crítica, no tocante aos aspectos sócio-econômicos a que as jovens se referem.

Em relação a *si mesmo (estímulo 4)*, ainda no mesmo eixo, o Grupo Maria Esperança se identifica como *bonita* e *inteligente*. Enquanto no lado oposto do Fator 1, a sociedade cajazeirense representa si mesmo como sendo um ser *determinado* e *honesto*.

A análise gráfica no Fator 2 (F2) coloca em oposição a população masculina e a feminina. No eixo positivo 2, lado superior, encontram-se os indivíduos do sexo masculino, residentes no Bairro dos Remédios que consideram o estímulo 1, *ser residente do Bairro dos Remédios*, como sendo um local especificamente *calmo*. No lado oposto, Fator 2 (F2) negativo, a população especialmente feminina da sociedade cajazeirense julga que ser residente do Bairro dos Remédios significa ser *pobre*, é sinônimo de *prostituição* e de indivíduos *deseducados*.

O gráfico revela ainda, no mesmo eixo F2 positivo, com relação ao *estímulo 2 (sociedade cajazeirense)*, que os residentes no Bairro dos Remédios (população masculina), identifica-a apenas como um lugar de  *festa*. Fica claro que nessa representação só existe exaltação ao que é

lúdico. No lado oposto, F2 negativo, lado inferior, as respostas evocadas com relação a esse estímulo, pela população feminina da sociedade cajazeirense são identificadas como referência à *religião*, à *cultura* e como aquela que se mostra *acolhedora*.

No que se refere ao *Grupo Maria Esperança (estímulo 3)*, observa-se como os residentes no Bairro dos Remédios, que se encontram no eixo superior F2, têm a representação do Grupo Maria Esperança como um local de *fé*, de *união*, de *trabalho*, de *oração* e de *ensino*. Enquanto para a sociedade cajazeirense, localizada no eixo inferior F2 negativo do gráfico, é representado com um sentimento de *solidariedade* ou como algo que se *desconhece*.

Nota-se que quanto ao *estímulo 4, si mesmo*, no eixo F2 positivo lado superior esquerdo, é ressaltado como sendo sinônimo de *trabalho*, mas também como referência à *festa* e à *noite*. Paradoxalmente, é bastante significativo que tenha se revelado a representação de *caridoso*, de *alegre*, de *amor* e de *determinado*.

Ao analisar-se o conjunto de repostas evocadas no TALP, pelos participantes em relação aos estímulos *ser residente do Bairro dos Remédios (1)*, *sociedade cajazeirense (2)*, *Grupo Maria Esperança (3)*, *si mesmo (4)* pode-se observar a diversidade de conteúdos das respostas evocadas, assim como o conjunto de frequências percentuais relativas às mesmas, sendo excluídas as respostas que não são estatisticamente significativas.

O quadro que se segue exhibe valores referentes aos resultados, em percentuais, das respostas evocadas pela indução de todos os estímulos acima descritos. Estão codificados em ordem decrescente de percentuais as palavras que tiveram significância estatística, assim como foram consideradas algumas evocações com o percentual abaixo de 16.%, mas que são respostas qualitativamente importantes e necessárias para a interpretação dos resultados.

**QUADRO 6 - ESTÍMULOS E FREQUÊNCIAS RELATIVAS CORRESPONDENTES**

(1) SER RESIDENTE DO BAIRRO DOS REMÉDIOS	%	(2) SOCIEDADE CAJAZEIRENSE	%	(3) GRUPO MARIA ESPERANÇA	%	(4) SI MESMO	%
Pobre	57	Desemprego	27	Educação	37	Amizade	45
Esgoto	29	Festa	25	Aprendizagem	33	Alegre	36
Amizade	24	Preconceito	25	Religião	21	Inteligente	22
Desemprego	24	Religião	19	Ensino	19	Trabalho	21

Descaso	18	<b>Desigualdade</b>	18	Trabalho	19	<b>Companheirismo</b>	18
Bom	17	Falsa	17		18	Educação	17
Comunidade	16	Acolhedora	13	Amizade	16	Bonito	16
Distante	16	Cidadão	12	Desconhece	16	Festa	15
Humilde	16	Educação	12	Fé	16	Calmo	14
Prostituição	14	Política	12	Oração	14	Amor	13
Companheirismo	13	Antipática	11	União	13	Bebida	12
Deseducados	12	Amizade	11	Cultura	12	<b>Caridoso</b>	11
Calmo	11	Hipócrita	11	Respeito	12	<b>Determinado</b>	10
Escola	11	Bom	10	Solidariedade		<b>Honesto</b>	10
União	11	Cultura	10			<b>Noite</b>	
Medo	10						

O Grupo Maria Esperança (estímulo 3) é considerado pelos residentes no Bairro dos Remédios de modo significativo como sendo um espaço de *educação* (37%) refletido através de um processo de *aprendizagem* (33%), que tem uma base de formação ancorada na *religião* (21%). Ainda de maneira expressiva, consideram que o Grupo Maria Esperança é um espaço de *ensino* (19%) e de *trabalho* (19%), mas também de *amizade* (18%), de *fé* (16%), de *oração* (16%). De forma não tão representativa, consideram como sinônimo de *união* (14%), de *cultura* (13%), de *respeito* (12%) e de *solidariedade* (12%). Um percentual não desprezível dos sujeitos participantes do TALP *desconhece* (16%) o referido Grupo, nos fazendo refletir que o Grupo, enquanto movimento social, não é tão reconhecido pela referida sociedade.

Quanto ao estímulo 1, ser residente do Bairro dos Remédios, de forma bastante representativa, as pessoas entrevistadas (especialmente da sociedade cajazeirense) transbordam em associações negativas e referem-se ao mesmo como um lugar pobre (57%), com *esgotos* (29%), *desemprego* (24%), consideravelmente se encontra em situação de *descaso* (18%). Ademais, localiza-se relativamente *distante* (16%), é constituído por gente *humilde* (16%), mas

também é identificado como uma localidade de *prostituição* (14%) e de *deseducados* (12%), além de ser um bairro que causa *medo* (10%). Ao contrário, os demais participantes das entrevistas (residentes do Bairro dos Remédios) consideram-no como sendo um lugar de *amizade* (24%), com a qualidade de ser *bom* (17%), onde se vive em *comunidade* (16%), em meio de um convívio social que expande *companheirismo* (13%) e *união* (11%). Assim, consiste em ser um lugar *calmo* (11%) para se viver, no qual se tem *escola* (11%).

No que se refere ao estímulo 2 (sociedade cajazeirense), nota-se que, significativamente, os residentes no Bairro dos Remédios representam-na como um lugar de *desemprego* (27%), de *desigualdade* (18%), mas também de *festa*<sup>11</sup> (25%). Os outros a identificam como sendo permeada pelo *preconceito* (25%), pela *religião* (19%). Ainda a vêem como sendo *falsa* (17%), mas também *acolhedora* (13%), que não deixa de ser sinônimo de *cidadão* (12%), bem como referência de *educação* (12%) e de *política* (12%), mas que às vezes é bivalente, ora é associada a ser *antipática* (11%), ora é associada ao sentimento de *amizade* (11%), talvez por essa dubiedade seja *hipócrita* (11%), não deixando de ser misericordiosa, ao despertar um sentimento do que é *bom* (10%), além de ser expressão de *cultura* (10%).

A respeito do estímulo 4 (si mesmo), as respostas são significativamente positivas para todos os participantes do processo. Dessa forma, a *amizade* (45%) teve um maior percentual de representação sobre esse estímulo, seguida de *alegre* (36%), de *inteligente* (22%), de referência ao *trabalho* (21%). do sentimento de *companheirismo* (18%) e de *educação* (17%). A vaidade também foi enaltecida quando se diz que é *bonito* (16%). Com a auto-estima elevada, provoca-se o desejo de vivenciar *festa* (15%), mas isso não significa que não seja *calma* (14%) e cheia de *amor* (13%). Alguns gostam da *bebida* (12%) e se identificam como pessoa *caridosa* (11%). De forma não muito expressiva se vê como *determinado* (10%), *honesto* (10%) e ligado à *noite* (10%).

A seguir, expomos as análises, com base no gráfico originado da análise fatorial de correspondência (AFC), como expressão quantitativa das respostas ao TALP aplicado aos 100 participantes da pesquisa, destacando as representações que sejam mais significativas para o nosso objeto de estudo: as representações sociais que as jovens do Grupo Maria Esperança têm sobre a educação na AAAD. Dessa forma, sempre que indispensável, recorreremos às entrevistas

---

<sup>11</sup> Representação tanto dos residentes quanto dos não residentes no Bairro dos Remédios.

realizadas com as jovens do grupo em questão, na compreensão de, valendo-se do conteúdo do discurso das jovens, justificarmos melhor nossas análises e possíveis reflexões a respeito das suas representações sobre a educação na AAAD.

## **4.2 A maneira de entender as representações no gráfico**

A princípio, é importante dizer que em relação às representações que constituem o gráfico, estas reproduzem o que foi obtido como mais significativo em termos de respostas. Quer dizer, essas respostas compõem o conjunto das representações sociais das jovens do Grupo Maria Esperança sobre a educação na AAAD.

Inicialmente, analisamos as representações, uma a uma, depois os agrupamentos destas representações. Em seguida, analisamos as correspondências entre estas representações, no que tange às suas homogeneidades e heterogeneidades, proximidades e afastamentos, em termos das respostas dadas aos estímulos que foram propostos. Assim, delineamos sua configuração no espaço dessa figura representacional resultante, pondo à disposição uma revelação mais vasta de todo conjunto das representações sociais que constituem o gráfico.

Para que possamos compreender melhor as representações, no que concerne à análise do gráfico, é fundamental fazermos o confronto entre o fator 1 (F1) e o fator 2 (F2), movimentando-os separadamente. Assim, fixamos que só podemos confrontar as representações do fator 1 em referência aos seus dois lados (positivo e negativo), à medida que sejam lados opostos. Da mesma maneira com relação ao fator 2, em referência aos seus dois lados (positivo e negativo), também enquanto lados opostos. Exclusivamente desta maneira é que as representações acharão ressonância, informando o que queremos obter em termos de respostas.

Percebermos que, em cada fator, as representações que estão em lados opostos (positivo/negativo) apresentam-se em oposição umas as outras. Necessita-se analisá-las seguindo essa lógica, para termos a possibilidade de obter um resultado aceitável da leitura do gráfico, de modo que se possa atribuir a devida seriedade científica ao estudo. Ademais, é indispensável considerar a totalidade do gráfico, no sentido de sua análise mais geral, isso, por se falar de representações sociais que estabelecem relações entre si.

Finalmente, ainda quanto à dinâmica e estruturação dessas representações no gráfico, consideramos importante chamar a atenção para a relação de semelhança nas suas constituições, visto que, não por acaso, elas estão perto uma das outras, não casualmente elas estão afastadas uma das outras, gerando precisamente o panorama mais inteligível que se poderia ter alcançado como respostas, a partir dos quatro estímulos. Definitivamente, elas compõem o que subsiste de mais provável, no que se refere às respostas conseguidas nos 100 testes de associação livre de palavras aplicados às jovens do Grupo Maria Esperança, que queremos destacar mais uma vez, são os sujeitos centrais deste estudo, bem como alguns membros do sexo masculino do Bairro dos Remédios e outros sujeitos da cidade de Cajazeiras que não são residentes do referido bairro.

Outra consideração necessária é termos em mente que, inicialmente, analisamos as representações sociais que consideramos mais importantes para as jovens do Grupo Maria Esperança.

As nossas análises tiveram início, partindo do estímulo *Grupo Maria Esperança* (3) e, posteriormente, analisamos os demais estímulos: *ser residente do Bairro dos Remédios* (1), *sociedade cajazeirense* (2) e *si mesmo* (4).

De fato, fizemos as necessárias explicações primárias, quanto ao processo de compreensão da leitura do gráfico, partindo da distribuição das representações que por agora estão configuradas. Diante disto, apresentamos as nossas interpretações.

### **4.3 Algumas conjeturas sobre a educação**

A princípio, o que afirmamos em relação às possíveis proposições sobre a educação na AAAD, leva-nos a fazer algumas considerações sobre a natureza dessa educação, por compreendermos que, para o nosso estudo, as mesmas têm cabimento, além de serem esclarecedoras.

É importante salientarmos que vamos observar a acepção de uma experiência de educação que acontece fora das normas da educação vivenciada na escola formal. Estamos falando de uma educação de base religiosa que poderíamos mencionar como sendo uma experiência potencializada em um movimento social de inclusão na cidade de Cajazeiras.

No que se refere à origem dos processos educativos, Paiva faz a seguinte afirmativa:

Toda educação provém de uma situação social determinada e as metas educacionais, a política da educação e a orientação do ensino mostram de forma clara o seu caráter histórico. Por outro lado, a forma como o movimento da sociedade se reflete na educação pode ser observada mais claramente sempre que se inicia um período de transformações e o sistema educacional existente (ou em formação) já não atende às novas necessidades criadas, necessitando ou de ampliação urgente ou de movimentos paralelos que preencham as lacunas deixadas pela organização do ensino vigente. (1987. p. 19).

O que podemos deduzir, de antemão, é que os movimentos sociais populares educativos são originados para atender às necessidades que a escola formal não vem conseguindo articular com as situações concretas vividas no cotidiano dos educandos.

É preciso reconhecer, conforme Gohn (1999), que a educação sob o aspecto de ensino-aprendizagem é um processo obtido no decorrer da vida dos indivíduos, advindo de três bases: 1) da educação informal, transmitida pela família, pela comunidade, ou seja através das diversas formas de comunicações sociais; 2) da educação institucionalizada escolar formal; que é gerada nas escolas; 3) da educação não-formal, originada da necessidade de alguns indivíduos buscarem a construção de espaços que lhes possibilitem alcançar determinados objetivos que a escola não concebe. Dessa forma, a educação não-formal, pode vir a conter conteúdos da educação formal, trabalhados de maneira mais específica, no sentido de estabelecer relações com a vida cotidiana, permeada por lutas e necessidades de determinadas classes sociais populares.

Um dos aspectos significativos e característicos da educação não-formal é a relação existente entre os saberes que transpassam o dia-a-dia dos educandos, possibilitando, na maioria das vezes, que estes possam preencher algumas das lacunas da educação escolarizada. É o caso das dificuldades de aprendizagem refletidas no fracasso escolar, que muitas vezes perpassa pela questão da origem social, da concepção de valores, entre outras complexidades, que são conhecidas como causas mais freqüentes dos modos defensivos de muitos educandos no ambiente escolar. Dentro dessa proposição, nos remetemos a Bourdieu, quando nos assevera que os educandos das classes populares,

[...] que não empregam na atividade escolar nem a boa vontade cultural das classes médias, nem o capital cultural das classes superiores refugiam-se numa

espécie de atitude negativa, que desconcerta os educadores e se exprime em forma de desordens até então desconhecidas. (1998. p. 58).

Consideramos importante para o nosso estudo identificar essas nuances sobre os processos de educação escolar formal e não-formal, no sentido de melhor compreender a educação que se desenvolve na AAAD. Haja vista que, como nos diz Cunha, “a educação escolar tem como finalidade máxima servir à constante ‘revisão’ da ordem social”(1995. p. 31), o que seria interessante se o sistema percebesse as diferenças existentes entre o seus atores e não as calasse, através da homogeneidade de classes sociais.

Na verdade, como diz Bourdieu, o sistema escolar é: “Um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. (1998. p. 41).

Nesse sentido, entendemos que os processos educativos, através de pequenas organizações populares, são necessários, já que a educação formal que temos, que deveria ser um direito e um dever de todos, torna-se um privilégio para os herdeiros da sociedade a quem ela serve.

Notadamente, a problemática do confronto entre educação formal escolar e educação não-formal se caracteriza no processo de construção dos saberes, pois as classes populares necessitam sistematizar os saberes da vida cotidiana, no sentido de melhor compreender as suas relações em sociedade. Nesse sentido, é válido dizer que o saber escolarizado e a própria formação dos educadores necessitam ser transformados, para que a convivência dos membros das camadas populares na escola seja mais prazerosa. No entanto, percebemos que no decorrer prático das relações da educação escolarizada,

A pequena burguesia, classe de transição, adere mais fortemente aos valores escolares, pois a escola lhe oferece chances razoáveis de satisfazer todas as suas expectativas, confundindo os valores do êxito social com os do prestígio social. Diferentemente das crianças oriundas das camadas populares, que são duplamente prejudicadas no que se refere à facilidade de assimilar a cultura e a propensão para adquiri-la, as crianças das classes médias devem à sua família não só os encorajamentos e exortações ao esforço escolar, mas também um ethos de ascensão social e de aspiração ao êxito na escola e pela escola, que lhes permite compensar a privação cultural com a aspiração fervorosa à aquisição de cultura. (BOURDIEU, 1998. p. 48).



Concordando com essa idéia, podemos deduzir que o desejo dos educandos melhorarem suas condições de vida e assegurarem uma posição social, por intermédio do processo da educação escolarizada, é algo que está intimamente ligado à representação que suas famílias, sendo de origem popular ou não, têm a respeito do assunto. Dentro dessa perspectiva, o desejo, nos dizeres de Souza e Silva, é um entusiasmo “social e não natural, provocado pela inserção das famílias nas redes sociais”.(2003, p. 131).

Essas considerações sobre a educação formal se mostram cabíveis para a validação do nosso trabalho, no que se refere ao significado da educação, conforme as mesmas venham a apresentar direções que conduzam à percepção da educação na AAAD para as jovens do Grupo Maria Esperança.

Ressaltamos que as nossas inferências neste trabalho tendem a confluir para uma acepção de educação assentada numa escola que não cala as diversidades culturais. Em nosso entendimento, a educação que estamos experimentando compreender advém dos embates peculiares dessa nossa sociedade cuja referência é o trabalho assalariado e o crescimento do sistema sócio-econômico ligado excessivamente à propriedade privada dos meios de produção.

Logo, a educação, enquanto aquisição das insígnias necessárias ao ajustamento dos indivíduos em sociedade, é

Como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre os que ensinam e aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim e com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, às vezes a inculcar – de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem. (BRANDÃO, 1995. p. 10-11).

Lançamos mão da literatura que há sobre a educação formal para falarmos da educação não-formal, por entendermos que esta última é gerada através dos conflitos e lacunas que a primeira apresenta, uma vez que, “as formas não escolares de educação têm que ser compreendidas a partir da escola, que é a forma desenvolvida de educação”. (SAVIANI, 1994. p. 153). Mas também por compreendermos que esses mesmos conflitos podem ser capazes de tornar possível a fecundação

de um conhecimento específico para os jovens adolescentes da periferia social no âmbito da escola institucionalizada.

Com relação à análise das representações do gráfico, à medida que fomos nos valendo do conteúdo do discurso das jovens do Grupo Maria Esperança, na construção do texto, recorreremos à literatura teórica que melhor nos possibilita fazer proposições sobre a educação na AAAD, pelas jovens em questão.

#### 4.4 As representações do Grupo Maria Esperança

As representações sociais que as jovens em estudo têm sobre o estímulo (3) *Grupo Maria Esperança*, inicialmente, aparecem como sendo representadas por **aprendizagem [3]**<sup>12</sup>. Supomos que na AAAD a educação com as jovens do Grupo Maria Esperança é praticada em um espaço que possibilita o desenvolvimento da aprendizagem, à proporção que neste lugar são ensejadas as oportunidades para quem, automaticamente na condição de herdeiro da sua classe social, já estaria excluído do processo de educação escolarizada e, por conseguinte, dos demais processos de aprendizagem que interessam à sociedade. Essa representação também pode ser verificada através do discurso das jovens:

As atividades no grupo são diversas. Fazemos trabalhos artesanais como bordado, crochê, bijuteria que podemos vender e conseguir algum dinheiro, né?. É porque é uma aprendizagem, né? Que me ajuda a se relacionar melhor com as coisas da vida ... E tem os debates temas de nossa sociedade, e a educação religiosa que hoje são os seminaristas, que Dona Mercês<sup>13</sup> trouxe pra ensinar a gente. ... É na escola, na escola, na educação da escola sempre há a preocupação com o fato da gente ter que aprender as matérias para passar no vestibular, você sabe né? Como é? E a educação que tenho lá no grupo me fez ver o mundo como ele é, assim, não sei dizer direito, mas no Maria Esperança aprendo as coisas que preciso e um pouco mais. ... também tô mais madura para vê a realidade do mundo. Vejo também o grupo cada vez mais evoluindo. Hoje somos jovens capaz de viver sem medo de dizer que a gente mora nos Remédios.... (Entrevista, jovem 01, sexo feminino, 18 anos de idade).

---

<sup>12</sup> A partir deste momento, apresentaremos em todo o tempo a representação em negrito, seguida do estímulo indutor correspondente, entre colchetes.

<sup>13</sup> Integrante da AAAD., é também fundadora do Grupo Maria Esperança e atualmente entre as ex-alunas Dorotéias é a pessoa que participa mais ativamente das atividades desenvolvidas na referida associação, desde a luta pela creche, perpassando o trabalho com o Grupo Maria Esperança e, mais recentemente, com o Grupo Esperança.

A educação introduziu essa jovem na condição de indivíduo social que tem a capacidade de desenvolver algum trabalho (mesmo que informal), tendo em vista a possibilidade de suprir algumas de suas necessidades imediatas, como ganhar dinheiro.

Reportando-se à presença do desenvolvimento cognitivo no processo de aprendizagem, de modo que o indivíduo envolvido possa atuar no meio social de acordo com às suas necessidades, Gómez faz a seguinte apreciação: “A aprendizagem transforma-se num instrumento de desenvolvimento do aperfeiçoamento das capacidades intelectuais e da sobrevivência que permitem a expansão criadora da vida individual e coletiva.” (1998. p. 34).

Entendemos que a ênfase dada ao dinheiro na fala da jovem está associada às suas necessidades materiais, subtendendo que a educação no Maria Esperança abre expectativas de uma formação para o trabalho, mesmo que seja para um trabalho de cunho informal. Pois bem se sabe que o trabalho é, acima de qualquer outra coisa, uma forma de sobrevivência. Há, porém, a perspectiva do trabalho como atividade humana, que vai além da produção dos bens materiais e chega à produção de bens espirituais, como se posiciona Marx (1985).

Conforme podemos observar, no discurso da jovem, aflora uma convicção da educação tida no Grupo Maria Esperança, sendo capaz de possibilitar um contato maior com a vida exterior, de uma pessoa que, mesmo estando envolvida no processo de educação escolarizada, estava excluída do complexo social da cidade na qual reside.

Para essa jovem, ter acesso ao processo de construção da aprendizagem vivenciada no “Grupo” é ter a oportunidade de melhor entender o mundo através das discussões de temáticas que tratam das questões cotidianas de uma sociedade. Ao mesmo tempo em que se refere à educação escolarizada apenas como uma perspectiva propedêutica. Deduzimos que a jovem está levantado o argumento de que a educação escolar não satisfaz as suas necessidades e nem tão pouco consegue emudecê-las. Nesse sentido, Gómez explica que a educação escolar:

Converte-se assim numa aprendizagem acadêmica para passar nos exames e esquecer depois, enquanto que a aprendizagem dos mecanismos, estratégias, normas, valores de interação social, que requer o êxito na complexa vida acadêmica e pessoal do grupo da aula do colégio, configura paulatinamente representações e pautas de conduta que estendem seu valor e utilidade além do campo da escola. (GÓMEZ, 1998. p. 17).

Ainda com relação à fala da “Jovem 1”, encontrada na página anterior, percebe-se que a educação desenvolvida com o Grupo é representada como tendo a função de construção de uma identidade, no que se refere à aceitação do local de residência, como ela mesma diz, *hoje somos jovens capaz de viver sem medo de dizer que a gente mora nos Remédios*. A partir dessa posição assumida, pode-se propor que é por intermédio da síntese que a jovem faz, entre as aprendizagens externas (escola) e as que se originam no espaço da AAAD no processo concreto da relação de grupo, que é elaborada a construção dessa identidade.

Vejamos a seguir como outra jovem percebe a aprendizagem no Grupo Maria Esperança, desde o início de sua entrevista:

Comecei a participar do grupo na busca de aprender novas coisas que pudesse me ajudar no meu dia-a-dia ... A educação escolar para mim é necessária porque sem ela não tenho nenhum papel que diga que sou uma pessoa estudada, é educação que diz que sabemos ler, escrever ... A educação que vivemos no grupo Maria Esperança nos oferece o que necessitamos para melhor viver as coisas de todo dia. Lá aprendemos a se comunicar melhor com a nossa família, com as pessoas do nosso bairro e com quem quer que seja.... Aprendemos mais sobre sexo de como é importante se prevenir para não pegar doenças e também para não ser mãe antes do tempo como algumas garotas aqui do bairro que foram mães ainda muito cedo ... e de certa forma perderam um pouco da juventude. A educação que temos no grupo me ajuda a ser uma pessoa mais participativa envolvida com os problemas da minha casa e com tudo que faz parte da minha vida. Eu acho que hoje sou uma pessoa que vê o mundo além de mim, sei respeitar os outros e lutar para ser respeitada também, você entende, né? Essa educação que a gente tem no grupo é uma luz a nos ajudar a enfrentar as dificuldades que temos em nossas vidas. Toda menina que é daqui do bairro e entra no grupo, fica mais sabida ..., no começo, a gente fica tudo com medo de falar, você se lembra a primeira vez que você chegou aqui com a sua professora da universidade pra trabalhar com a gente ..., mas depois a gente vai se soltando, perdendo o medo de falar. Quando tem as discussões dos textos, as atividades todo mundo participa ..., tem umas meninas que são mais difícil de aceitar outras pessoas que não seja da AAAD, como P..., que você mesmo viu, que ela não gostava da sua professora, mas depois ela vai se ligando nas coisas ... É porque aqui a gente aprende a ser mais educado, a querer ser alguém na vida, que você sabe, a gente entende que só se é alguém estudando, mas na escola tem professor que não respeita a gente e só que mandar ... aqui não, aqui a gente é respeitado. Mas deve ser por que sou mesmo, é rebelde, porque muita gente gosta da escola e aceita ficar só decorando pra passar e, tem umas prima minhas que moram em Santa Cruz, que já terminaram o segundo grau e quer fazer vestibular, mas sei que essa história de vestibular não dá certo prum bocado de gente, principalmente pra gente que estuda na escola pública, que os professores, como eu já lhe disse, né? Fica só querendo mandar na pessoa. Aí quando a gente estuda a Bíblia, também fica vendo que para Deus todo mundo é igual, mas na verdade , não é não, o povo dessa cidade fica querendo ser

melhor do que a gente que mora aqui nos Remédios. ô! besteira, se aqui tem escola, tem posto de gasolina, o batalhão da polícia, e a gente daqui é gente boa, né não? Pois depois que participo do Maria Esperança, aprendi a me valorizar e valorizar meu bairro, também a gente aprende a fazer crochê, bordado, a fazer pastéis, a se expressar diante das pessoas e tudo mais.... (Entrevista, jovem IV, sexo feminino, 18 anos de idade).

No discurso acima, percebemos que a educação escolar para essa jovem é considerada como um processo restrito à instrumentalização da apreensão do código letrado, todavia importante no sentido de lhe atribuir um certo prestígio social. Mesmo assim, desde o início de sua entrevista, deixa bem nítido que o desejo de ser um membro do Maria Esperança perpassa a necessidade de aprender algo que venha ajudá-la no seu cotidiano. No que se refere ao ato de aprender, nos reportamos a Grossi (1995, p. 55), quando destaca que:

A aprendizagem põe em ação mais do que só inteligência. O sujeito epistemológico, ou seja, aquele que só constrói conhecimentos lógicos não existe. O sujeito epistêmico tem inexoravelmente mais duas outras dimensões simultâneas no processo de aprender, além da cognitiva. São elas, a dimensão dramática e social. A dimensão dramática, área subjetivamente, funciona em torno e gera desejos. Ela diz respeito à trama de significados que dão sentido à vida.

Sob esse prisma, é possível dizer que a aprendizagem tem uma significação intensa na vida dessas jovens, na medida em que a educação no Grupo Maria Esperança possibilita-lhes o desenvolvimento de uma aprendizagem, provavelmente, através de um caminho de construção do saber que não é qualquer caminho, mas, um caminho metódico que está longe do “discurso ‘bancário’, meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo”. (FREIRE, 1996. p. 28-29). Percebe-se, assim, um caminho metodológico que intervém nos seus modos de pensar, de sentir e de agir no cotidiano de suas vidas.

No discurso da jovem, fica evidenciada, também, a formação religiosa de visão cristã desenvolvida com as jovens do grupo em estudo. É notório que as jovens acreditam nos ensinamentos do cristianismo e que, também, são capazes de refletir, como seres conscientes, em relação ao momento presente de suas vidas. Quer dizer, revelam que percebem a discriminação à qual estão submetidas pela sociedade cajazeirense e, ainda, encontram argumentos de caráter material que, conseqüentemente, trazem ascensão social para o Bairro dos Remédios, como a presença de escola, do posto de gasolina e do batalhão de polícia. Ainda levam a alegação para o

lado da humanização, quando dizem que o referido bairro é habitado por pessoas consideradas boas. Além disso, a aprendizagem é caracterizada pela consciência de padrões sociais mantidos pelo indivíduo ou classe, como a questão da valorização de si mesma e do bairro onde residem.

Nesse sentido, a aprendizagem está relacionada à conscientização através do processo de comunicação, em que as idéias do grupo vão se organizando, à medida que as jovens vão significando e ressignificando seus valores, opiniões, suas crenças, e assim revigorando as relações que conferem unidade à identidade de grupo, de bairro e, por que não dizer, de classe.

Fazendo alusão à conscientização relacionada ao processo de comunicação, em uma de suas conclusões, Landim Filho diz,

Isto ocorre porque o homem pode-se definir como o ser que torna, em seus atos, o mundo humano e, portanto, o significa, e que se afirma como distinto das coisas, tendo, pois, consciência de si, relacionando-se com outros homens, dando assim um sentido à comunicação.(1983. p. 179).

Percebemos ainda, na entrevista da jovem IV, uma série de categorias ou benefícios alcançados com aprendizagem no Grupo Maria Esperança, tais como: compreender o real, a comunicação como socialização e inserção social, sexo, prevenção, gravidez precoce, cidadania, desenvolvimento intelectual.

No discurso das jovens, percebemos a necessidade de uma aprendizagem que lhes possibilite conhecimentos úteis no decorrer de suas vidas cotidianas. Sobre o tipo de atividades desenvolvidas no Grupo e de como as mesmas revelam a aprendizagem praticada na AAAD, vejamos o pronunciamento abaixo:

A gente lê e discute textos que falam do problema das drogas, das coisas que acontecem no Brasil. Fazemos peças, paródias para apresentar sobre o que foi lido. Acho que o bom do grupo é por que vem pessoas importantes para falar com a gente. Tem vezes que a gente fica com vergonha de falar, mas é só no começo, depois a gente vai se soltando, você sabe, né?. Também tem pessoas que vem discutir com a gente sobre as questões da violência do preconceito, da falta de emprego, da importância da gente estudar e participar da escola ... É, o grupo da universidade traz poesias, músicas, dinâmicas; é um jeito diferente de falar das coisas. A gente aprende tudo isso. (Entrevista, jovem X, sexo feminino, 19 anos de idade).

Na nossa análise, as jovens dão importância ao que aprendem no Grupo, porque a didática de construção do conhecimento experienciado parte de situações reais vivenciadas no dia-a-dia das mesmas. Deduz-se que as jovens estão tendo a oportunidade de expressarem suas representações do senso-comum durante esse processo de aprendizagem. Pensamos que a educação, está sendo trabalhada a partir do ponto de vista que as jovens têm do mundo no qual estão fixadas; do diálogo entre todos os envolvidos no processo, de forma que as jovens possam incorporar novos conhecimentos aos conhecimentos já existentes, aprimorando-os sempre que for necessário.

Na entrevista da jovem, ainda identificamos que a aprendizagem no Grupo Maria Esperança também deve ser compreendida como um processo sistemático de construção do conhecimento.

Na entrevista seguinte, observamos que a aprendizagem desenvolvida no Grupo está conseguindo ajudá-las em suas vidas escolares, a partir da construção de um saber de classe, esclarecendo a realidade que se reconstrói por meio desse saber:

Estudo no colégio de freiras da cidade e vejo que a educação que vivencio no grupo tem me ajudado a superar algumas dificuldades na escola. A partir das atividades que a gente faz no grupo, né? A leitura de textos que despertam para questões culturais, desigualdades sociais, até mesmo as poesias que lemos no grupo, a maneira como é trabalhado tem me ajudado na participação das aulas na escola. O envolvimento com o grupo me abriu os olhos para o fato de que só porque sou de um bairro da periferia não tenho que ter medo de assumir minha origem e nem tampouco ter medo de expressar minhas idéias nas relações do dia-a-dia da escola. (Entrevista, jovem VIII, sexo feminino, 14 anos de idade).

Podemos dizer que, além dessa construção de um saber de classe, a aprendizagem captada no Grupo chega a facilitar a compreensão cognitiva das jovens no processo da educação escolarizada.

Uma outra representação do *Grupo Maria Esperança (3)* está posto na manifestação do **respeito [3]**. A jovem vê o respeito como uma expressão amável no processo educacional do grupo, que pode ser considerada como uma estratégia metodológica no processo de ensino-aprendizagem desenvolvido com o grupo. Percebe-se essa concepção na próxima entrevista:

A gente aqui, aprende a fazer trabalhos manuais que pode ser vendido e ajudar em casa. E você sabe, né? Que a gente aprende a fazer esses trabalhos porque quando a gente não aprende logo D. M... e outras mulheres que vêm ensinar a

gente não ficam sem respeito com a gente [...]. (Entrevista, jovem III, sexo feminino, 16 anos de idade).

Um aspecto que aqui é importante está relacionado com a possibilidade da prática dialógica que, nos parece, está existindo no processo de educação do Grupo Maria Esperança, facilitando o processo de socialização das jovens com seus pares e, conseqüentemente, com a sociedade na qual estão inseridas. É nesse sentido, também, que a jovem anteriormente citada nos assevera:

Até quando a gente tá discutindo algum texto e diz alguma opinião, a nossa opinião, é respeitada. Se às vezes tem umas meninas que ficam mangando da gente, logo tem outras que vão mostrando que todo mundo tem o direito de falar e de aprender, e elas também vão aprendendo a respeitar quando outra pessoa tá falando ... É, a educação que temos no grupo me fez ver as coisas que eu já conhecia de maneira diferente. Toda a educação que a gente temos no grupo me fez perceber que nada passa despercebido quando estamos juntos, né não? (Entrevista, jovem III, sexo feminino, 16 anos de idade).

No que se refere à metodologia praticada no processo de educação com o Grupo Maria Esperança, ficou evidenciado na entrevista da jovem a atenção que é dada por parte dos que ali têm contribuído, com uma metodologia baseada no respeito às diferenças, à medida que as jovens têm a idéia do processo de construção dos conhecimentos que vão vivenciando, tornando-lhes mais fácil à compreensão destes. Nesse sentido, Freire assegura:

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de *transgressão*. (FREIRE, 1996.p. 66).

Um outro aspecto que merece ser ressaltado é o fato das jovens em questão se referirem à educação escolarizada e à educação no Grupo, no que concerne à concepção da prática do respeito em ambos os processos educacionais, fazendo comparações. Podemos verificar isso na entrevista que se segue:

Com o Maria Esperança descobri o respeito a mim mesma e aos outros, além do orgulho de ser eu mesma.... E, se não fosse a educação desenvolvida no grupo eu poderia está fazendo outras coisa como me prostituindo ou usando drogas,



como o povo diz que tem umas meninas do bairro que faz isso, mas eu mesma nunca vi nenhuma menina fumando maconha, nem se prostituindo como o povo fala.... A educação no Maria Esperança é muito boa por isso e por muito mais ... Eu e umas meninas que são mais velhas no Grupo, a gente ensina o que aprende para as meninas que tão entrando agora. A gente ensina a elas a ter respeito por elas e pelos outros, também a gente ensina fazer biju<sup>14</sup>, bordado e outras coisas.... As atividades desenvolvidas com o grupo fazem com que eu desenvolva a minha inteligência, aí eu sei que sou capaz de fazer muitas coisas ... E quando a gente pensa na educação do colégio, sei lá, tá ficando assim sem respeito e o que os professores ensinam não serve para a nossa vida. (Entrevista, 01/07/2005, jovem II).

A educação desenvolvida no Grupo Maria Esperança, de certa forma, vem assumindo na prática, algumas das funções que a educação escolarizada, que estas jovens vivenciam, não está conseguindo alcançar. Percebe-se que a educação no Grupo é realizada através de relações de convivência, despertando um certo brio, nas jovens facilita o desempenho nas atividades educativas voltadas para o ensino de trabalhos manuais.

É válido dizer que o que marca essa comparação entre as duas formas de educação na representação das jovens é a própria condição de classe social. Isto porque:

Quando a sociedade capitalista tende a generalizar a escola, esta generalização aparece de forma contraditória, porque a sociedade burguesa preconizou a generalização da educação escolar básica. Sobre esta base comum, ela constituiu a diferença entre as escolas de elite, destinadas predominantemente à formação intelectual, e as escolas de massas, que ou se limitam à escolaridade básica ou, na medida que têm prosseguimento, ficam restritas a determinadas habilitações profissionais. (SAVIANI, 1994. p. 155).

E sendo assim, a educação escolarizada vai se desvalorizando na concepção de muitos educandos pertencentes as grandes massas sociais. No caso específico das jovens do Grupo Maria Esperança, tem-se a compreensão de que “na escola tem professor que não respeita a gente e só quer mandar”, desta forma, a educação escolarizada não tem grande significação, mas sim, convertida numa relação de poder. Mas, como exigir respeito na escola na relação professor/aluno, aluno/espço físico escolar, se o próprio “Poder Público revela absoluta desconsideração à coisa pública?” (FREIRE, 1996. p. 50).

---

<sup>14</sup> É a maneira abreviada que as jovens usam ao se referir a palavra bijuteria.

Portanto, temos o entendimento de que no espaço da AAAD a educação, é reconhecidamente valorizada pelas jovens por se traduzir num local onde estas refletem sobre seus sentimentos, seus valores, suas emoções, seus desejos, ao serem educadas.

O *Grupo Maria Esperança (3)* também significa **solidariedade [3]**, contudo, só conseguimos atestar esta representação no discurso de uma das jovens entrevistadas, como veremos a seguir:

No grupo aprendi a lidar com os meus sentimentos, aprendi a ser solidária, pra poder saber falar e me expressar em qualquer momento, e a gente vai aprendendo a conversar, a conversar com as pessoas do nosso bairro e com as pessoas de fora. Na cidade tem pessoas que não sabem conversar e respeitar a gente que somos moradores do bairro dos Remédios, mas outras são agressivas. Então, a gente tenta conversar tenta chegar a um ponto em comum quando precisamos nos expressar diante de certas situações. (Entrevista, jovem II, sexo feminino, 17 anos de idade).

Fica claro para nós que o real significado dessa representação diz respeito ao tratamento da questão da solidariedade para além da supressão das carências materiais a que essas jovens estejam expostas e pressupõe a possibilidade de um sentimento de inclusão e pertença nas relações sociais vivenciadas por elas. Supomos que existe uma estratégia para conquistar a sua identidade de classe (moradores da periferia) e assegurar um tratamento respeitável em meio as suas comunicações sociais, a partir do sentimento solidário entre todos. A solidariedade, aqui, se apresenta mais como uma ferramenta de luta na construção da identidade social das jovens.

Temos ainda relativo ao estímulo *Grupo Maria Esperança (3)*, a representação do Grupo significada nas palavras: **ensino [3]**, **trabalho [3]**, **fé [3]**, **oração [3]** e **união [3]**. Estas representações encontradas no gráfico dizem respeito ao que a parte masculina do Bairro dos Remédios pensa sobre o referido estímulo. Então, para fazermos as análises dessas representações, também lançamos mão dos discursos das jovens do Grupo Maria Esperança que foram entrevistadas.

O *Grupo Maria Esperança (3)* é visto pela população masculina do bairro dos Remédios como um local onde acontece o **ensino [3]**, observamos em fragmentos do discurso das jovens do referido Grupo esta mesma representação:

Das atividades que a gente faz no grupo que acho, é na minha opinião, as meninas ficam mais querendo fazer é crochê, bordado, bainhas nas roupas, bijuterias, fuxico, pintura e culinária. Elas até fazem para vender e ficar com algum dinheiro, que às vezes dá para ajudar em casa, mas eu não faço para vender. Agora sei ensinar a fazer e já estou ensinando as meninas que estão entrando no grupo. É que agora entram muitas meninas de 11, 10 anos, então combinamos que as mais antigas do grupo iriam ajudar elas em tudo o que pudessem. A gente vai ensinando o que aprendemos e vamos aprendendo mais, né? Agora uma coisa assim que eu aprendi aqui, não foi só que eu aprendi, me chamou atenção: foi tirar fotos. Eu gosto muito de tirar fotos. Agora no Bairro eu tiro as fotos das pessoas e ganho por isso. (Entrevista, jovem II, sexo feminino, 17 anos de idade).

Na verdade, podemos observar que existe uma concordância de opinião entre as jovens e os demais residentes no Bairro dos Remédios de que o Grupo Maria Esperança subsiste como referência no ensino. Assim, a educação permite às jovens a aquisição de conhecimentos voltados para o trabalho manual através da “ensinagem”<sup>15</sup>, que reflete nos processos de convivência do Grupo, bem como na possibilidade do desenvolvimento de habilidades de trabalho específico.

Mesmo que as jovens não tenham a oportunidade de desenvolver as habilidades com o crochê, bordado, bainhas de roupas, bijuterias, fuxico, pintura e culinária, em termos de um trabalho que possa ser remunerado, podemos reconhecer que ao repassarem para as jovens mais recentes no grupo esses conhecimentos, está existindo no Grupo um processo de ensino-aprendizagem. Ensino-aprendizagem, porque à medida que as jovens aprendem, elas também ensinam.

O estímulo *Grupo Maria Esperança (3)* também é visto pela população masculina do Bairro dos Remédios como a representação do **trabalho [3]**, que podemos interpretar como sendo o resultado da ação contínua das ex-alunas Dorotéias com o Grupo Maria Esperança, bem como com a própria comunidade do Bairro. Nessa perspectiva, a entrevista que segue comprova essa hipótese:

Desde que me entendo por gente sei que a Associação das Antigas Alunas Dorotéias faz um trabalho com creche e quando foram formar o Grupo Maria Esperança entrei logo no começo. Eu ainda era uma menina, tinha 11 anos de idade. (Entrevista, jovem X, sexo feminino, 19 anos de idade).

---

<sup>15</sup> Termo usado por Grossi (1995), para falar do processo de ensino aprendizagem dos indivíduos.

Mas, o trabalho, enquanto referência ao Grupo, também necessita ser compreendido como uma atividade voluntária, bem como relacionado com a questão da sobrevivência, como as jovens enfatizam nas entrevistas que seguem:

[...] ajudamos com a creche, quando não estamos na escola. Não são todas as meninas do Grupo que trabalham com a creche, só as que podem e querem ajudar. A educação no grupo faz com a gente consiga se expressar melhor, até na escola não fico com medo de falar, de dá a minha opinião. Ah! A educação no Maria Esperança é boa, incentiva a gente a querer viver melhor, enfrentado os problemas que temos. A maioria dos nossos pais são agricultores, ou trabalha limpando um mato, pintando casa, descarregando as mercadorias dos caminhão, ali no posto, você sabe né D....., esse posto que fica aqui, não tem emprego certo, é muito difícil emprego em Cajazeiras, então esses trabalhos manuais que a gente aprende no grupo ajuda a gente a ter um dinheirinho. (Entrevista, jovem X, sexo feminino, 19 anos de idade).

É que esses trabalhos manuais que a gente faz, você já viu, que tinha vez que quando você chegava a gente tava umas meninas fazendo crochê, tinham umas bordando, fazendo bijuterias e também a gente aprendeu as atividades da cozinha: pastel, coxinha. Você nunca viu a gente trabalhando, aprendendo a fazer coxinha e pastel, mas a gente aprendeu! Que a gente pode vender e ter dinheiro, né? (Entrevista, jovem VI, sexo feminino, 19 anos de idade).

Portanto, o trabalho se estabelece como um recurso, que pode chegar a suprir as necessidades imediatas de sobrevivência do ser humano. Mas também pode ser entendido como uma atividade que garante a realização do indivíduo, no sentido desse sentir-se capaz de transformar e ser transformado pelo trabalho. Podemos ver isto na entrevista seguinte:

Hoje me vejo outra pessoa, comecei a batalhar pelo o que eu quero. Procuo ajudar a outras pessoas do jeito que posso, né? Ensino a outras jovens que estão entrando no grupo esses trabalhos manuais que aprendemos, a bordar, a fazer crochê , e, quando eu bordo uso a minha criatividade ..., o desenho dos bordados me deixa alegre e quando alguém compra e diz que o meu bordado é bem feito fico feliz por saber que sou capaz. (Entrevista, jovem VII, 18 anos de idade).

Dentro desse processo do homem produzindo sua própria vida, através da aplicação de suas forças e capacidades humanas, Saviani afirma:

[...] o homem, para continuar existindo, precisa estar continuamente produzindo sua própria existência através do trabalho. Isto faz com que a vida do homem seja determinada pelo modo como ele produz sua existência. (1994, p. 148).

O cotidiano do *Grupo Maria Esperança* torna-se o facilitador das situações de interação na formação do conhecimento dos indivíduos integrados ao movimento. Sobre o cotidiano, tem-se o hábito de dizer que “é o que se passa todos os dias: no cotidiano nada se passa que fuja à ordem da rotina e da monotonia. Então o cotidiano seria o que no dia se passa quando nada se parece passar”.(PAIS, 2003. p. 28). Ora, é nas trilhas do dia-a-dia do grupo, quando tudo parece ser igual, que as jovens vão construindo e desconstruindo suas representações. É na rotina das atividades praticadas no Grupo que as jovens descobrem possibilidades de romperem com o cotidiano de suas vidas além Maria Esperança. Descobrem que são capazes e podem fazer alguma coisa para ajudar na renda da casa, ingressando no mundo do trabalho mesmo que informalmente.

Ademais, percebemos que a discussão do trabalho vincula-se às indagações em torno da educação. Para que estudar? Quando se trata de jovens da periferia com pouca ou nenhuma condição econômica, a educação é vista de forma utilitarista. A expectativa que a escola formal indica de uma formação futura não atende às condições de pobreza em que a maioria das jovens se encontra, embora não a desconsiderem. “A educação escolar para mim é necessária porque sem ela não teremos nenhum papel que diga que sou uma pessoa estudada. É a educação que diz que sabemos ler, escrever”.(Entrevista, jovem IV, sexo feminino, 18 anos de idade).

Também diríamos que o ingresso no mundo do trabalho formal, pelo viés da educação institucionalizada, seja ela destinada à preparação para tal ingresso através do processo acadêmico, seja através dos cursos técnicos profissionalizantes, é uma entrada bastante restrita. Sabe-se que a maioria dos jovens que consegue ingressar e concluir um curso de graduação é pertencente a classes sociais que têm um considerável capital econômico. Então, por que não dizer como Takeuti (2002. p. 21): “ingressar no mundo do trabalho formal é, para os jovens, dever adentrar por um mundo de constrangimentos, isto sem pensar o quanto o acesso já é, por si mesmo, restrito”.

É bem notória que a representação que as jovens têm do trabalho no processo educativo do Grupo limita-se à ocupação, à execução de tarefas, dentro de uma perspectiva imediata de

possível diminuição de algumas de suas necessidades materiais. O trabalho apresenta-se para essas jovens sem nenhuma perspectiva de formação profissional.

O *Grupo Maria Esperança* (3), enquanto estímulo, ainda é referenciado pela população masculina do Bairro dos Remédios como um modelo de **fé** [3] e **oração** [3]. Dessa forma, buscamos no conteúdo dos discursos das jovens encontrar alguma referência explícita, no que se relaciona à questão da fé e da oração no processo educativo do Grupo. Mas não encontramos nada explícito no conteúdo de suas entrevistas que fizesse alusão específica à fé e à oração no processo educativo do Grupo.

Nesse sentido, é possível dizer que o *Grupo Maria Esperança* ser considerado um lugar de fé e oração passa mais pela representação dos que concretamente não estão envolvidos diretamente com a AAAD e com o Grupo. Embora reflitamos, que a partir da própria realidade social das jovens, a práxis da fé e da oração exista no processo educacional do Grupo.

Assim, tentamos perceber nas entrelinhas das entrevistas seguintes a demonstração da fé e da oração por essas jovens a partir da educação praticada no Grupo, desvelando a realidade que se renova e se recria, a partir da crença religiosa:

Também aprendi muito mais sobre a religião com os seminaristas e também com dona M... e outras pessoas da Igreja que estuda os textos da Bíblia com a gente, a gente vê o que Deus quer pra todo mundo. É tem coisas que tem na Bíblia que a gente não entende, mas a gente descobre, né? Que fica mais fácil viver quando a gente tem Deus no coração, né? (Entrevista, jovem X, sexo feminino, 19 anos de idade).

E também o nosso jeito de ser com as pessoas e o jeito da gente fazer as coisas vai mudando por causa das palestras sobre a religião, que a gente vai vendo no Evangelho, né? A palavra de Jesus Cristo e a gente vai encontrando força pra viver e também vai tentando entender muita coisa da nossa vida. E outra parte também que a gente encontra força pra ter vontade de viver e enfrentar os problemas que a vida é cheia, né? Até pra quem é estudado que vai pra universidade, que tem emprego, não deixa de ter problema também, né? É a gente sentir a palavra de Deus nos cantos, nas músicas de igreja que a gente canta, aí a gente fica agradecendo a Deus e também pedindo que Ele olhe pela gente, né? (Entrevista, jovem II, sexo feminino, 17 anos de idade).

Depois de observarmos essas entrevistas, é possível deduzir que o que está subentendido nesses discursos é que o *Grupo Maria Esperança* é importante na vida dessas jovens, à medida

que, a partir da educação religiosa, possibilita-lhes uma energia espiritual capaz de motivá-las no exercício da vida cotidiana. E como elas mesmas expressam:

Na parte das atividades religiosas a gente aprende as coisas da Igreja Católica mesmo, que ensina a rezar, a reagir. Quando estiver conversando com Deus saber pedir a ele pra ajudar a gente com as nossas necessidades, porque ele é nosso criador e tudo mais. (Entrevista, jovem V, sexo feminino, 17 anos de idade).

Compreendemos que para as jovens do Grupo Maria Esperança, a fé e a oração são elementos da dimensão espiritual que favorecem a dimensão material. Quer dizer, a fé e a oração são um caminho para se chegar a Deus, de modo que Ele possa intervir nas suas relações interpessoais.

Sendo assim, é válido dizer que a questão da fé e da oração está implícita nas representações das jovens como instrumento de sustentação nas vivências e ações das mesmas, a partir dos conhecimentos religiosos suscitados no referido Grupo.

Uma outra representação que a população masculina do Bairro dos Remédios tem do *Grupo Maria Esperança* (3) é que lá existe **união** [3]. Também não encontramos na fala das jovens menções direta à palavra união, então percebemos que a visão dos demais residentes do Bairro dos Remédios, participantes do estudo, é algo que só fica perceptível nas entrelinhas dos discursos das jovens. Podemos perceber isto na entrevista seguinte :

Também tem palestras sobre o problema das famílias de algumas meninas daqui que não sabem tratar as crianças e tratam com violência. Aí a gente participa e dá a nossa opinião. Nós ficamos sentindo pela situação e querendo ajudar com o nosso apoio, mas o psicólogo M.... é quem acompanha as famílias de verdade, a gente fica preocupado e torcendo pra que tudo dê certo. (Entrevista, jovem VII, sexo feminino, 18 anos de idade).

Nesse sentido, podemos compreender que na decorrência da vivência do Grupo a união está acontecendo e que, mesmo quando existe um problema como o da violência acima citado, o qual quem acompanha é o psicólogo, é válida a discussão da questão entre as jovens, pois entendemos que ao debaterem as mesmas estão interagindo com o problema em um ato de união.

Já para a sociedade cajazeirense, o estímulo *Grupo Maria Esperança (3)* é algo que se **desconhece** [3], mas também é sinônimo de **cultura** [3]. Tal representação expressa que o grupo, enquanto espaço de movimento social de inclusão, ainda não é significativamente reconhecido pela referida sociedade, porém onde se tem conhecimento dele, o mesmo é tido como um local de referência cultural, fato que só vem confirmar a perspectiva de espaço de educação voltada para a construção de uma identidade coletiva em busca da superação de exclusão social.

No que se refere ao Grupo enquanto cultura, buscamos afirmação nos discursos das jovens:

Com o pessoal da Universidade desenvolvemos atividades que despertam para a cultura como uma maneira de aprender também. Não esqueci do dia em que a gente se apresentou no Xamegão dançando uma música, e todo mundo ficou olhando a gente lá no Xamegão e pelas palmas no final vi que o povo gostou, foi muito bom, muito lindo. (Entrevista, jovem VI, sexo feminino, 19 anos de idade).

No Maria Esperança temos orientação para a vida. Aí tem também o grupo que veio da Universidade e trabalhou com a gente coisas sobre a nossa cultura, aprendemos mais sobre dança, poesia, a interpretar textos vendo o que acontece na vida da gente. (Entrevista, jovem X, sexo feminino, 19 anos de idade).

Ao longo do debate sobre cultura não se pode dispensar a importância social do ser humano, uma vez que o homem na busca de conhecer a si mesmo tem em cada totalidade social a possibilidade de humanizar-se, ou seja, a cultura pode ser entendida como a origem das relações das pessoas umas com as outras, o que nos traz a memória a justaposição do sentido geral e do sentido reduzido que Chauí faz sobre cultura, nos levando a compreender que a,

Cultura é a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística.

A religião, a culinária, o vestuário, o mobiliário, as formas de habitação, os hábitos à mesa, as cerimônias, o modo de relacionar-se com os mais velhos e os mais jovens, com os animais e a terra, os utensílios, as técnicas, as instituições sociais (como família) e políticas (como Estado), os costumes diante da morte, a guerra, o trabalho, as ciências, a Filosofia, as artes, os jogos, as festas, os tribunais, as relações amorosas, as diferenças sexuais e éticas, tudo isso constitui a cultura como invenção da relação com o Outro. (CHAUI, 1995. p. 295).



Sob essa concepção, faz sentido dizer que o Grupo Maria Esperança, tanto de forma mais ampla como de forma mais específica, traduz-se em referência à cultura. A cultura no Grupo pode ser percebida em todas as atividades desenvolvidas no processo educativo do mesmo. Sejam nas atividades religiosas, artesanais, nas atividades mais sistemáticas, como o estudo de textos, enfim o conjunto das experiências vivenciadas no espaço da AAAD com o Grupo Maria Esperança se constituem em prática de cultura. Observemos na fotografia seguinte um momento em que a dança é incentivada como prática educativa.

#### 4.5 As representações sobre ser residente do bairro

As respostas antagônicas em relação ao estímulo *ser residente do Bairro dos Remédios (1)* revelam a importância de se compreender o fenômeno das representações sociais das jovens do Grupo Maria Esperança sobre a educação na AAAD, fazendo a relação entre as representações das jovens em destaque, as representações dos demais residentes do bairro que participaram do estudo, bem como as representações dos sujeitos da sociedade cajazeirense. As representações que as jovens têm da educação no Grupo perpassam as suas relações com o bairro e com a cidade no cotidiano de suas vidas.

Para as jovens do Grupo Maria Esperança *ser residente do Bairro dos Remédios(1)* representa viver em lugar onde existe a **união[1]** e o **companheirismo[1]**, aspectos que elas mesmas enfatizam em seus discursos:

Por que a gente daqui do bairro é unido, sempre que tem festas aqui na AAAD, as pessoas do bairro vêm ver as nossas apresentações e não é só nas festas que o povo do bairro participa não, também eles participam das novenas que a gente faz no mês de maio e eles gostam das dramatizações que a gente faz. Essa educação que a gente vai tendo no Grupo só faz ajudar cada vez mais o jeito da gente se unir no bairro pra poder a gente ser a gente sem ter medo de se ser a gente, você sabe, né? (Entrevista, jovem III, sexo feminino, 16 anos de idade).

Com a educação no grupo, aprendi a me valorizar e a valorizar o nosso bairro porque as pessoas aqui são companheiras. A gente gosta de apresentar o que fazemos no grupo para a nossa família e para todo mundo do bairro que se interessar em assistir as apresentações da gente. Quando a gente apresenta alguma peça, todo mundo quer assistir e isso

faz a gente se sentir bem quando os pais da gente e os amigos vão assistir a gente. (Entrevista, jovem X, sexo feminino, 19 anos de idade).

Portanto, ser residente do Bairro dos Remédios, enquanto tradução da educação praticada com as jovens do Grupo Maria Esperança, reflete o desejo humanitário de união e companheirismo, que parece estar presente através da participação dos seus moradores nos momentos de festas, dedicados à apresentação dos seus trabalhos artesanais, bem como das dramatizações teatrais e das cerimônias religiosas que realizam. Para as jovens do Grupo Maria Esperança, o fato dos outros moradores do bairro participarem de suas festas, sejam religiosas ou não, significa a demonstração de atenção, de interesse, de amizade

Percebemos, no que não foi dito em suas entrevistas, que para as jovens é importante a presença dos demais moradores do bairro nos momentos de exposição dos conhecimentos experienciados no Grupo, para que a educação ali desenvolvida possa adquirir respeito e confiança de todos.

Para os demais moradores do Bairro dos Remédios, a representação para o estímulo que ora tratamos revela que estes consideram o referido bairro como um lugar calmo [1]. As representações do conjunto dos moradores do Bairro dos Remédios que participaram deste estudo (jovens do Grupo Maria Esperança e alguns indivíduos da população masculina) desvelam uma representação coletiva em suas respostas evocadas a esse estímulo, o que lhe garante uma dimensão de positividade.

No entanto, a sociedade cajazeirense, ao se referir ao mesmo estímulo *ser residente do Bairro dos remédios (1)*, nos dois fatores (F1 e F2), só vem confirmar o processo de exclusão social a que a população desse bairro da periferia da cidade de Cajazeiras está submetida. Esse posicionamento revela que a luta das jovens do Grupo Maria Esperança, através do espaço educacional da AAAD, por um lugar na referida sociedade não é em vão. O fato dessa representação negativa em relação ao referido bairro advir principalmente da população feminina deixa-nos a interrogação: será que os códigos sócio-educacionais não estão agindo com maior intensidade sobre as mulheres cajazeirenses, no que diz respeito à uma apropriação subjetiva da identidade e concepção dos papéis sociais? Esse nosso questionamento fundamenta-se na representação carregada de preconceito e estigma tida por elas em relação ao outro que não faz parte de sua realidade de classe.

A representação do estímulo *ser residente do Bairro dos Remédios (1)* é explicitada pela sociedade cajazeirense como sendo um lugar de pobres [1], de descaso [1], de prostituição [1], de deseducados [1], além de ser um lugar que lhes causa medo [1].

Em relação a ser pobre, encontramos no discurso das jovens do Grupo Maria Esperança, que:

Esse grupo faz parte da minha vida. O fato de lá a gente ter a oportunidade de vê a realidade do nosso bairro, podendo encontrar soluções para as dificuldades do nosso dia-a-dia, me fez ver que podemos ver o mundo de outra forma, que não devemos aceitar tudo o que nos é imposto pela escola, pelos políticos, pelas pessoas que são ricas, né? E que muitas vezes trata a gente com indiferença, preconceito só porque a gente é pobre com pouco dinheiro e não tem carro nem casas bonitas. (Entrevista, jovem V, sexo feminino, 17 anos de idade).

É notável que, através das oportunidades educacionais que estão vivenciando no Grupo, as jovens manifestam opiniões sobre a vulnerável situação social e insustentável condição econômica que impedem a inclusão social dessas na sociedade cajazeirense. Nesse sentido, nos reportamos a Paugam, quando diz que: “A pobreza não é apenas o estado de uma pessoa que carece de bens materiais, mas corresponde também a um *status* social específico, inferior e desvalorizado, que marca profundamente a identidade daqueles que a vivenciam.” (1991. p. 13).

Considerando ser pobre, na perspectiva de Paugam, particularmente no que ele chama pobreza marginal, que é a interseção entre a pobreza integrada<sup>16</sup> e a exclusão social, a entrevista seguinte nos atesta que as jovens do Maria Esperança vivenciam esse tipo de pobreza em suas relações cotidianas na cidade de Cajazeiras:

De certa forma as coisas que aprendemos no grupo me ajudam a saber pensar na hora de agir e dizer não para as injustiças, para os que ignoram a gente, olham pra gente como se a gente tivesse alguma doença, com medo só porque a gente não mora no centro da cidade, nem no Jardim Oásis, você sabe né? Que a maioria do povo dessa cidade é assim, não tô dizendo com vocês que trabalha com a gente aqui porque vocês falam com a gente em todo canto, né?, Mas a maioria do povo não. (Entrevista, jovem V, sexo feminino, 17 anos de idade).

---

<sup>16</sup> Refere-se ao pensamento tradicional de pobreza não apontando particularmente o que se designa exclusão social; o padrão de vida é baixo, porém continua intensamente integrado em seus espaços sociais organizados em volta da família e do bairro.

Para as jovens, a educação no Maria Esperança significa também poder beneficiar-se de um conhecimento diferenciado, à medida que este lhes possibilita uma melhor apreensão dos seus sentidos e ações práticas em suas vivências sociais.

Também percebemos na fala acima que as jovens reconhecem que a sociedade cajazeirense se refere a quem mora nos bairros da periferia com o sentimento de medo, logo, encontramos na representação da jovem uma das possíveis explicações para essa sociedade ter dado como resposta ao estímulo (1) a palavra medo. Mais uma vez, percebemos o quanto os moradores do Bairro dos Remédios, por conseguinte, as jovens do Grupo Maria Esperança, estão sendo excluídos pelos padrões de sociabilidade da sociedade na qual estão inseridos, mais precisamente no que diz respeito ao local e as condições de moradia.

Quanto à sociedade cajazeirense representar o Bairro dos Remédios como um local de prostituição, percebemos que essa representação encontra respaldo na entrevista seguinte:

[...] se não fosse a educação desenvolvida no grupo eu poderia estar fazendo outras coisas como me prostituindo ou usando drogas, como o povo diz que tem umas meninas do bairro que faz isso, mas eu mesma nunca vi nenhuma menina fumando maconha nem se prostituindo, como o povo fala. (Entrevista, jovem II, sexo feminino, 17 anos de idade).

Na nossa interpretação, há um duplo discurso nessa fala, com relação à questão da prostituição. Ora ela vê que existe de fato a prostituição no bairro e que a educação vivenciada no Grupo Maria Esperança influencia consideravelmente na construção dos seus valores morais e na maneira de se comportar diante da sociedade, principalmente diante das seduções comuns identificadas no cotidiano do Bairro dos Remédios como o ingresso no submundo das drogas e da prostituição. Ora ela vê que é uma coisa da imaginação das pessoas. Logo, podemos dizer que o discurso dessa jovem, em relação à prostituição em seu bairro, é um discurso realmente ambíguo e que encerra uma contradição. Não quer dizer, necessariamente, que se as jovens não participassem do Maria Esperança seriam garotas de programa e usariam drogas. O fato é que a educação vivenciada no Grupo, na representação dessas jovens, é uma oportunidade em que as mesmas se apossam de informações que lhes ajudam a resistir a tais seduções.

Quando a sociedade cajazeirense expressa que o Bairro dos Remédios é um lugar de deseducados, compreendemos que para essa sociedade naquele bairro existe uma má educação

por parte dos seus moradores. Mas essa representação não encontra sustentação nos discursos das jovens. Ao contrário, elas reconhecem a existência do processo educacional no referido bairro tanto através da educação formal: “[...] o povo dessa cidade fica querendo ser melhor do que a gente que mora aqui nos Remédios. Ô! besteira, se aqui tem escola [...]” (Entrevista, jovem IV, sexo feminino, 18 anos de idade), bem como da educação não-formal: “[...] é bom poder sentir que a gente tem um canto como Associação, com pessoas que se preocupam com a educação da gente”.(Entrevista, jovem III, sexo feminino, 16 anos de idade).

Não poderíamos deixar de reconhecer que quando a sociedade cajazeirense se refere ao estímulo (1), na representação de descaso, a mesma esteja fazendo um questionamento crítico em relação ao abandono das condições de infra-estrutura urbana, a que o Bairro dos Remédios se encontra exposto. E nesse sentido, vemos que embora não tenha se sobressaído no plano fatorial do gráfico, referente às representações das jovens nenhuma palavra nesse aspecto, as mesmas têm a noção da necessidade de uma melhor condição de infra-estrutura do bairro nas discussões vivenciadas no Grupo Maria Esperança. Podemos observar isso na entrevista seguinte:

A aprendizagem no grupo parte muito do diálogo, do debate sobre drogas, gravidez na adolescência, direitos de cidadania, preconceito racial, violência, a questão da infra-estrutura das ruas, do bairro e também estudamos sobre a questão da moradia. (Entrevista, jovem V, sexo feminino, 17 anos de idade).

Nesse aspecto, a educação no Grupo Maria Esperança preocupa-se em criar oportunidades educacionais que levem as jovens do referido Grupo a atentarem para as condições de bem-estar no espaço físico urbano.

#### **4.6 As representações sobre a sociedade cajazeirense**

As representações sociais que as jovens do Grupo Maria Esperança têm a respeito do estímulo *sociedade cajazeirense* (2) traduzem-se em termos como **desigualdade** [2] e **desemprego** [2]. A priori, diríamos que as jovens do Grupo Maria Esperança identificam que o sistema econômico e social que estrutura a sociedade cajazeirense é organizado em condições

desfavoráveis, que produzem o processo de iniquidades e desigualdades sociais. Exemplo disso é o que está expresso no discurso seguinte, referindo-se à falta de emprego: “[...] é muito difícil emprego em Cajazeiras. Então esses trabalhos que aprendemos no grupo ajudam a gente a ter um dinheirinho.” (Entrevista, jovem X, sexo feminino, 19 anos de idade).

O discurso comprova que as jovens vivenciam concretamente o desemprego na cidade de Cajazeiras e que a educação desenvolvida no grupo lhes proporciona alguns instrumentos práticos que servem para atenuar um pouco as suas necessidades materiais.

Entendemos que o desemprego e as desigualdades no meio da sociedade cajazeirense se apresentam para as jovens do Grupo Maria Esperança como faces de uma mesma moeda. Vemos isto na entrevista que segue:

É uma educação que desperta para a cidadania. Quando você tá no hospital sabe o que você tem direito, porque aqui em Cajazeiras é assim, se você chega no hospital num carrão, com roupas bonitas você é atendido direito, mas se a pessoa tá limpa e tudo, mas não anda toda chique e nem tem emprego aí eles lá quando a gente tá no hospital e chega lá, esse povo que trabalha lá fica querendo ser dono do hospital. E quando é pra dá o endereço, quando a gente diz que é dos Remédios aí que eles querem mandar em tudo e deixando a gente sem informar direito as coisas. Mas depois que a gente começou a discutir sobre as desigualdades aqui no Grupo, você aprende a dizer não é assim, é assim, saber cobrar os deveres deles e os nossos direitos, por que a gente paga impostos, né? (Entrevista, jovem V, sexo feminino, 17 anos de idade).

De certo modo, é possível compreender que a educação no Grupo Maria Esperança está despertando nas jovens a construção de um novo sujeito, que pode vir a ser reconhecido na sociedade local, através de suas ações reivindicativas no cotidiano de suas relações sociais na cidade. Nesse processo, a jovem se identifica e identifica o outro dentro de uma nova perspectiva de mundo, cujo elemento mediador é um caminho metodológico que pensa a educação na perspectiva de construção da cidadania das jovens em questão, como meio que firma e diferencia os sujeitos nessa sociedade. O caminho ou método se reflete numa atitude no jeito de ensinar e de aprender.

Na entrevista seguinte, podemos observar que a educação no Grupo Maria Esperança é provocadora das reflexões sobre os conflitos sócio-econômicos, representados como desigualdade e desemprego pelas jovens em relação ao estímulo *sociedade cajazeirense* (2):

Aqui no Grupo a gente desperta para os direitos da gente como cidadão, que a gente vê quando ta lendo os textos que estudamos aqui que falam dos nossos direitos. Eu me interessei em participar de uns encontros que estão acontecendo em Cajazeiras para discutir sobre a elaboração das políticas públicas para a juventude e eu participo como uma das representantes do Maria Esperança. (Entrevista, jovem IX, sexo feminino, 16 anos de idade).

A educação vivenciada no Grupo Maria Esperança, dentro desse processo de construção da cidadania das jovens, remete-nos ao pensamento de Paulo Freire (1996) quando congrega cidadania e autonomia no seu livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, como sendo um aspecto de grande importância do processo de ensino-aprendizagem.

Como podemos verificar, as jovens têm uma representação negativa da sociedade cajazeirense e, de acordo com os seus discursos, é possível deduzir que elas articulam a educação vivenciada no Grupo ao enfrentamento desses problemas de aspectos sócio-econômicos.

Uma outra representação que encontramos para o estímulo *sociedade cajazeirense* (2) refere-se à **feira** [2] e advém da população masculina do Bairro dos Remédios. Nesse sentido, podemos dizer que a educação no Grupo Maria Esperança está fazendo a diferença. À medida que comparamos a representação dada a esse estímulo pelas jovens e pelos demais residentes do Bairro dos Remédios que participaram do estudo, verificamos que os últimos não manifestaram nenhuma opinião crítica em relação à estrutura da sociedade cajazeirense, em termos dos conflitos sociais, econômicos e políticos.

Por sua vez, a sociedade cajazeirense aponta um outro sentido no que diz respeito ao estímulo 2 (sociedade cajazeirense), representado como **hipócrito** [2] e **acolhedora** [2], mas também como **cultura** [2] e **religião** [2]. A partir de tais representações, é cabível dizer que a sociedade cajazeirense, de um modo geral, apenas expressa uma falsa moral ao reconhecer a hipocrisia das convenções sociais e ao mesmo tempo dar a entender que está tudo muito bem.

## 4.7 As representações sobre si mesmo

As representações das jovens do Grupo Maria Esperança, no que se refere ao estímulo de *si mesmo* (4), expressam-se em termos como **inteligente [4]** e **bonita [4]**.

Compreendemos que a auto-estima positiva das jovens do Grupo Maria Esperança é visível, através dessas duas representações: **bonita [4]** e **inteligente [4]**, possibilitando identificar significados a representação de si mesmo contidos na sensibilidade ao que é belo, mas também relacionados à construção intelectual do indivíduo.

Para as jovens, ser inteligente associa-se ao ato de aprender e ensinar. Podemos perceber isso nas entrevistas que seguem:

O que se aprende no Maria Esperança é algo que não se consegue esquecer, é diferente das atividades que desenvolvemos na escola, é algo mais intelectual. A gente aprende pra nossa vida e passamos as outras pessoas, a gente se sente inteligente. (Entrevista, jovem V, sexo feminino, 17 anos de idade).

As atividades que fazemos lá, me faz ver que sou capaz de aprender e realizar várias coisas ... Sei fazer os bordados e ensinar para outras pessoas, também sei entender os textos que a gente lê aqui, explicando o que a gente entendeu fazendo cartaz, ou mesmo só falando. São atividades que me ajudam na minha vida e a gente vai vendo que tem inteligência para fazer as coisas, é a maneira de ensinar que ajuda a gente aprender, né?. (Entrevista, jovem VIII, sexo feminino, 14 anos de idade).

É interessante observar que, a partir da educação no Grupo, as jovens vão criando representações sobre si mesmas, no sentido de um crescimento pessoal através da vivência, descobrindo que são inteligentes e que todas as pessoas são inteligentes, desde que tenham oportunidades de aprendizagem motivadoras para o desenvolvimento do processo de compreensão cognitiva.

Ser inteligente, para as jovens, pode estar associado ao desenvolvimento das atividades suscitadas no Grupo, tornando-as capazes de fazer novas leituras de mundo através da educação experienciada. Vejamos algumas entrevistas nesse sentido:



Ser do Maria Esperança mudou a minha vida. Antes eu tinha vergonha de dizer que era do Bairro dos Remédios, agora não tenho mais. Hoje sou informada, com novos conhecimentos que a gente aprende aqui no Grupo, que me fez ver que sou capaz de lutar por lugar na sociedade. (Entrevista, jovem VIII, sexo feminino, 14 anos de idade).

Com as coisas que aprendo no Maria Esperança, consigo ver a realidade do meu bairro, da minha cidade. Hoje me sinto capaz de conversar com as outras jovens dos Remédios que não participam do Maria Esperança, de dizer pra elas como é bom participar do grupo, de como a pessoa aprende lá. (Entrevista, jovem IX, sexo feminino, 16 anos de idade).

Essas entrevistas nos levam a cogitar que a educação no Grupo, enquanto parte da vida dessas jovens, está estimulando uma inteligência indagadora, à medida que as jovens refletem sobre as suas vidas em sociedade, enriquecem as suas personalidades.

Nesse sentido, podemos entender que a inteligência não consiste unicamente em acolher marcas do meio ambiente, sem entender os objetos, mas sim em perceber estes através da compreensão que se revela no instante exato da prática, posição assumida por Kant (1950).

As representações da população masculina do Bairro dos Remédios em relação ao estímulo *si mesmo* (4) manifestam-se em termos como **noite** [4], **festa** [4] e **trabalho** [4]. Também podemos dizer que as representações desses outros residentes do Bairro dos Remédios são representações positivas, uma vez que eles se identificam como pessoas que gostam do divertimento, mas que são trabalhadores.

A sociedade cajazeirense refere-se ao estímulo *si mesmo* (4) como **alegre** [4], **amor** [4], **determinado** [4], **caridoso** [4] e **honesto** [4]. Diríamos que as representações da sociedade cajazeirense, assim como a das jovens do Grupo Maria Esperança, manifestam-se através de uma auto-estima positiva e que apenas diferenciam-se no sentido que dão às suas representações. Enquanto as jovens chegam a mencionar questões relativas ao lado intelectual do ser, a sociedade manifesta suas representações enfatizando apenas valores morais.

Finalizando, foi dentro desse conjunto de análises que alcançamos visualizar as representações sociais das jovens do Grupo Maria Esperança sobre a educação na AAAD.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ângela Maria. *Encantaria da pedra: o espaço estético no sertão e na obra de Flávio Freitas*. Natal, RN: NAC-UFRN, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referência: elaboração. Rio de Janeiro, 2002 a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura. In: NOGUERIA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs). *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. A Doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. In: ZIZEK Slavoj (Org.). *Um mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 265-278.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CARVALHO, Maria do Rosário de. Entre a busca da verdade e a identificação do consenso: reflexões sobre pesquisa em Representações Sociais. In: COUTINHO, Maria da Penha de Lima et al.. *Representações Sociais: abordagem interdisciplinar*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A cultura do plural*. Campinas-SP: Papirus, 1995.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 1990.

CIBOIS, P. *Programa Tri-Deux-Mots*. (Versão 2.2). Paris: Ufr/Sciences Sociales, 1995.

CUNHA, Marcus Vinicius da. *A educação dos educadores: da Escola Nova à escola de hoje*. Campinas, SP: Mercado de letras, 1995.

FARR, Robert M. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOCHELOVICH, Sandra. *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1997.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Movimentos sociais e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Educação não-formal e cultura política. Impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo: Cortez. 1999.

GÓMEZ, A. I. Pérez. A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula. In: SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. Pérez. *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

GONSALVES, Elisa Pereira. *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GROSSI, Esther Pilar. Uma nova síntese sobre como acontece a ensinagem. In: *Memórias do IV Internacional: universidade e educação popular*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1995.

http:< [www.alexmoura.cjb.net](http://www.alexmoura.cjb.net) >(ALEX MOURA). Acesso: maio 2005.

JODELET, Denise. Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In: MOSCOVICI, Serge (Org.). *Psychologie sociale*. Tradução de Marcelo Saldanha da Gama Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

KANT, I. *Critique de la raison pure*. 2.ed. Paris: Presses Universitaire de France, 1950.

LANDIM FILHO, Raul. Educação e conscientização. In: FÁVERO, Osmar (Org.). *Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LINS, Carla Patrícia Acioli; SANTIAGO, Maria Eliete. Representações Sociais: Educação e Escolaridade. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes, JESUÍNO, Jorge Correia (Orgs). *Representações Sociais: teoria e prática*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

LIVRO DO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS (PB). Cajazeiras: Prefeitura Municipal / MOBREAL.; João Pessoa, PB: UNIGRAF, 1984.

MADEIRA, Margot Campos. Representações e educação: importância teórico-metodológica de uma relação. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes, JESUÍNO, Jorge Correia (Orgs). *Representações Sociais: teoria e prática*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

\_\_\_\_\_;ALLOUFA, J. *Representações sociais e Educação: que relação é esta ?* In: II COLÓQUIO FRANCO-BRASILEIRO EDUCAÇÃO E LINGUAGEM. Natal (RN), 1996. *Anais*. UFRN -. EDUFRN (RN), p. 11-15, 1997.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, vol. I, 1985.

MORAIS, Arisnete Câmara de Moraes. Uma senha chamada desejo. In: MORAIS, Arisnete Câmara de Moraes (Org). *Carrossel de leituras: ensaios de vida*. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2003.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2003.

NOBREGA, Sheva Maia da. Sobre a Teoria das Representações Sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes, JESUÍNO, Jorge Correia (Orgs). *Representações Sociais: teoria e prática*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos: contribuição à história da educação brasileira*. São Paulo: Loyola, 1987.

PAUGAM, Serge. *La disqualification sociale . Essai sur la Nouvelle Pauvreté*. Paris: PUF, 1991.

PLATÃO. *A república*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

SÁ, Celso Pereira de. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SACRISTÁN, Gimeno J; GÓMEZ, A.I.Pérez. *Compreender e transformar o ensino*. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETTI, Celso et al (org). *Novas tecnologias, trabalho e educação*. Petrópolis: RJ: Vozes, 1994.

SOARES DA SILVA, Alessandro; BARBOZA, Renato.(2005). *Diversidade sexual, Gênero e Exclusão Social na produção da Consciência Política de Travestis*. Athenea Digital, 8, 27-49. Disponível em: < <http://antalya.uab.es/athenea/num8/soares.pdf> >. Acesso:13 mar. 2006.

SOUSA, J.de S.; LIMA, R. de B.; CAMILO, L. de O. D. *Educando Através da Arte*. In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO. *Anais*, Belo Horizonte, 2004- UFMG.1 CD-ROM.

SOUSA, Nádia Jane; SOUSA, Débia Suênia da Silva. *Relatório/PROBEX do “Projeto Educando com Arte”*.Cajazeiras, maio de 2002.

SOUZA e SILVA, Jailson. *Por que uns e não outros : caminhada de jovens pobres para a universidade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

TAKEUTI, Norma Missae. *No outro lado do espelho: a fatura social e as pulsões juvenis*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquette operária*. São Paulo: Polis, 1982.

VERÁS, Roberto. Notas sobre educação participativa em um contexto de mudança social. In: GARCIA, Regina Leite. *Aprendendo com os movimentos sociais*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED., 2005.

YUKA, Marcelo. Minha alma (a paz que eu não quero). Intérprete: Maria Rita. In: MARIA RITA. *Segundo*. Warner Music Brasil LTDA, p 2005. 1 CD. Faixa 6.

DOCUMENTO:

LIVRO DE ATA DO GRUPO MARIA ESPERANÇA- Associação das Antigas Alunas Dorotéias. Cajazeiras, 1997.

## ANEXOS

### ANEXO A - Teste de Associação Livre

#### PARTE I:

##### IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS (para as Jovens do Grupo Maria Esperança)

Nome: \_\_\_\_\_ N° \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Tempo de participação no Grupo: \_\_\_\_\_

Data do teste: \_\_\_\_\_ Hora: \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_

##### IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS (para os outros participantes do teste)

Nome: \_\_\_\_\_ N° \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Profissão/ocupação: \_\_\_\_\_

Data do teste: \_\_\_\_\_ Hora: \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_

#### PARTE II:

### ESTIMULOS

1) Diga-me seis palavras que você associa a SER RESIDENTE DO BAIRRO DOS REMÉDIOS:

1: \_\_\_\_\_ 4: \_\_\_\_\_  
2: \_\_\_\_\_ 5: \_\_\_\_\_  
3: \_\_\_\_\_ 6: \_\_\_\_\_

2) Se eu lhe digo SOCIEDADE CAJAZEIRENSE o que lhe vem à mente:

1: \_\_\_\_\_  
2: \_\_\_\_\_  
3: \_\_\_\_\_

4: \_\_\_\_\_  
5: \_\_\_\_\_  
6: \_\_\_\_\_

3) Quando eu digo ASSOCIAÇÃO DAS ANTIGAS ALUNAS DOROTÉIAS – GRUPO MARIA ESPERANÇA o que lhe vem à mente:

1: \_\_\_\_\_  
2: \_\_\_\_\_  
3: \_\_\_\_\_

4: \_\_\_\_\_  
5: \_\_\_\_\_  
6: \_\_\_\_\_

4) Diga-me seis palavras que você associa a SI MESMO:

1: \_\_\_\_\_  
2: \_\_\_\_\_  
3: \_\_\_\_\_

4: \_\_\_\_\_  
5: \_\_\_\_\_  
6: \_\_\_\_\_